



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

A REPRESENTAÇÃO DE LÍNGUAS NO CIBERESPAÇO: UM FUNCIONAMENTO
ENUNCIATIVO NA CONTEMPORANEIDADE



Universidade Federal de São Carlos

André Stefferson Martins Stahlhauer

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

A REPRESENTAÇÃO DE LÍNGUAS NO CIBERESPAÇO: UM FUNCIONAMENTO
ENUNCIATIVO NA CONTEMPORANEIDADE

ANDRÉ STEFFERSON MARTINS STAHLHAUER

Bolsista: (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP)

Tese apresentada ao Programa de

Pós-Graduação em Linguística da
Universidade Federal de São Carlos,
como parte dos requisitos para a obtenção
do Título de Doutor em Linguística.

São Carlos - São Paulo - Brasil

2014

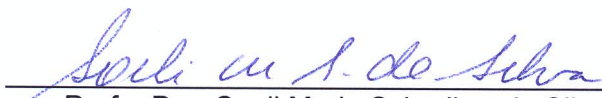
Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S781r Stahlhauer, André Stefferson Martins
 A representação de línguas no ciberespaço : um
 funcionamento enunciativo na contemporaneidade /
 André Stefferson Martins Stahlhauer. -- São Carlos :
 UFSCar, 2016.
 148 p.

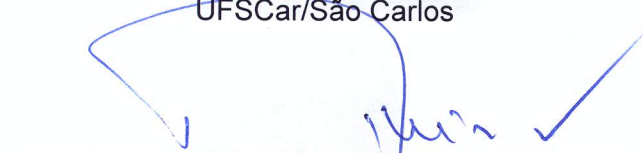
 Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São
 Carlos, 2014.

 1. Línguas. 2. Internet. 3. Enunciação. 4. Sentido.
 5. Político. I. Título.

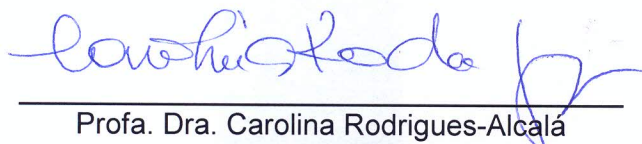
**BANCA EXAMINADORA DA TESE DE DOUTORADO DE
ANDRÉ STEFFERSON MARTINS STAHLHAUER**



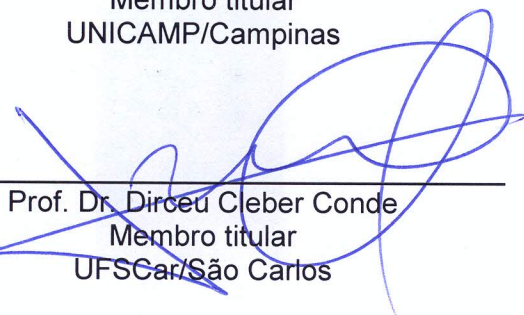
Profa. Dra. Soeli Maria Schreiber da Silva
Orientadora e Presidente
UFSCar/São Carlos



Prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães
Membro titular
UNICAMP/Campinas



Profa. Dra. Carolina Rodrigues-Alcalá
Membro titular
UNICAMP/Campinas

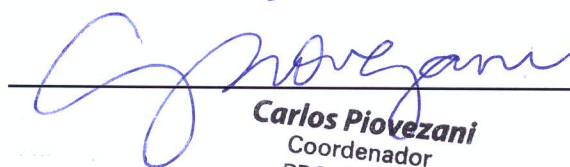


Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde
Membro titular
UFSCar/São Carlos



Profa. Dra. Carolina de Paula Machado
Membro titular
UFSCar/São Carlos

Submetida a defesa pública em sessão realizada em: 24/outubro/201__.
Homologada na 67 reunião da CPGL, realizada em 19/12/2014.



Carlos Piovezani
Coordenador
PPGL/UFSCar

AOS MEUS PAIS.

Aos Martins e aos Stahlhauer.

Aos espelhos ...

Agradecimento especial à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, pela manutenção das bolsas, desde a Iniciação Científica, no Mestrado e no Doutorado e no Estágio no Exterior, que através do financiamento dessas pesquisas, possibilitou dedicação exclusiva às atividades acadêmicas.

Agradecimentos para este posto da travessia...

... em 4 anos e alguns meses, com tantas experiências, eles são muitos...

Primeiramente, à minha família e à(ao) m(eu)inha analista ...

Aos meus pais, pelo amor incondicional e pelo ambiente que me proporcionaram nos últimos tempos;

Ao Tiago, que tem me acompanhado de perto, com carinho, atenção, compreensão, pela sintonia ...

À Soila, pelo acompanhamento na orientação desde a minha Iniciação Científica, na graduação, pelo incentivo aos trabalhos;

À Claudia Freitas Reis, minha amiga desde a graduação, pelo esforço e dedicação em nossa amizade, pela disposição em discutir o trabalho.

À banca de qualificação, o professor Eduardo Guimarães e o prof. Dirceu Cleber Conde, que, através de suas leituras, instruíram-me até aqui ...

À Carolina de Paula Machado, Carol, pelas discussões amigáveis nos últimos tempos de escrita, pela discussão teórica e pelas orientações na banca,

À banca de defesa, em especial à professora Carolina Rodriguez, do Labeurb-Unicamp, pela bela explanação, pela instrução, pelos comentários,

Aos professores do Departamento de Letras e do PPGL, Mônica Baltazar Diniz Signori, Vanice M. Oliveira Sargentini, Gladis M. Barcellos de Almeida, Marília Blundi Onofre, Roberto Leiser Baronas, Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale, Carlos Piovezani e Luzmara Curcino Ferreira, Nelson Viana, pelo diálogo, pela formação, pela amizade;

Aos colegas da Unidade de Pesquisa de Estudos Históricos, Políticos e Sociais da Linguagem (UEHPOSOL)/UFSCar, sobretudo à Tânia Mara da Silva e Ana Claudia Nascimento pelo apoio, pelas conversas e desabafos das aflições dos nossos trabalhos ...

Aos amigos do PPGL:

Jocnilson Ribeiro dos Santos, pela companhia, pelos papos, pelas viagens...

Maria Cristina Santos Turati e Carlos Turati, pelo carinho de sempre ...

Tatiana Moreira, pela presença, pelo compartilhamento das aflições nas viagens ...

Aos meus amigos de São Carlos:

Eleonora Bambozzi Bottura, Stefanie Fernanda Pistoni Della Rosa, Camila Landis, Jorge Luís Oliveira, Priscila Alexandre, Débora Duarte de Medeiros Pollini;

Mariúcha Magrini Neri, minha creminha.

Lívia Maria Falconi Pires, pela importante presença nos últimos tempos;

À minha prima Bi, pelos elos e esclarecimentos...

À Luciana Nogueira e Renato César F. Fernandes, pelo acolhimento em Paris, pela conversa engajada ...

Ao professor Patrick Sériot, supervisor durante o Estágio de Pesquisa no Exterior, na Université de Lausanne – Vaud, Suíça. Pelo aceite, pelas discussões, pelos embates teóricos. E à sua equipe, principalmente ao Sébastien Moret, pela recepção e disponibilidade, e à Ekaterina Alexeeva, pelas conversas com tons amigáveis.

Aos amigos que fiz na Suíça

Noemi Vön Daniken, Justine Bouchot, Jacques e Joseph Saliba, Myrian Ladaique, Cathy, Justine Yawa e Vèrène Zay, pela companhia no CUC, pelos cafés da manhã cercado de discussões ...

Em especial à:

Carlotta Bongiorno (minha cochi), pela presença, pelo amor, pelo acolhimento, *per me far amare il italiano* ...

Nathália Arruda Guimarães, pela companhia, maturidade, “sobriedade”, pelas luzes nos dias gris suíços, pela palavra amiga e terapêutica ... À sua família, o Edu, a Clari e a Sarinha, pelo acolhimento...

Laina Maia pela companhia, pela cumplicidade... Ao Franz K. Thiel pela real experiência multilíngue em port-espano-franco-alemão.

Cristiane Souza pela oportunidade de diálogo, pela companhia nos domingos em Lutry...

Amanda Piovesan Ucci (a minha bast) pela ponte Araraquara/Genebra/Lausanne/etc, que me aproximava da minha terra natal, pela presença atual.

Aos (ex)companheiros de república, Maria Augusta Sant'Anna, Camila Fernanda Rodrigues, Daniela Mara Gouvêa Bellini, pela companhia, pela tolerância, pelos debates políticos, pelas refeições divididas ...

Prochain arrêt ... Lausanne

Nächster halt ... Lausanne

Next stop ... Lausanne

Prossima fermata ... Losanna ...

... dizia o anúncio no trem ...

RESUMO

A partir de discussões de conceitos no interior de uma Semântica da enunciação, fazemos uma leitura dos sites oficiais dos países nos quais encontramos seções que discorrem sobre as línguas que circulam nesses lugares. Sendo assim, analisamos as designações “inglês”, “francês”, “alemão”, “italiano” e “reto-romance”, no site da Suíça, “língua francesa”, no site da França, e “português”, no site do Brasil, de modo a compreender que seus sentidos são construídos pelas disparidades entre o nacional, o real e as regulações do oficial e do virtual. Nesse lugar de representação, mostramos as operações enunciativas do locutorEstado, interessando-nos, por isso, a textualidade dos sites, organizada pelo agenciamento específico de um texto da internet, em que se inscreve o locutorWeb, concomitantemente com o Estado. Em consequência disso, fazemos uma reflexão sobre a representação dos espaços de enunciação em sites oficiais de modo a entender como nesse movimento de escrita dos países na internet se delineiam os sentidos sobre as línguas faladas nesses espaços. No Acontecimento da enunciação, em Guimarães (2002), temporalizam-se os sentidos dessas línguas. Dessa maneira, a temporalidade, a política e o político, os espaços de enunciação e a textualidade dos sites são as bases para a discussão da constituição dos sentidos das línguas. Relativamente à política e ao político, também, empreendemos, neste trabalho, um esforço para pensar suas movimentações, já que nos sistemas democráticos, suas políticas pautadas no consenso, regulam as práticas de inclusão e exclusão dos falantes dos processos de significação. Ainda, nessa tensão entre descrição/interpretação, mostramos as hierarquias que significam no trabalho enunciativo entre línguas e falantes, característica dos espaços de enunciação e por fim os procedimentos que esses falantes locutores operam para a organização do texto, como a reescrituração, a articulação e a enumeração.

Palavras-chave: Línguas. Internet. Enunciação. Sentido. Político. Texto.

RÉSUMÉ

D'après les discussions de concepts de la sémantique de l'énonciation, nous faisons une lecture des sitesweb officiels des pays dans lesquels nous trouvons des sections qui représentent des langues qui circulent dans ces lieux. Ainsi, nous analysons les désignations « l'anglais », « le français », « l'allemand », « l'italienne » et « le reto-romanche » dans le siteweb de la Suisse, « Langue française », dans ce de la France, et la désignation « portugais », dans ce du Brésil, afin de comprendre comment leurs significations sont construites par les disparités entre le national, le réel et les règlements de l'officiel et du virtuel. Dans ce lieu de représentation, nous montrons les agencements opérés par l'État-haute-parleur, c'est à dire, sa façon, d'intégrer ses énoncés à la textualité de sitesweb organisés par un autre agencement spécifique d'un texte d'Internet, où s'inscrit l'État-haute-parleurWeb, en même temps que l'État. En conséquence, nous réfléchissons sur les espaces de représentation de l'énonciation sur les sitesweb officiels pour mieux comprendre comment dans ces mouvements d'écritures des pays sur l'internet dessinent des sens des désignations des langues parlées dans ces espaces. Dans l'événement de l'énonciation, selon Guimarães (2002), on temporalise les sens de ces langues. Ainsi, la temporalité, la politique et le politique, les espaces de l'énonciation et la textualité des sitesweb sont à la base de la discussion de la constitution du sens de ces langues. De plus, par rapport à la politique et le politique, on entreprend ce travail, un effort pour penser ses mouvements, puisque dans les systèmes démocratiques, les politiques basées sur le consensus régissent les pratiques d'inclusion et d'exclusion des parlants des processus des significations. Alors, dans ce mouvement de descriptions/interprétation, on montre les hiérarchies qui signifient dans le travail énonciatif entre les langues et les parlants, qui sont-elles caractéristiques de ces espaces d'énonciation, bien que ses procédures qui manipulent ces parlants État-haute-parleurWeb pour l'organisation du texte, comme la re-écriture, l'articulation et l'énumération.

Mots-clefs : Langues. Internet. Énonciation. Sens. Le Politique. Texte.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
I. ENUNCIACÃO	7
1.1 ENUNCIACÕES	7
1.1.1 <i>O acontecimento</i>	7
II. AS POLÍTICAS E O POLÍTICO: OS LUGARES DA(S) LÍNGUA(S) E SUAS REPRESENTAÇÕES	16
2.1 A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E NAÇÃO E A POLÍTICA DE GESTÃO DAS LÍNGUAS	23
2.2 OS ESPAÇOS E AS LÍNGUAS: OS RECOBRIMENTOS	30
2.2.1 <i>Língua, civilização e nação</i>	32
2.3 OS ESPAÇOS DE ENUNCIACÃO E AS DIVISÕES DE LÍNGUAS	36
III. RELAÇÃO LÍNGUA/ESTADO/NAÇÃO: (DES)PERTENCIMENTOS	39
3.1 O ESPAÇO DE ENUNCIACÃO DA SUÍÇA	39
3.2 OS LIMITES, AS FRONTEIRAS, AS LÍNGUAS, SEUS DIALETOS: OS SOTAQUES E OS ACENTOS	39
3.3 STATUS, VALORES, GESTÃO, GOVERNANÇAS DE LÍNGUAS NA SUÍÇA	44
3.4 LÍNGUAS NA SUÍÇA: O LUGAR DO PORTUGUÊS	45
3.5 A SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO, E OS ESPAÇOS DE ENUNCIACÃO DA SUÍÇA	46
3.6 EM TERRITÓRIO HELVÉTICO SE FALA RACLETTE, RÖSTI, PASTA, PIZZA, LEITÃO E FRANGO	46
IV. O TEXTO E A TEXTUALIDADE NA INTERNET	55
4.1 DA COMUNICAÇÃO A UMA POLÍTICA DE REPRESENTAÇÃO	55
4.2 TEXTO E ENUNCIACÃO NA INTERNET	58
V. O TRABALHO COM A DESIGNAÇÃO DE LÍNGUAS NOS SITES OFICIAS	68
5.1 REPRESENTAÇÕES E DIVISÕES DE LÍNGUAS NO CIBERESPAÇO	72
5.2 OS PROCEDIMENTOS SEMÂNTICOS E SUAS ANÁLISES	73
5.2.1 <i>Os modos de enunciar na internet: suas instâncias, seus caminhos</i>	73
5.3 O INGLÊS NA SUÍÇA: LÍNGUA DE PRESTÍGIO E CHEIA DE ATRATIVOS	76
5.4 LANGUE FRANÇAISE E LE FRANÇAIS, DOIS PAÍSES, DUAS RELAÇÕES DIFERENTES	81
5.5 O IDIOMA PORTUGUÊS E O ESTADO BRASILEIRO: MONOLINGUISMO E TRANSNACIONALIDADE	88
5.6 A IDENTIDADE DAS LÍNGUAS E AS OPERAÇÕES SOBRE <i>LANGUES</i> E <i>DIALECTES</i>	94
VI. CONSIDERAÇÕES	104
VII. REFERÊNCIAS	110
VIII. APÊNDICE	114

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - PLACA QUE PROÍBE A PASSAGEM DE UM LADO A OUTRO DA LINHA DO TREM, EM GLION (VAUD)	42
FIGURA 2 - AVISO QUE INDICA A SAÍDA. “APERTE O BOTÃO”.....	43
FIGURA 3 - PLACAS BILÍNGUES QUE INDICAM O NOME DA RUA. RUA DAS ESPOSAS. UMA TRADUÇÃO DE UM NOME.	43
FIGURA 4 – FACHADA DA LOJA CASA GRAÇA, EM LAUSANNE, VAUD.	47
FIGURA 5 PAINEL DE ANÚNCIO DA CASA GRAÇA	47
FIGURA 6 - PLACA DE ANÚNCIO NO INTERIOR DA CASA PORTUGUESA, EM FRIBURGO, SUÍÇA.	47
FIGURA 7- VITRINE DE AÇOUGUE E CHARCUTERIA, NA BOURDONETTE, BAIRRO DE LAUSANNE	48
FIGURA 8 - CARTÃO DE VISITAS DE CHURRASCARIA.....	49
FIGURA 9 - PRODUTO EM SUPERMERCADO DE RENENS – VAUD.....	49
FIGURA 10 – OS CRUZAMENTOS ENTRE OS FALANTES DE FRANCÊS E PORTUGUÊS NA SUÍÇA..	50
FIGURA 11 - ADAPTADA DO SITE OFICIAL DA FRANÇA.	65
FIGURA 13 - ADAPTADA DO SITE OFICIAL DA SUÍÇA.....	66
FIGURA 14 – A TRADUÇÃO: UMA TRADIÇÃO NACIONAL. ADAPTADA DO SITE OFICIAL DA SUÍÇA.....	77
FIGURA 15 - A LÍNGUA FRANCESA. ADAPTADA DO SITE DA FRANÇA.	83
FIGURA 16 – A PROTEÇÃO DA LÍNGUA FRANCESA. ADAPTADA DO SITE OFICIAL DA FRANÇA.	84
FIGURA 17 - REPARTIÇÃO DE LÍNGUAS. ADAPTADA DO SITE OFICIAL DA SUÍÇA.	85
FIGURA 18 - SOBRE O BRASIL. ADAPTADA DO SITE OFICIAL DO BRASIL.....	89
FIGURA 18 - AS LÍNGUAS DO BRASIL. ADAPTADA DO SITE OFICIAL DO BRASIL	90
FIGURA 19 - LÍNGUAS E DIALETOS. ADAPTADA DO SITE OFICIAL DA SUÍÇA	95
FIGURA 20 - LÍNGUAS E DIALETOS DO ITALIANO, NA SUÍÇA. ADAPTADA DO SITE OFICIAL DA SUÍÇA	97
FIGURA 21 - LÍNGUAS E DIALETOS SUÍÇOS DO ALEMÃO, EM ALEMÃO. ADAPTADA DO SITE OFICIAL DA SUÍÇA.	98

APRESENTAÇÃO

A minha trajetória acadêmica se inicia com a Pesquisa “Argumentação e enunciação no acontecimento e no espaço enunciativo de São Carlos: o texto publicitário na relação do português e outras línguas”¹, na qual discuti o processo de construção de sentidos no acontecimento e no espaço enunciativo de São Carlos, analisando a relação entre línguas em embalagens, banners, outdoors e fachadas.

No mestrado, desenvolvi a pesquisa “Relação de línguas no Espaço enunciativo da propaganda: A Argumentação, a Enunciação e o político”², que consiste numa análise enunciativa da nomeação dos produtos da revista *Novas Idéias* do grupo *Polishop* com base na Semântica do Acontecimento. Essa pesquisa nos ajudou a compreender o funcionamento dos sentidos produzidos nas línguas (inglesa e portuguesa) por um locutor-publicitário que divide o Inglês como uma língua de nomeação, pela tecnologia, modernidade, universalidade, globalização, e o português como a língua da predicação, pela individualização, especificidade que o português significa nesses textos. A partir dessas conclusões, podemos afirmar que as divisões das línguas significadas no acontecimento funcionam de modo específico, pelos modos de dizer que configuram essas enunciações, ou seja, no espaço enunciativo da propaganda, para o brasileiro, a língua inglesa, uma língua estrangeira, é a língua da nomeação e a língua portuguesa, a língua oficial e nacional, no Brasil, é a língua da predicação.

Essas duas pesquisas anteriores, nas quais discutimos, também, a política de línguas no espaço enunciativo das cidades e da propaganda, deram-nos subsídios para formular este trabalho de tese que estuda as designações de línguas em sites oficiais de países, já que, entre outros pontos, faz parte do atual quadro dos estudos enunciativos na semântica do acontecimento o estudo da textualidade. Desse modo, os sites entram nessa esteira: textos nos quais Locutores falam na(s) e pela(s) língua(s), onde eles organizam de um modo específico o que ali está significado.

¹Desenvolvida na Iniciação Científica (FAPESP 05/5033-9, de 2005 a 2007) sob orientação da Professora Doutora Soeli Maria Schreiber da Silva.

² Mestrado em linguística no Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSCar (FAPESP 07/57181-6, 2008 a 2010)

INTRODUÇÃO

A internet é um dos grandes feitos dos últimos tempos. A rede se constitui como um espaço de fácil acesso, “globalizado”. É, também, um lugar das línguas e dos falantes. Ao fazermos uma leitura dos sites oficiais de países como Brasil, França e Suíça, notamos a presença de definições, representações das línguas faladas ali. Através dessa leitura, interessamo-nos em analisar essas definições como um modo de representar as línguas e observar a textualidade desses sites oficiais, do ponto de vista enunciativo.

De modo geral, nosso objetivo é analisar, sob a ótica da Semântica do Acontecimento, a textualidade em sites oficiais para melhor observar como o espaço de enunciação da globalização, cuja ordem global e mundial é o que agencia modos de acesso à palavra, e significa na internet, dando enfoque ao modo de representação de suas línguas. Especificamente, fazemos uma análise dos sentidos da designação do nome de línguas nos sites oficiais: www.Brasil.gov.br; www.france.fr e www.swissworld.org, para entender o modo como elas são representadas na internet. Nosso objetivo é estudar os sentidos das línguas representadas nos sites oficiais³ a fim de mostrar a política que rege essa representação, os processos de identificação dos Locutores que enunciam de lugares e posições que se inscrevem nos enunciados formulados nos sites oficiais. Sendo assim, interessa-nos o modo como esses enunciados se integram em textos. Ou seja, observamos os sentidos das designações das línguas, nos enunciados que integram textos de modo a articular a textualidade dos sites ao processo de constituição de sentido das designações das línguas no ciberespaço.

Em tempos de globalização, a Política Linguística aparece como instrumento de inclusão para definir os contornos dos processos em torno das línguas e como consequência, tem-se a produção de inúmeros materiais sobre a língua. Ainda nesse contexto, em que tanto se discute sobre multilinguismo, plurilinguismo, monolingüismo, variações, sotaques, dialetos etc., as divisões sobre os modos de significar os países e suas línguas não se dão de modo homogêneo ou transparente. A Suíça é tida como um exemplo de democracia e diferença em seu modo de repartição das línguas em cantões⁴. A escolha dos sites desses países se deu justamente pelo modo como se dá a distribuição das línguas em seus espaços oficiais: o Brasil e a língua portuguesa (como língua oficial), a França e a língua francesa (língua oficial e

³ Vou tomar o oficial, neste trabalho, como uma razão de Estado, no âmbito das relações institucionais.

⁴ Tal como são designadas as unidades federativas, os Estados, da Confederação Helvética, a Suíça.

nacional) e a Suíça e o alemão, o francês, o italiano e o reto-romance (línguas oficiais e nacionais), o que tem a ver com suas políticas sobre a língua. Dito de outro modo, em consonância com os nossos objetivos, a escolha pelos sites desses países se dá pela existência de seções que falam sobre a(s) língua(s) dos países.

Nosso ponto inicial, ao nos depararmos com os sites e darmos relevância de pesquisa ao mesmo, é a observação de que o ciberespaço constitui modos específicos de dizer, que oferece um vasto campo de reflexão (sobre as relações sujeito/língua/linguagem/discurso/enunciação, de um lado, e língua/nação, nacionalidade, política de línguas, de outro) sobre as línguas e os falantes. Isso nos leva a pensar sobre como essa relação significa as línguas num espaço que, no equívoco, é caracterizado como globalizado e universal, onde todos têm direitos a falar e ler/interpretar, homogeneizando os processos de identificação do sujeito com a língua, colocando essa relação como fora da história.

Fazemos uma análise desses sites, observando-os como um produto da representação da repartição das línguas faladas nesses países de modo a considerar a especificidade dessa operação enunciativa, que se inscreve na relação do falante com a(s) língua(s) que fala.

Em um primeiro momento, perguntamo-nos: quais são os sentidos das línguas representadas em sites de países em um espaço que se diz “democrático”, “globalizado” e “universalizado”? Como o Locutor, ao enunciar em um espaço como a internet, representa a língua falada naquele país? A partir disso, analisamos como se constituem os sentidos dessas línguas pelo modo como são enunciadas, como acontecimento na internet. Assim, nesses textos - os dos sites qualificados como “oficiais”, sites que produzem um discurso sobre a língua - verificamos como essas línguas representam (significam) a distribuição de línguas nesses lugares, mostrando como esses efeitos de sentido atualizam os imaginários sobre essas línguas e seus falantes, bem como projetam uma futuridade sobre o funcionamento dos sentidos das mesmas, na textualidade do site.

Para tanto, discutiremos a noção de Espaços de Enunciação⁵ para operar com os sentidos dessas línguas, na medida em que não tomamos tais fenômenos empiricamente, ou seja, colocamos a nossa hipótese sobre a posição de que os sentidos das línguas são

⁵ Guimarães (2002).

produzidos no acontecimento de sua enunciação em um espaço de enunciação⁶, espaço político, de tensão, caracterizado pela relação língua-falante, relação exposta ao funcionamento do simbólico, às significações, a outras enunciações. Em outras palavras, os enunciados que representam essas línguas são produzidos por falantes (uma categoria da língua) e são constituídos por modos específicos de enunciação, lugares sociais do dizer e modos de dizer determinados por uma política de divisão: o agenciamento enunciativo. E essa divisão não é determinada geograficamente, mas é o que divide historicamente o dizer pelos espaços de enunciação e pela maneira como o ciberespaço é significado.

Os sites são organizados em Links, Hiperlinks e Hipertextos e essa organização opera sobre o modo de enunciar e dizer do Locutor, que é recortado por memoráveis, de lugares e modos específicos: o locutor-Estado, que fala das línguas dos países afetado por uma organização textual específica, do lugar social de locutorWeb (ou locutor-WebEstado), pois o Estado fala de um modo universal, pelo funcionamento da organização do “oficial” e do “institucional”), em sites (o lugar do Web), o que reorganiza o sentido da designação de outro modo, no texto que integra.

Ainda, fazemos uma discussão sobre como a política da diversidade, da diferença, da variação e da mudança tem seus efeitos nas políticas de línguas, bem como, dos procedimentos enunciativos de construção dos sentidos, no modo de representar da internet, e ainda as relações nos modos de representar o real X virtual (o espaço geográfico e sua representação na internet; o funcionamento da língua X funcionamento da representação (o uso das línguas e a representação desse uso); acontecimento e enunciação (as operações enunciativas nos modos de enunciar do Locutor).

No capítulo I, fazemos um modesto percurso sobre as noções de enunciação e o acontecimento, passando por autores como Émile Benveniste, Oswald Ducrot, Michel Pêcheux e Eduardo Guimarães. Nesse ínterim, procuramos mostrar como a noção é pensada em Eduardo Guimarães (2002), levando em conta as noções de sujeito, história e sentido, a fim de mostrar como o acontecimento enunciativo é o funcionamento da língua afetada por temporalidades, que nos permite observar o funcionamento de diferentes línguas em relação e a textualidade.

O capítulo II mostra como a noção de política e de político se inserem nos estudos sobre a língua a partir de Michel Pêcheux e François Gadet (2004) e de como Eduardo

⁶ Ao delimitarmos um espaço de enunciação, recortamos um modo de distribuição das línguas em relação.

Guimarães (2002), opera com essa noção, nos estudos enunciativos, a partir do conceito em Jacques Rancière (1996) e Orlandi (1990). Nesse caso, tentamos mostrar que as línguas são objeto de uma política, tanto no âmbito científico, quanto no das relações oficiais e institucionais, de Estado, e que isso inscreve o sentido de suas representações, pois esses modos de “designar” esses processos delineiam outros, seus estudos, seus instrumentos, seus materiais etc. Assim, falamos de uma política de representação de línguas e de como ela reorganiza os modos de dizer sobre as línguas na ciência Linguística.

No capítulo III, fazemos um recorte do **espaço enunciativo** da Suíça de modo a mostrar a heterogeneidade desse espaço, seus movimentos e as distribuições das línguas para além do oficial. As reflexões que ali apresentamos foram desenvolvidas na Suíça e revela nossa experiência de estágio desenvolvido na Université de Lausanne, sob a direção do prof. Patrick Sériot. O objetivo principal dessa pesquisa foi uma discussão sobre a relação Língua/Estado/Nação. Paralelamente a isso, durante nossa estada, fizemos um estudo sobre o português na Suíça, em função do intenso movimento migratório dos portugueses nesse país, de modo a observar o funcionamento da língua portuguesa para além de sua geografia institucionalizada, seus espaços bem definidos para além da lusofonia. Acreditamos, com isso, mostrar que, no que tange à língua, a migração institui inúmeros processos em torno do português (povo e língua). Ou seja, é devido à presença dos falantes de português que são produzidos os textos e alguns artefatos: manuais, anúncios, propagandas, que redistribuem e redividem o português para muito além do que é considerado na noção de lusofonia, mostrando como o movimento das línguas e sua distribuição em **espaços enunciativos** (GUIMARÃES 2002), redividem o funcionamento do português em relação ao francês, língua oficial e nacional, na Suíça. A questão que colocamos ao realizar essa reflexão é de que modo o oficial, redivide o real desigualmente, o que afeta, significa, de modo específico, as línguas nos sites oficiais, organizando sua textualidade.

No quarto capítulo, refletimos sobre a noção de virtual e seu modo de recortar o real, afastando-nos da concepção em Pierre Levy, passando pelos trabalhos de Solange Leda Gallo (2011), e embasando-nos nas reflexões sobre o texto e a textualidade em Eduardo Guimarães (2011) a fim de discutir essas noções do ponto de vista enunciativo. Ali, procuramos mostrar como o **Ciberespaço** institui um modo específico de acesso à palavra, o que, para nós tem a ver com a organização da textualidade dos sites, pelo modo de dizer universal que a internet organiza através dos **Links, Hiperlinks e Hipertextos**.

No capítulo último, o quinto, fazemos quatro outras análises a fim de mostrar o funcionamento das designações: (I) *L'anglais*, o inglês, no site da Suíça; (II) o cruzamento do sentido entre *Langue française*, língua francesa, no site da França, e *Le français*, o francês, no site da Suíça; (III) português no site do Brasil; (IV) *Langues et Dialectes*, o funcionamento do sentido na relação entre Línguas e Dialetos nas designações alemão, francês, italiano e reto-romance, no site da Suíça. Deste modo, acreditamos que descrevemos o sentido dessas designações e traçamos um percurso sobre a constituição da textualidade dos sites, do ponto de vista da Semântica Histórica da Enunciação, da Semântica do Acontecimento e da Análise de texto, tal como pensadas por Eduardo Guimarães.

I. ENUNCIÇÃO

1.1 Enunciações

O conceito de que tratamos a seguir é fundamental para todo trabalho de discussão acerca da(s) língua(s), pelo modo como concebemos a enunciação e o funcionamento da língua. Considerar o sentido na língua/linguagem faz parte de nosso interesse enquanto linguista. Fazemos, neste momento, uma discussão sobre os modos de tratamento do sentido e das conceituações que pensamos ser mais válidas ao nosso propósito.

O estudo da significação e do sentido, em função dos diferentes domínios da linguística que se ocupam do mesmo, tem sido feito de diversos modos. O que nos desperta o interesse para estudar a construção dos sentidos é justamente vinculá-lo à língua e, sobretudo, a seu estudo. Para nós, não há linguagem sem sentido e a recíproca também é válida.

A leitura estabilizada que se faz sobre o conceito de enunciação se encontra ligada aos postulados do estruturalista francês Émile Benveniste. Os esforços de Benveniste concentram-se em observar a enunciação pelo próprio funcionamento da língua em sua autonomia. Para ele, esse sistema da língua se semantiza na enunciação, na instância discursiva.

Em Émile Benveniste (1974, p. 82), a enunciação é a relação do sujeito com a língua. Para ele, “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”: o Locutor se apropria língua e a significa. É desse modo, um Locutor que, ao se apropriar da língua, articula língua e sujeito na instância discursiva. O sujeito é aquele que coordena o tempo e o espaço na e pela enunciação, a qual é caracterizada pela relação sujeito/língua. É o sujeito que SIGNifica (a língua) na enunciação.

Para esse autor, a questão da significação é uma relação necessária entre significante e significado e para além da estrutura, é intersubjetiva. Nesse sentido a noção em Benveniste nos é cara, pois ele inaugura, um modo particular de observação da língua/linguagem em um contexto no qual a forma, o semiótico, era privilegiada. Ele inclui, assim, a noção de sujeito-Locutor, aquele que fala, que se marca na língua, conforme afirma Guimarães (2002), em *Os Limites do Sentido*. Mais adiante, falaremos do modo como concebemos tais “funcionamentos”, tomando o conceito de Acontecimento da Enunciação em Eduardo Guimarães (2002).

1.1.1 O acontecimento

A nossa posição sobre o sentido se caracteriza por sua observação no interior dos estudos enunciativos. Ao identificarmos-nos com essa posição, discorreremos sobre como entendemos a enunciação, aproximamo-nos dos estudos que a tratam como acontecimento. Fazemos neste ponto do trabalho, uma discussão sobre a construção da significação na linguagem, mostrando como se dá este processo ao pensar no modo como o acontecimento significa a enunciação e permite uma observação da relação entre línguas. Nosso objetivo principal é entender como essa relação se constitui como acontecimento, explorando sua configuração, discutindo também como este conceito aparece nos estudos sobre a significação e o sentido.

Na Linguística, podemos fazer um panorama sobre como a noção vai se formulando da discussão sobre o objeto de análise, inicialmente só a língua, e depois sua exterioridade. Nesse sentido, temos discussões acerca da noção de valor, da significação e do sentido. Numa primeira instância, poderíamos compará-lo ao funcionamento da língua pelas relações sintagmáticas e associativas na cadeia da fala⁷ e assim teríamos que, “colocado, num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos” (SAUSSURE, 1995, p.142), e, nesse sentido, o funcionamento da língua seria a atualização da fala. Depois, a noção reaparece sob a forma do irrepitível (a enunciação) *versus* a repetibilidade do enunciado. Em Benveniste (1974) e Ducrot (1984)⁸, o conceito de enunciação aparece pela relação intrínseca entre língua e sujeito.

A questão que levantamos ao discutir essas posições quanto à significação está justamente no modo como concebemos a significação e o sentido na língua(gem). Distanciamos-nos dos pressupostos em Benveniste e Ducrot, na medida em que eles a consideram no interior do sistema. E a questão da significação evoca outro mecanismo do funcionamento da língua, que é o sentido. A imbricação entre esses dois fenômenos diz respeito à relação da língua com sua exterioridade, que para nós, é a história.

Dos dois autores que consideram elementos externos à língua em seu funcionamento, Benveniste insere a questão do sujeito, que maneja as formas da língua e significa as categorias de sujeito, espaço e tempo, e Ducrot, inclui a história. Sua concepção é a de que o

⁷ Tal como proposto no Curso de Linguística geral.

⁸ Autores aos quais nos filiamos para exemplificar a enunciação no interior dos estudos linguísticos. Ao falarmos de enunciação, aproximamos os dois nos modos de conceber a linguagem. No entanto, em Ducrot (1984), observamos outras formulações sobre este conceito.

funcionamento da língua na enunciação, o enunciado, é um fato no tempo, um acontecimento. Cada uma dessas observações inaugura maneiras específicas de observação dos fenômenos da linguagem: apresentam-se aí, então, modos diferentes de observar a estrutura. Michel Pêcheux, no campo da filosofia, traz outra discussão sobre a língua, o sujeito e a história, do ponto de vista materialista e essa imbricação é o discurso.

Pêcheux (2002, p.17,18-19) em *O Discurso: estrutura ou acontecimento*⁹ propõe três caminhos distintos de análise de discursos¹⁰. O primeiro seria considerar o enunciado¹¹ como “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”. O segundo emerge da questão da análise da estrutura e o terceiro se concentra na tensão entre descrição e interpretação. Ele escolhe por entrecruzar “os três caminhos (...) retocando cada um deles pela efetivação parcial dos outros dois”. Isso aparece como resultado da reflexão sobre o discurso, em meio a discussões no interior da disciplina, sobre como estabelecer um método a partir de três disciplinas, que têm diferentes objetos e diferentes escopos: a Psicanálise, com o sujeito, a Linguística, com a língua, e a História, com o acontecimento; e, a partir daí, operar com o discurso.

Este, ao invés de ser descrito como proposto pelo estruturalismo passa a ser interpretado na medida em que o modo de análise, diferente em sua própria constituição, não construía uma gramática do discurso com metodologias, técnicas e determinações que tomam o real através do que ele chama de enunciados logicamente estabilizados. Sendo assim, ao analisar o discurso através do acontecimento, a A.D. rediscute o método de uma teoria sobre a interpretação, que se interessa pelo movimento da história. Ele leva em conta, então, a tensão entre a descrição e a interpretação, redefinindo o funcionamento da língua como materialidade histórica.

Propondo uma análise fechada, afastar-se-ia o equívoco, a elipse e a falha constitutiva da língua. Ele propõe, em última instância:

A posição de trabalho que aqui evoco em referência à análise de discurso não supõe de forma alguma a possibilidade de algum cálculo dos deslocamentos de filiação e das condições de felicidade ou de infelicidade

⁹ PÊCHEUX, M. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi, 2002.

¹⁰ Retomamos PÊCHEUX (2002) para discutir a relação entre a semântica da enunciação e a Análise de Discurso no que se refere a noção de acontecimento discursivo e enunciativo.

¹¹ Pêcheux analisa o enunciado “On a gagné”, dito pelos franceses no dia em que François Mitterand foi eleito à presidência da França, em dez de maio de 1981.

evenemenciais. Ela supõe somente que, através das descrições regulares de montagens discursivas, se possa detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados (PÊCHEUX, 2002, p.57).

O acontecimento passa a ser, então, um dispositivo teórico-analítico para analisar discursos. Adquire em Pêcheux um *status* diferente: o que era para a história tradicional uma noção temporal, factual, determinada pelo empirismo e opacidade da linguagem, adquire nessa outra posição a condição de descrição/interpretação.

Para nós, a questão do acontecimento interessa na medida em que é ele, por sua constitutiva relação com a memória, o que produz sentido, determinando a interpretação, assim como observado na Análise do Discurso. E por isso tomamos Pêcheux (2007, p.50), em *O papel da memória*. Para ele, a memória:

deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída pelo historiador. O risco evocado de uma vizinhança flexível de mundos paralelos se deve de fato à diversidade das condições supostas com essa inscrição: é a dificuldade – com a qual é preciso um dia se confrontar – de um campo de pesquisas que vai da referência explícita e produtiva à linguística, até tudo o que toca as disciplinas de interpretação: logo a ordem da língua e da discursividade, a da “linguagem”, a da “significância” (Barthes), do simbólico e da simbolização...

Através disso, entendemos que a memória discursiva e o interdiscurso, as historicidades que determinam o dizer, que estão na formulação, no já-dito, instituem as relações da língua com a exterioridade: a história e o sujeito. Desse modo, a memória e o interdiscurso estão sempre ligados às questões da linguagem. Estes conceitos nos interessam na medida em que são os responsáveis, juntamente com a língua, pela interpretação, pela leitura dos textos.

Pensar na análise como interpretação requer trabalhar a significação, o sentido e pensar na linguagem e na sua exterioridade, na análise de materialidades discursivas. A materialidade do sentido que constitui sentido sobre a relação discurso/ história.

Convergindo para esta noção em Pêcheux (2002), para quem este é “o ponto de encontro entre uma memória e uma atualidade”, Guimarães (1999; 2002), afirma que a enunciação é acontecimento. No entanto, como falam de lugares diferentes, as duas noções não se confundem e para além das observações empíricas, da ordem do factual, a questão do acontecimento se dá numa relação entre o real da língua e o da história. Para Pêcheux a questão do acontecimento discursivo se dá justamente enquanto mudança na própria ordem, por uma questão de ordem epistemológica seu objeto é o discurso¹². Para Guimarães, a questão é observar a enunciação em sua relação com o histórico, o político e o sujeito/Locutor/falante. Nesta posição a relação entre língua e sujeito não tem um caráter factual, ela se faz pela relação de linguagem que estabelecida pela temporalidade: o passado, o presente e a futuridade, na enunciação.

Considero que algo é acontecimento enquanto diferença na sua própria ordem. E o que caracteriza a diferença é que o acontecimento não é um fato *no* tempo. Ou seja, não é um fato novo enquanto distinto de qualquer outro ocorrido *no* tempo. O que o caracteriza como diferença é que o acontecimento temporaliza. Ele não está num presente de um antes e de um depois no tempo. O acontecimento instala sua própria temporalidade. (GUIMARÃES 2002, p. 11-12)

A noção de acontecimento que evocamos aqui também tem a ver com o modo de operação sobre a(s) língua(s): seu funcionamento não se fecha em um sistema: o francês, o português, o alemão, etc. Funciona relativamente ao modo como ela é enunciada. Se admitirmos o histórico na produção de sentidos, este permite compreender de que modo, numa relação histórica, as línguas funcionam. Dito de outro modo, o acontecimento nos permite observar de que modo, dadas as suas condições materiais, a(s) língua(s) funciona(m) uma(s) em relação à(s) outra(s). Nesse sentido, interpretar, analisar/descrever, o funcionamento da(s) língua(s) em seu acontecimento enunciativo, permite a observação da inscrição da(s) língua(s) na história.

Relativamente à temporalidade do acontecimento, o que retorna como passado na enunciação é o que se rememora de enunciações passadas, enquanto sentido. Assim, ele não se confunde nem com a memória, nem com interdiscurso (ambos pensados no discurso), pois o memorável é o modo como um dizer já enunciado, significa no acontecimento. É como o

¹² Discutiremos mais adiante, segundo propõe Solange Leda Gallo (2011), a questão posta entre o acontecimento discursivo em Pêcheux (2002) e o acontecimento enunciativo e a textualidade, em Guimarães (2002).

dizer se organiza na enunciação. A definição em Guimarães (2002, p. 13) mostra o modo de operar com memoráveis, analisando um índice de uma revista, em contrapartida a uma análise enunciativa tradicional.

E assim, temos:

De um lado, as matérias aparecem como sendo de uma seção específica, “Brasil”, entre outras (“Internacional, Geral, Economia e Negócios, Guia, Artes e Espetáculos”). Sem utilizar aqui categorias de análises específicas, podemos dizer o que se diz na primeira coluna do índice pode ser considerado como dizer de um locutor que categoriza os espaços da revista, ao passo que a segunda coluna é o dizer de um locutor que toma os títulos de matéria (já enunciados por outros locutores) e indica suas páginas. Deste modo, o presente do acontecimento deste índice atribui uma matéria a uma certa categoria, categoria que aí está como um passado neste acontecimento, que se apresenta como um lembrado, que faz significar de um certo modo, e não de outro, o título da matéria e a matéria. (*IBIDEM*)

Os memoráveis também interessam à medida que, nesta mesma diferença de tempos, de um presente, o acontecimento estabelece uma futuridade, uma direção de sentidos “e tudo isso projeta sentidos futuros, sentidos capazes de movimentar, inclusive, outras enunciações” (*ibidem*). Essa caracterização da enunciação sobre como o funcionamento do acontecimento é fundamental para analisar a organização dos enunciados nos sites, pois, do mesmo modo, eles são “escritos”, enunciados, em índices, organizados nos modos de acesso aos textos: Links, Hiperlinks, Hipertextos¹³.

Ainda sobre a temporalidade do acontecimento, Guimarães (2002) faz menção ao tempo do Locutor¹⁴ e sua disparidade na enunciação, em seu modo de compreender. Se se muda a noção de tempo, muda-se também a de sujeito/Locutor. Daí se depreendem duas outras diferenças em relação à Benveniste e Ducrot (citados anteriormente): o tempo da enunciação e a temporalidade que o acontecimento constitui.

Deste modo, a temporalidade do acontecimento da enunciação traz sempre esta disparidade temporal entre o tempo do acontecimento e a representação da temporalidade pelo Locutor. Esta disparidade significa diretamente a inacessibilidade do Locutor àquilo que enuncia. O Locutor não está onde a enunciação significa sua unidade (tempo do Locutor). (GUIMARÃES, 2002, p. 14)

¹³ Discutidos no capítulo IV, O TEXTO E A TEXTUALIDADE NA INTERNET.

¹⁴ Tal noção será rediscutida no capítulo sobre a Textualidade.

1.1.2 Cena enunciativa e texto

Um aspecto importante da enunciação é o falante. Para Guimarães (2002, p.18) “só há línguas porque há falantes e só há falantes porque há línguas”. Essa relação necessária entre falantes e línguas é fundamental para compreender o funcionamento da enunciação, pois é desse modo que emerge a questão do sujeito e da história. É nessa imbricação que se dá o apagamento do lugar social pelo Locutor. “Em outras palavras, o eu do Locutor é o eu que não sabe que fala em uma cena enunciativa. É assim um eu que desconhece que fala de algum lugar” (Guimarães 2002, p. 25).

A questão da cena enunciativa aqui é o modo como se apresentam os falantes e o modo como a língua se redivide nesse espaço pela relação e pelo cruzamento entre as línguas. Esta é caracterizada por modos de acesso à palavra e, dessa maneira, os modos como os enunciados aparecem inscritos nos textos, numa relação de integração (cf. GUIMARÃES, 2011).

Desse modo, o Locutor não é um sujeito psico-fisiológico. Ele significa numa dimensão simbólica. Guimarães (2002), ao conceber a enunciação como acontecimento, desloca a noção de Locutor, como sujeito empírico, para sua forma histórica. Nesse sentido, o Locutor significa pela língua que fala, se português, se inglês, francês, alemão, italiano e é atravessado por essa língua, pelos sentidos que aquelas formas adquirem na história.

Em outras palavras, o Locutor só pode falar enquanto predicado por um lugar social. A este lugar social do locutor chamaremos de locutor-x, onde o locutor (com minúscula) sempre vem predicado por um lugar social que a variável x representa (presidente, governador, etc). Assim é preciso distinguir o Locutor, do lugar social do locutor, e é só enquanto ele se dá como lugar social (locutor-x) que ele se dá como Locutor. Ou seja, o Locutor é díspar a si. Sem esta disparidade não há enunciação. (GUIMARÃES 2002, p. 24).

Outro aspecto da enunciação e do falante é o **modo** de enunciar em uma cena enunciativa, o lugar do apagamento do lugar social pelo Locutor. “Em outras palavras, o eu do Locutor é o eu que não sabe que fala em uma cena enunciativa. É assim um eu que desconhece que fala de algum lugar” (Guimarães 2002, p. 25), e propõe que esses modos se

dão a partir de modos de enunciar específicos, do lugar individual, do genérico, do universal e do coletivo.

A cena enunciativa coloca em jogo, também, *lugares de dizer* que estamos aqui chamando de enunciadores. E estes se apresentam sempre como a representação da inexistência dos lugares sociais do locutor. E embora sempre se apresentem como independentes da história ou fora da história, são lugares próprios da história; temos então enunciadores como: enunciator-individual, quando a enunciação representa o Locutor como independente da história; enunciator-genérico, quando a enunciação representa o Locutor como difuso num todos em que o indivíduo fala como e com outros indivíduos; enunciator-universal, quando a enunciação representa o Locutor como fora da história e submetido ao regime do verdadeiro e do falso. (GUIMARÃES 2002, p. 26)

Nesse conjunto de discussões acerca da significação e sentido, de enunciação e acontecimento, sobre a temporalidade do acontecimento e os Locutores, colocamos em pauta as relações teóricas entre a Semântica do Acontecimento e a Análise do Discurso e seus modos de observação das relações entre língua e história, do ponto de vista materialista. Como se pôde observar, há proximidades no modo de operar com a língua, na sua relação com a exterioridade, principalmente no que tange à questão da memória, do interdiscurso, e da história. De outro lugar de observação, a Semântica do acontecimento, como em Guimarães (1987, 1995, 2002a/b, 2011), têm se debruçado sobre o funcionamento do sentido na enunciação e isso exige ainda que se estabeleçam procedimentos de análise específicos.

1.1.2 Os procedimentos de análise na Semântica do Acontecimento

Tendo em vista nossa posição teórica e metodológica, na qual se formula a questão da unidade de análise do funcionamento da língua no acontecimento. Consideramos dois tipos de procedimentos de modo que as relações semânticas de sinonímia, antonímia, hiperonímia, homonímia, ambiguidade e polissemia se dão operadas por eles: a reescrituração e a articulação.

A reescrituração é o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si. Este procedimento atribui (predica) algo reescriturado. Esta reescrituração é o procedimento que coloca em funcionamento uma operação enunciativa fundamental na constituição do sentido de um texto. (GUIMARÃES, 2007, p 84) E pode se dar por seis procedimentos: repetição,

substituição, elipse, expansão, condensação e definição e por seis modos, sinonímia, especificação, desenvolvimento, generalização, totalização e enumeração.

Outro procedimento enunciativo que estabelece relações de sentido entre palavras e expressões é a articulação. Articular é estabelecer uma relação de sentido entre unidades linguísticas em sua contiguidade.

Em virtude do modo como os elementos linguísticos, pelo agenciamento enunciativo, significam sua contiguidade. Ou seja, a organização das contiguidades linguísticas se dá como uma relação local entre elementos linguísticos, mas também e fundamentalmente por uma relação do Locutor (enquanto falante de um espaço de enunciação) com aquilo que fala. Uma articulação é uma relação de contiguidade significada pela enunciação. (GUIMARÃES, 2009, p. 51)

Conforme Guimarães (IDEM), a articulação se dá de três modos, por dependência, incidência e coordenação¹⁵. É em uma coordenação que temos uma enumeração. Para se ter uma enumeração é necessário que entre os itens enumerados haja acumulação, coordenação e contato.

Os procedimentos utilizados para descrever o sentido do enunciado no texto servirão de instrumento para interpretarmos as operações enunciativas dos falantes¹⁶.

¹⁵ Damos enfoque a essa relação.

¹⁶ As análises desse tipo podem ser vistas no capítulo III, IV e V.

II. AS POLÍTICAS E O POLÍTICO: OS LUGARES DA(S) LÍNGUA(S) E SUAS REPRESENTAÇÕES

Do lugar da Linguística, ao estudar os fenômenos da língua/linguagem humana, ter a língua como objeto resultou em seu estudo como estrutura, em função de um espaço/tempo, no corpo social. Ou seja, a Linguística constituiu-se como a ciência que explica os fenômenos das línguas a partir de variáveis que estariam no interior delas mesmas.

De modo a avançar na questão social, para além de uma linguística saussuriana, os fenômenos das diferenças teriam como ponto nodal, para aquele que se ocupa dos fenômenos da língua, o funcionamento das línguas em um tempo e um espaço em que estes se constituiriam a despeito da dicotomia Saussuriana de *langue X parole*. Esses mesmos fenômenos seriam observados de modo a contemplar o movimento da língua, mostrando sua mudança em função de um tempo e que isso categoriza um espaço de funcionamento da língua, ex: no caso do espaço brasileiro, fala-se diferentemente na Bahia e em São Paulo em função de variáveis que abrangeriam outros processos envolvidos no funcionamento da língua, como sexo, idade, etnia, etc. Isso configurou, afirmamos de modo tácito, os estudos da língua no espaço (na geografia da língua: a geolinguística, alguns aspectos da etnolinguística, bem como da Sociolinguística americana) e no tempo, categoria da Física que explicaria os fenômenos da língua em função de um tempo. O escopo desses domínios seria a observação do uso da língua em descrições, por meio das quais se mostraria variantes da língua determinado por fatores de ordem social, econômica, etc. Em outras palavras, a língua seria um produto social que refletiria os processos ocorridos em outras esferas da atividade humana, a partir dessas outras relações que estão além das relações no interior do sistema, que são de ordem social, econômica, de gênero.

O ponto que colocamos em pauta procura discutir o modo como alguns campos da Linguística são tomados por uma “política” científica, à medida que não vemos o “político”, tal como mostraremos mais adiante, separado da constituição das teorias sobre a língua, pois não há como “traduzir” fatos da língua sem que haja uma teoria. É especificamente sobre esse **dado** teórico que debruçamos nosso olhar, o que nos obriga a observar o funcionamento das línguas e de suas descrições numa imbricação. Esses fenômenos, então, funcionariam a partir dessa imbricação, o que remeteria diretamente a uma discussão sobre a História e a política,

cujos objetos têm sido a relação entre a língua, a história e a política, como pontos, regiões, dessa imbricação.

Estamos falando, assim, dos diferentes modos de funcionamento das línguas, também, a partir das representações que se fazem sobre elas, por um discurso sobre a língua. E este visto de um lugar específico, o das relações enunciativas das representações das línguas pelos modos de dizer sobre ela, o que nos remete a outra questão envolvida aí: a relação língua/falante. Há processos que ecoam nos modos de dizer, referir as línguas, que constroem os sentidos das mesmas e fazem funcionar outros silenciados pela evidência do dizer. E é aí que entram a questão Política e histórica.

Sobre as condições de produção de um discurso sobre a língua na Sociolinguística tradicional, de base qualitativa e quantitativa, Michel Pêcheux e Françoise Gadet (1998)¹⁷ afirmam que esse movimento se constitui como mais uma denegação da política e se desenvolveu de uma contradição colocada pelo capitalismo, por sua característica **administrativa, gestora**, já que esses modelos eram os adotados como base das discussões para as Políticas Linguísticas, aquelas que vêm como leis do Estado para “organizar” as bases linguísticas de um povo, de uma nação. Desse modo, os autores criticam a “standartização das línguas nacionais suscetíveis de integrar e veicular os elementos científicos-técnicos”. É nesse lugar que se encontram dois fenômenos gerados pela abordagem “sociologista” da língua: a da ordem do multilinguismo e da “política linguística”.

A sociolinguística retoma assim por sua conta, e sem colocar em questão, as formas sob as quais o modo de produção capitalista representa suas próprias “dificuldades”. Mesmo se a sociolinguística ultrapassa frequentemente a simples contemplação da alteridade do outro, seu progressismo, incontestável, desde que ele não coloque diretamente em causa os interesses da burguesia capitalista, só pode desembocar em uma dupla promessa: contribuir para resolver os desvios e suprimir as desigualdades; são tais, no melhor dos casos, as palavras de ordem políticas inscritas nos estandartes da sociolinguística. O grosso da armada dos sociolinguistas fica aí, esperando sempre que um novo programa de intervenção, que um novo método compensatório vá ajudar os pobres de toda espécie à recuperar o pelotão da frente. (GADET & PÊCHEUX 1998, p. 8)

¹⁷ PÊCHEUX, M.; GADET, F. **Há uma via para a Linguística fora do logicismo e do sociologismo?** Trad. Eni P. Orlandi. In: **Escritos**. Campinas: LABEUB/UNICAMP, 1998, 5-16.

Sobre a condição política do funcionamento das línguas, Michel Pêcheux e Françoise Gadet (2004) em *A língua inatingível*, ao fazerem uma discussão sobre o “discurso na história da linguística”, “a ciência da língua e das línguas” (PÊCHEUX; GADET, 2004, p 19), mostram as duas **políticas** que sustentaram as formulações acerca da formação das línguas nacionais, o “empirismo e o formalismo”. Através disso, os autores mostram que:

O poder do Estado burguês reveste, portanto, ao mesmo tempo a forma logicista de um sistema jurídico concentrado em um foco único e a forma sociologista de uma absorção negociada da diversidade: poder que funciona simultaneamente segundo a figura jurídica do Direito e a figura biológica da Vida

-do lado do direito: circulação oficial das significações garantidas por uma autoridade central
 - do lado da vida: a abertura social dos usos linguísticos representa as formas evidentes nas quais a burguesia negocia sua instalação e seu sustento, apoiando-se nas classes dominadas para lutar contra elas, e lhes retornar “causa da liberdade” (PÊCHEUX & GADET, 2004, p 38).

Essas afirmações sobre formação das línguas nacionais e, por isso, sobre a constituição de uma forma de representar as línguas - em textos: documentos oficiais, leis, bem como pelas inter-relações geradas pelas novas relações entre as classes - a partir de formas fixas, garantidas pelo direito, ou, do lado da vida, com um fim integralizador, unificador que dilui as diferenças, que determina as duas posições que embasam os sentidos das línguas na história. Tais práticas configuram políticas que determinam um modo de circulação das línguas nacionais que fundam, segundo os autores, formas de dizer sobre essas línguas.

Convergindo para a mesma crítica de Pêcheux e Gadet (1998 e 2004), Rainer Henrique Hamel (1988) interroga as abordagens, métodos e técnicas da Sociolinguística tradicional americana, tal como pensada por William Labov (1972), e tomadas como referencial teórico e analítico no âmbito das “Políticas del Lenguaje” para resolução de problemas entre diferentes comunidades linguísticas, bem como para implementação de leis e instrumentos que reduzam essas problemáticas, afirmando que tal domínio trataria de descrições generalistas e quantitativas sobre os usos da língua em um contexto social. A crítica do autor recai diretamente sobre análise dos dados obtidos em bases quantitativas, frequências e ocorrências.

Com isso o autor pontua que a “*Politica del lenguaje*” deve desenvolver uma metodologia que possa discutir processos envolvidos nas “distribuições” das línguas em “espaços discursivos”, o que traria como resultados relações de outras ordens para o funcionamento das práticas linguísticas de falantes de línguas diferentes. Hamel (2009) desenvolve sua discussão sobre a questão das línguas espanhola e indígenas no México, pontuando que as relações de poder geririam as bases de interpretação dos falantes das línguas de forma desigual. Tal estudo baseado na análise de interações traz importantes contribuições para a área de “Políticas del lenguaje”, ou políticas de linguagem, conforme sugere uma interpretação nossa do termo.

Hamel (1988) desenvolve categorias analíticas para observar os processos discursivos, conforme a pragmática interpreta esse termo, envolvidos nas práticas interativas entre falantes de línguas indígenas, língua de etnia, e de espanhol no México, língua do Estado, a fim de aprimorar conceitos que, segundo ele, mostrem processos de interação efetivos que refletem uma real condição de uso e relação entre as línguas e seus falantes e que possam ser tomadas como base para as “Políticas del lenguaje”. Desse modo, o autor faz uma crítica às categorias finitas que consideram o contato entre línguas como produtos de convívio social.

El argumento anterior nos lleva a analizar y a considerar con mayor detenimiento las formas en que se produce la experiencia social en la interacción verbal. Como punto de partida, podemos entender el proceso de acumulación de experiencia como el aspecto intersubjetivo, reflexivo, de los procesos de trabajo: se refiere a todo el ambito de la planeación, formas de acuerdo, interpretaciones, etcétera, qui organizan y acompañan el trabajo entendido como forma de producción y reproducción social del ser humano. (HAMEL 1988, p. 12)

A categoria de “espaço discursivo” coloca a questão do conflito posta em razão da tensão de forças e do “poder” que funcionam e regulam as relações entre os falantes dessas línguas. O autor ainda acrescenta que tais processos não funcionam somente nas práticas discursivas, na interação direta entre falantes dessas línguas, elas se “*manifiesta en el conjunto de valoraciones y representaciones que existen acerca de las lenguas y la relación entre ellas*”, Hamel (1988, p. 21). Sendo assim essas “diferenças” apareceriam quando se fala da e sobre língua.

Com relação às Políticas Linguísticas também, Louis-Jean Calvet (2007) afirma que as línguas adquirem seu status a partir de uma política, pois é na instituição de uma medida política que se obtém uma denominação da língua.

De fato, nessa matéria, a política linguística começa realmente quando se renomeia, e um dos efeitos das leis linguísticas pode se manifestar simplesmente no nome que o texto jurídico dá às línguas. (LOUIS-JEAN CALVET, 2007, p. 79).

Para os dois últimos autores citados, a política está na ordem da organização de um espaço linguístico interacional. Sobre a gestão e a regulação dessas línguas, de outro lugar, sob a ótica da Semântica do Acontecimento, numa perspectiva enunciativa, Eduardo Guimarães (2002, p. 16) propõe outro caminho de observação das diferenças, e a nosso ver, da representação sobre elas, fazendo relação aos trabalhos desenvolvidos por Eni Orlandi (1992) e Jacques Rancière (1996, p. 45), para quem a política é a tensão constitutiva das relações sociais. Para o segundo autor, a política só existe por um princípio de igualdade.

A política é assunto de sujeitos, ou melhor, de modos de subjetivação. Por *subjetivação* vamos entender a produção, por uma série de atos de uma instância e de uma capacidade de enunciação que não eram identificáveis num campo de experiência dado, cuja identificação portanto caminha a par com a reconfiguração do campo da experiência. Formalmente, o *ego sum, ego existo* cartesiano é o protótipo desses sujeitos indissociáveis de uma série de operações implicando a produção de um novo campo de experiência. Toda subjetivação política se parece com essa fórmula. Ela é um *nos sumus, nos existimus*. (RANCIÈRE, 1996, p. 47-48)

Colocado nas relações de linguagem, e de línguas, como ponto central, a política e o político para esses autores se dá justamente pelo apagamento das diferenças:

O político, ou a política, é para mim caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos. Deste modo o político é um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento. Mais importante ainda é que deste ponto de vista o político é incontornável porque o homem fala. O homem está sempre a assumir a palavra, por mais que esta lhe seja negada. (GUIMARÃES, 2002, p. 16)

O Estado democrático regula, administra as relações entre os sujeitos¹⁸ (nas formas da gestão da diversidade, da inclusão social, na afirmação da igualdade de direitos). Assim, o desacordo entre essa afirmação, da inclusão dos socialmente excluídos, mesmo dos processos de significação, dos “que não têm voz”, das minorias, dos que não têm direito à palavra, representados nas formas dos “acordos”, dos “pactos” para inclusão (e podemos pensar nos sites sobre as línguas como um produto dessas práticas sobre as línguas) estabelece uma contradição, pois é o Estado e suas políticas que regulam os processos, e não os que de fato estão “excluídos”. Quem fala aí não é o povo, o “excluído”. “O estabelecimento da desigualdade se apresenta como necessária à vida social e a afirmação de pertencimento, e de igualdade, é significada como abuso, impropriedade” (Guimarães, 2002, p. 16). Desse modo, esses fatores da “repartição” das línguas¹⁹ o que recai sobre o modo de distribuir as línguas²⁰ diluem as diferenças como se essa divisão fosse transparente, igualitária, e natural (sobretudo se pensamos na relação da distribuição da língua pelo espaço geográfico).

O político se estabelece pelo modo como os papéis sociais, entre sujeitos, entre falantes, são distribuídos no modo de significar a designação: o governante, o povo, o professor, o aluno, as línguas e no modo de administrar, o Estado (e outras instituições, em suma, os espaços de enunciação) gere as línguas desse modo, distribuindo os papéis aos seus falantes. Estudar esses papéis é estudar o político e as designações.

O estudo do político se caracteriza, nesse sentido, pela desmontagem de uma contradição. O modo como se fala da Suíça, da França, do Brasil coloca uma tensão entre o oficial, o institucional e o real, justamente porque é o Estado que diz. Assim, o modo como se distribui a língua nesses países está atravessado por uma política, e sua representação em documentos, artefatos, manuais segue esse princípio.

Pontuando que as línguas funcionam a partir de um espaço político de tensão entre o que dizer ou não dizer, Guimarães (2002) propõe que o dizer é simbólico e um ato exposto ao próprio simbólico. Nessa perspectiva, uma língua seria afetada por essa relação que está aí nesse mesmo lugar de funcionamento. Sendo assim, a representação sobre ela está sob essa mesma condição. Uma língua, ao ser representada em um dizer, em uma teoria, significa por

¹⁸ Podemos fazer menção aqui sobre o modo como a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos retoma a Declaração Universal dos Direitos Humanos, na qual o Estado é o responsável pela garantia de direitos.

¹⁹ Tal como o site da Suíça representa a configuração das diferenças linguísticas no site.

²⁰ Desenvolvemos melhor essas ideias quando discutimos os espaços de enunciação, no próximo capítulo.

essas relações e, desse modo, divide o falante afetado pelas posições geridas por essas mesmas representações. Desse modo, afirmar algo sobre uma língua significa essas posições no dizer, fazendo lembrar esses modos de representação e isso se dá pela afirmação de que essa diferença na língua é um dialeto, uma variante de tal ou tal língua, pois designar é redividir a nomeação na língua.

Isso nos leva a reconsiderar o que diz Pêcheux e Gadet (1998) sobre como o multilinguismo e a política lingüística tomam esses processos de um modo empírico. É nessa via que propomos uma observação dos fenômenos lingüísticos colocados acima, a partir de suas relações com outros processos históricos que incluiriam neles mesmos um funcionamento da língua a partir de sua historicidade. E é a partir disso que pensamos os modos de significar as línguas e suas diferenças.

Nesse sentido, exploramos uma discussão sobre a construção política dos sentidos das diferenças na(s) língua(s) e como essa política é representada em sites oficiais, e observamos de que modo essas diferenças aparecem em sites, na medida em que elas constituem modos de dizer sobre as línguas e sobre os falantes das mesmas. Faz-se assim um estudo de um discurso sobre a língua, visando à observação de uma prática política sobre a língua, que institui e gere os sentidos sobre elas.

Retomando as questões sobre o acontecimento e o político, tal como explorado acima, retomamos Guimarães (2002, p. 18), para quem considerar o político na enunciação é levar em conta:

a relação entre a língua e o falante, pois só há línguas porque há falantes e só há falantes porque há línguas. E esta relação não pode ser tomada como uma relação empírica do tipo: em uma certa situação as pessoas falam na língua x, em outra, na língua y. Por exemplo, no Brasil se fala Português, na França, Francês, etc. Ou ainda, no Paraguai se fala espanhol e o Guarani. Esta relação entre falantes e línguas interessa enquanto um espaço regulado e de disputas pela palavra e pelas línguas, enquanto espaço político, portanto. A língua é dividida no sentido de que ela é necessariamente atravessada pelo político: ela é normativamente dividida e é também a condição para se afirmar o pertencimento dos não incluídos, a igualdade dos desigualmente divididos.

A questão para nós é que, ao falar nos sites, os Locutores representam as línguas dos países pelo oficial, operam sobre os sentidos das línguas recortados pelos memoráveis que regulam essa política de gestão das línguas. O que está em jogo aqui é uma discussão sobre a representação das diferenças nos processos linguísticos e não uma análise do “uso” ou do “funcionamento” dessas diferenças: não fazemos, portanto, uma descrição das “variações” do português do Brasil nos falares do sul, o gaúcho, ou do falar caipira, que se fala no sudeste, mas de como se dá a representação do francês e do alemão, ou ainda, do alemão-padrão, ou do romanche, e do alemão suíço, na Suíça bem como do português²¹, completamente silenciado no site.

As noções que introduzimos aqui serão aprofundadas no próximo capítulo, quando falaremos sobre os espaços de enunciação (GUIMARÃES, 2002). Olhar para o funcionamento enunciativo das línguas é, a nosso ver, verificar como aquilo que ali está dito sobre a língua retoma algo já enunciado, como leitura e interpretação, já regulado pelo modo como o espaço de enunciação distribui as línguas e os modos de enunciar na e pelas línguas. Sendo assim, o que se diz não é a referência a esta ou àquela língua ou povo, mas sim uma retomada de enunciações organizadas no dizer, que representam essas línguas e nos faz olhar para esses processos, pontuando o funcionamento da designação.

2.1 A relação entre língua e nação e a política de gestão das línguas²².

A representação das línguas nos sites levanta algumas questões relativas aos discursos que sustentam as formulações sobre o funcionamento das mesmas e por isso sobre as relações: 1) língua/espaço geográfico, 2) línguas/falantes, 3) língua/nação, 4) povo/nação, 5) o ciberespaço e a textualidade da distribuição e representação de línguas, já que a página dos sites que analisamos está inscrita na rede.

Discutir sobre essas relações implica refletir sobre a política que determina o funcionamento do discurso sobre as línguas relativamente aos seus processos históricos, já que elas são, sob essa ótica, representadas na relação com o(s) lugar(es) e com o(s) povo(s) que fala(m) essas línguas.

²¹ Exploramos, no capítulo seguinte, as relações entre o Francês, língua oficial e nacional e o Português, língua de imigração e herança, no espaço de enunciação Suíço, para melhor caracterizar este conceito, bem como a materialidade, os movimentos, dos espaços.

²² Esta parte de nosso trabalho foi desenvolvida quando do nosso estágio de pesquisa na Universidade de Lausanne – Suíça, sob a direção do professor Patrick Sériot, no período de setembro de 2012 a setembro de 2013.

A representação em sites é uma medida política. Lá há asserções sobre as línguas que (res)significam suas designações a partir de uma **demanda política de afirmação de pertencimento**. Dito de outra maneira, para exemplificar esses modos de representar, fala-se o mesmo português no Brasil e em Portugal? Na Suíça, fala-se o mesmo francês e o mesmo alemão ou dialetos dessas línguas? O que se diz sobre o francês e as demais línguas (dialetos?) na França?

No estudo da língua, a questão da nação e do nacionalismo sempre esteve imbricada às descrições das línguas nacionais, principalmente entre os séculos XVII e XIX, já que a sua constituição se deu a partir da formação dos Estados nacionais. Logo, o funcionamento das línguas materializa a construção dos termos da nação, do nacionalismo, e sua organização política em Estados, povos, etnias. Exemplo disso é a formação das línguas nacionais, através das descrições das línguas europeias, como a Gramática de Port Royal que data do século XVII, que visava um **estudo racional e filosófico da linguagem** a partir da retomada dos estudos clássicos, gramaticais. Ou seja, desloca-se o estudo das razões estilísticas, tal como os estudos literários da língua latina, dando-se foco a certo tipo de descrição das línguas nacionais. Do feudalismo às revoluções burguesas começam a tomar forma os procedimentos modernos de discussões no entorno das línguas nacionais: o Francês, o alemão, o espanhol, o italiano, o português, etc. De outro modo, a língua nacional se torna uma razão de Estado, tendo no(s) diferentes tipos de **nacionalismo(s)**, que têm em comum o sentimento de unidade, de povo em relação ao território e à língua, as bases para sua form(ul)ação.

Nas palavras de Gadet & Pêcheux (2004, p. 37):

A política burguesa transforma a rigidez das ordens em terreno de confronto das diferenças. O que havia começado com as empresas de cristianização da igreja medieval, e continuara com o início do colonialismo (particularmente, as gramáticas dos missionários), ganhou, com a constituição dos Estados nacionais, a forma de um projeto político, que colocava na ordem do dia das revoluções burguesas a “questão lingüística”: constituição da língua nacional através da alfabetização, aprendizagem e utilização legal dessa língua nacional.

Esses materiais, os das produções das Políticas Linguísticas: gramáticas, dicionários, enciclopédias, mapas linguísticos delineiam uma política de Estado, de uma língua e de um povo e significam os modos de representação do oficial. Ou seja, essas produções significam

de modo específico as políticas de Estado, para as línguas e seus espaços, o que interfere em seu modo de nomear. Nesses processos, sempre há outros, que no campo (e em termos) da língua designam e referem, silenciam, articulam os modos de enunciar os **nomes** das línguas. Para Sériot (2001, p. 16) esses modos de nomear instituem importantes imbricações entre a relação língua/nação.

Discutir o nome de uma língua é o mesmo que discutir o nome de uma nação. Por exemplo, a nação Macedônia existe? Do ponto de vista do Iugoslavo oficial (pelo menos na época de Tito) o macedônio é uma língua, o que faz com que a Macedônia receba o estatuto de República Federada da Iugoslávia. Do ponto de vista Búlgaro, o que permite ao governo búlgaro fazer reivindicações territoriais sobre o sul da Iugoslávia e não conceder o estatuto de minoria nacional aos macedônios da Bulgária.

A relação posta na língua, nesse caso, é o que nela é significado em seu nome. Há um exterior, uma relação com o simbólico, um passado de significações que funciona nessas asserções sobre as línguas e os falantes nos sites, o que significa essa política de representação de línguas, falantes e da nação que fala essa língua em um espaço em que essas tensões entre significações estão diluídas. Como, no caso do Brasil, por que oficialmente não temos que o nome da língua é a Brasileira? Ainda, no caso da Suíça, em relação às divisões do alemão suíço em dialetos locais, cada um com a prefixação do nome do local²³, o caso do *Balois* (de Basel), o *Bernois* (*baernduetsch*²⁴ ou em alemão padrão *bernardeutsch*), tal é a relação identitária das nomeações que, ainda assim, elas estão incluídas no domínio do alemão²⁵, tanto que é o alemão padrão (ou *Hochdeutsch*, alto-alemão) que é ensinado nas escolas da Suíça. São essas tensões que constituem a de designação do nome de língua brasileira ou portuguesa, alemão ou alemão suíço, etc.

Ainda Sériot (2001, p 16) afirma:

Não proponho separar aqui a verdade da falsidade: o que está em questão não é a adequação das palavras às coisas, mas o fato de que certas palavras são aceitas ou não, são tomadas por adquiridas ou não,

²³ Colocamos o nome em francês.

²⁴ Disponível em <http://www.edimuster.ch/baernduetsch/>

²⁵ Tal como define o site na seção

www.swissworld.org/de/schweiz/ressourcen/animationen/sprachen_und_dialekte, no qual cada modo de falar, cada dialeto local, tal como mostra o site, corresponde à escolha por uma forma específica do Alemão.

para **designar comunidades, isto é, para agrupar ou separar. É o nome que faz a fronteira.** (grifo meu)

Como já posto em outro lugar do trabalho, em Pêcheux e Gadet (1998 e 2004), Orlandi (2010) e ainda, Rancière (1996), Guimarães (2002), sobre a representação das diferenças nas línguas, as práticas das Políticas Linguísticas, tais como as desenvolvidas e empreendidas no século XX, operam no sentido da inclusão das minorias socialmente desprivilegiadas, tendo como principal argumento a noção de democracia, de direito de todos, o que resulta na ilusão (cf. PÊCHEUX e Gadet, 1998) de apagamento das diferenças.

O racionalismo europeu desenvolvido no século XIX arrolou paradigmas no que se refere aos modos de organizar as relações entre os sujeitos. Desse modo, o relativismo cultural empreendido como “mecanismos de identificação dos sujeitos dos Estados nacionais, em relação ao *uno* e o *múltiplo*, o *universal* e o *particular*” (RODRIGUEZ-ALCALÁ 2004, *apud* RODRIGUEZ-ALCALÁ 2010) operaram, regulando a ideia de igualdade, de partilha de bens culturais, ou de diferenças. Essas práticas têm suas determinações diretas nos modos de organização das línguas nacionais (a igualdade) e seus efeitos sobre os dialetos e patoás, as diferenças.

Explicando os diferentes tipos de nacionalismo europeu, o exercido na França e na Alemanha, dois exemplos na era da formação dos Estados-nação, Patrick Sériot (2001) afirma que há dois tipos diferentes de configurações do caráter nacional, um a partir da divisão social, a noção de *Demos*, tal como o exercido na França, no qual o princípio de inclusão, e de igualdade, se baseia no apagamento das diferenças em função da partilha dos bens comuns, a língua, os costumes, e ainda a questão territorial e o outro, o princípio alemão, calcado na noção de *Ethnos*, etnia, no qual a organização se dá pela unidade: um povo, um território, uma língua.

Nesse sentido também, Rodriguez-Alcalá (2010, p.129), analisa tal formação no âmbito filosófico da organização conceitual no campo das diferenças afirmando que:

A tradição francesa pretende distinguir na diversidade das línguas, mais além de sua particularidade, os princípios universais dos pensamentos dos seres humanos, enquanto *animais racionais*, sustentando a existência de uma *racionalidade universal*. A segunda, de filiação alemã, advoga pelo caráter irredutível das diferenças, enquanto modos sempre particulares de apreender

a realidade, o que é comum à existência dos seres humanos, *universal*, é o *relativismo* da maneira pela qual se relacionam com o mundo de acordo com a sua cultura. E essa é a visão relativista, particularista, que sustenta a formulação do conceito de etnicidade.

O ponto a ser explicado, aqui, é o apagamento das diferenças que se explicam pela *natureza do vínculo social*, de ordem etnicista, que cria seus modos de afirmação de pertencimento, de inclusão, e os de exclusão através da “*herança cultural*” e de suas representações nos “*símbolos identitários* (personagens lendários, língua, costumes, tradições)” (Idem) transmitidas em gerações, que em consequência **geraria** uma *afinidade natural* entre os membros desse grupamento, que constitui o que a autora chama de “*consenso etnocultural*” e do “apagamento das diferenças”.

Se pensamos nos modos de organização da representação das línguas da Europa nos sites que recortamos, consideramos que são diretamente ligados a esses modos de organização dos discursos sobre os (des)pertencimentos a grupos de línguas e falantes, tanto no que diz respeito à representação das línguas nacionais e oficiais, no que se refere aos que estão incluídos, quanto nos modos de (re)organizar os que estão fora dessa relação, os estrangeiros, os Outros. A gestão das línguas colocadas pelo consenso etnocultural, pelo apagamento das diferenças, revela que o conflito e o litígio não são legitimados nesses lugares de fala, pois o consenso incide sobre a “igual distribuição das relações sociais”, e das falas que designam e referem as línguas designadas a partir desses imaginários. Nesse aspecto, representar o país: A Suíça, o Brasil, a França requer falar desses elementos que significam os que estão delineados, contemplados no interior dessas fronteiras, dessa (geo)escrita, também repercutem as questões das identidades e da diferença e seus modos de geri-las.

Com o mesmo fim integralizador e derivadas das práticas acima assinaladas, as **Políticas Linguísticas** que derivam da noção de nacionalismo e a expandem, no sentido de que as noções de território, e as fronteiras político-geográficas-territoriais, organizadas a partir da relação língua/sociedade/território, deslizam para a noção de **Transnacional** e **supranacional**, cf. Rodriguez-Alcalá (2010, p. 157), cuja caracterização espacial é jurídico-administrativa, como os blocos econômicos, a União Europeia (UE) e o Mercosul, que reivindicam a *inclusão* de suas línguas nacionais no âmbito de suas relações, ainda os pactos e acordos, como a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), instituem,

distribuem, as línguas *oficiais*, nacionais, de trabalho, para além do que, inicialmente, era o âmbito de atuação do Estado nacional. Relativamente a esses processos, Eric Hobsbawn (2010, p. 249) afirma que

Nada disso significa que, hoje, o nacionalismo não seja muito proeminente na política, ou que haja menos nacionalismo do que antes. O que eu argumento, mais propriamente, é que apesar de sua evidente proeminência, o nacionalismo é, historicamente, mesmo importante. Não é mais, como antes, um programa político global, como se poderia dizer que foi nos séculos XIX e início do XX. É, na maior parte, um fator complicador, ou um catalisador para outros desenvolvimentos.

Dessa discussão acerca do nacionalismo na Europa, bem como de seus desdobramentos na contemporaneidade, podemos verificar o caso da Suíça. No meio da Europa, sua organização política nacional se deu diferentemente da relação posta acima: língua/território/sociedade, calcando sua base comum no mito helvético²⁶. No entanto, a Confederação de Estados não fugiu à tal relação ao distribuir suas línguas. Para a crítica a este modo da atual “gestão” de suas línguas, François Grin (2000) interroga se a governança e a gestão das línguas na Suíça se alinham às mudanças sócio-históricas mundiais, em função de outros paradigmas das relações humanas, e se a globalização, conforme sua ordem “democrática”, no sentido da igual “repartição”, de seus bens culturais, abrange o paradigma da diversidade na atual conjuntura da Suíça, dando enfoque, sobretudo, à gestão das línguas da Suíça, do inglês, e nas línguas dos imigrantes, mostrando o caso dos portugueses e albaneses.

O autor suíço, professor na Universidade de Genebra, atribui, como ponto chave para o sucesso da manutenção da diversidade, o papel do mito Helvético, na formação da diversidade na unidade: a diferença na unidade, cujas raízes não têm diretamente a ver com as línguas, mas com a oposição aos diversos conflitos, incluindo os de ordem religiosa entre católicos e protestantes, que configuram os grandes acontecimentos da constituição histórica da Confederação.

O autor critica, entre outras problemáticas, através de estatísticas, o modo como ocorrem as políticas de gestão aos moldes suíços, que ao introduzirem o inglês de forma

²⁶ Desenvolvemos melhor esse ponto quando falarmos do espaço de enunciação da Suíça.

massiva, no âmbito das relações de Estado, oficiais e institucionais, como nas escolas, não permitem igual “repartição” e inclusão dos bens culturais compartilhados na Suíça, à medida que as línguas dos imigrantes, que se integram à realidade cotidiana, que trabalham, não têm direito ao acesso à sua língua.

Ele faz, então, uma análise interpretativa dessas políticas sob a ótica da economia e assegura que as tais não garantem a “igualdade” de repartição, como o almejado. O discurso de Grin interessa, pois aponta que o modo de incluir a prática pluri/multilíngue da gestão “à la suisse”, não passa de um **monolinguismo justaposto**, pois no plano oficial, cada cantão regulamenta a seu modo sua(s) língua(s). O autor coloca a crítica justamente pelo modo como tal política vem “repartindo” o inglês nas escolas para a inclusão no mercado de trabalho e ainda, para diminuir os problemas de comunicação entre os suíços, e em função da nova configuração atual frente aos desafios postos pelos crescentes movimentos migratórios de países como Portugal, Albânia, Romênia e, posteriormente, após a crise na UE, Itália e Espanha, ou seja, diante dos entraves da imigração, do Outro, e da problemática posta pela “diglossia” entre o alemão que se ensina na escola, o *Hochdeutsch*, inclusive nos cantões onde se fala francês e italiano, e o alemão suíço e acrescenta que, se um francófono aprende alemão na escola, ele não compreende o que o suíço alemão fala, dada a diferença entre a **língua** e o **dialeto**.

Embora pensemos serem pertinentes as afirmações de Grin (2000), nosso intuito neste trabalho, não é o de categorizar a gestão das línguas da Suíça, mas de mostrar os processos envolvidos nos modos de ressignificar essas práticas em sites, fazendo, no entanto, uma descrição/interpretação dos modos de inscrição das designações na internet. Nesse sentido, distanciamos-nos de sua posição em relação ao monolinguismo justaposto, pois pensamos que ela se baseia em uma requisição/denúncia em favor da inclusão, cuja premissa social e empírica precede e apaga o histórico e o político, e o simbólico. A questão que evocamos, no entanto, requer que, no interior de um processo, sejam desmontados os gestos de interpretação, os enunciados que retomam ou não as categorizações das línguas, no plano das diferenças e das diversidades, o que nos leva a retomar toda a discussão sobre os tipos de nacionalismos e sobre as práticas de gestão e repartição da(s) língua(s) que uma geografia da língua delineia.

2.2 Os espaços e as línguas: os recobrimentos

A relação entre língua e espaço é enormemente estreita. Desde o início da Linguística moderna que se debate a relação língua/espaço geográfico, o que tem sido uma medida de delimitação do espaço de funcionamento de uma língua. Inúmeras são as metáforas que corroboram para esta constatação, tantas quantas os equívocos que as circundam: em Portugal, fala-se Português, na França, francês, na Alemanha, o alemão, e na Suíça, o suíço? Na Bélgica, o belgo ou língua belga? Quais seriam essas línguas? Essas são as implicaturas do recobrimento do nome da língua, pelo nome do Estado, derivas da formação dos Estados/Nação no século XIX, tal como a França e a Alemanha.

Em a Geografia das línguas, Albert Demangeon (1929, p. 427)²⁷ geógrafo francês do século XX, enfatiza que a língua é um determinante para definir a história dos grupamentos humanos e seus espaços.

Se as condições naturais exercem sua poderosa influência sobre os modos de agrupamentos humanos, algumas propriedades da inteligência humana, como a linguagem, agem de uma maneira tão forte e tão direta para determinar a forma e a vida desses grupos. Instrumento de relações entre os homens, a linguagem, lhes fornece um princípio de associação; os homens têm a tendência de se unir de acordo com suas afinidades de linguagem, e também frequentemente, quando eles já estão agrupados, a se servir da mesma língua.

A partir dessa produtiva afirmação, podemos discutir alguns modos de reflexão entre a língua e os espaços que ela delinea. Segundo o que ele aponta, tamanha é a sua importância que este ramo da ciência deveria aparecer como necessário aos estudos dos grupos humanos e, por isso, da geografia humana. Segundo ele, a língua é o primeiro elemento responsável pela aproximação de pessoas por uma semelhança. Ele faz uma afirmação de caráter geral de que o homem tende a se aproximar por semelhança, de acordo com as suas “afinidades linguísticas” e, frequentemente, quando da existência desses grupos, a “se servir de uma mesma língua” e que esse fator mostra um espectro da “repartição geográfica dos grupos humanos, de suas mudanças, de suas migrações”. Acrescenta, ainda, que tais pontos relativos às movimentações humanas, podem mensurar o poder de expansão dos povos que as falam. Tal fator caracteriza

²⁷ Tradução nossa.

uma comunidade de língua, que cria entre os homens uma ligação estreita: “ela está quase sempre na base de uma nacionalidade”. Esta noção, conforme o texto, caracteriza-se pela “consciência” dos que têm “vontade de se unir em um mesmo quadro político e de nele se organizar”. Disso advém a base, o “germe”, de muitos Estados.

A partir dessa definição de Estado, Demangeon manifesta seu “descontentamento” em relação ao número de línguas em um país, genericamente, atentando para o “perigo” da criação de uma multiplicidade de pequenos Estados, pois, devido ao esfacelamento político, são quebradas as relações gerais e o isolamento político, causado pelo isolamento linguístico, que resulta no isolamento econômico.

Após dissertar sobre a origem das línguas nos países da Europa, relativamente ao seu caráter indiciário (de indícios e vestígios), o autor ainda sugere que uma suposta unidade linguística da antiguidade repousava sobre uma unidade de civilização e não sobre uma unidade política. Ainda sob a ótica indiciária, Demangeon infere que quanto maior a “extensão de uma língua, maior medida do poder de expansão dos povos”. Os romanos e gregos teriam, então, conseguido edificar-se como povo civilizado sobre outros povos, mesmo sobre seus sucessores, pois suas línguas, por terem um “grande prestígio, serem de melhor metal que outras”, por serem capazes de “extensões e de conquistas, ainda conferiam uma força particular aos grupos humanos que as falam”. Aponta como exemplos desse alto nível de especificidade o latim sobre o germânico no período de dominação dos francos e o seu “triumfo” sobre as outras línguas da Itália, e de outros países do mediterrâneo. Como modelo de progresso, o latim teve seu sucesso sustentado pelas rotas romanas e suas colônias. “Para se estender, é necessário que uma língua sirva de organismo a uma civilização superior”. Cita ainda outros exemplos como o grego sobre o fenício. O árabe, na Mesopotâmia e no Egito, sobre o babilônio e o egípcio na África do Norte sobre o berbere e, mais atualmente, sobre o turco, o inglês e o francês.

Sobre o francês, o caráter de língua de civilização se deu no século XIII quando “triunfou” sobre os patoás locais, para que no século XVI se tornasse a língua oficial do Estado francês e no XVII, devido ao seu poder de influência, a língua “escolhida” como a língua “comum de gente cultivada” (p. 430).

O inglês e o russo também têm destaque na fala de Demangeon. O primeiro, o inglês, língua “alerta e limpa” não é somente a línguas dos “domínios”, de ex-colônias e dos britânicos, mas uma língua de civilização, como na Índia, que une os grupamentos que falam diferentes línguas. O russo se “elevou” a essa posição, no *Transcaucaso* e é língua comum entre os Armênios, os Georgianos e os Turcos.

2.2.1 Língua, civilização e nação

Na mesma linha de raciocínio, Demangeon reafirma que a língua está na base dos grupamentos humanos, elemento de prática comum assumido como uma consciência que culmina em nação: “Com ela, eles possuem um caráter comum, de valor prático, de que eles têm a clara consciência: essa consciência está na origem da nação” (DEMANGEON 1929, p. 428). Um grupo, uma língua, uma nação. Como tais objetos são tomados como sendo únicos e proporcionalmente ligados, como ele mesmo observa, levam à conclusão de que quando se apagam as diferenças na língua, apagam-se, conseqüentemente, as diferenças nacionais e, contrariamente, onde não há um sentimento nacional, tende-se a eliminar as diferenças na língua.

A partir da intrínseca ligação entre língua e nação uma civilização consegue sobreviver a problemas de ordem política. O polonês, por ser bem evoluído e abrangente conseguiu sobreviver a uma crise política do Estado polonês.

Contrariamente ao que vinha dissertando, o autor pontua que o Bretão e o Provençal, na França, não se tornaram fatores de renegação da “nação” francesa, e que o povo Irlandês consegue exibir uma característica nacionalista, mesmo que sua língua recue diante do inglês.

A noção de civilização abordada por Demangeon é baseada no critério de grupamentos humanos, que se dão a partir da língua. Nesse sentido, nem a raça, nem outro critério biológico ou étnico determinaram a formação do grupamento humano, que não seu elemento social: a língua. Sobre essa questão afirma ainda que quase todos os povos europeus mudaram de língua em função de necessidades sociais.

As consciências nacionais baseadas na unidade das línguas aparecem no século XIX, o que embasou as fundamentações políticas de “grandes” nações como a italiana e a alemã, em Estados. Através disso, conclui-se que cada nação constitui um Estado, apesar da exceção das

nações na região dos Bálcãs, cuja independência política já havia sido conquistada à força de intervenção militar de países de base cristã, que ajudaram no combate contra o Estado turco. Após a grande guerra²⁸, é a independência política das nações menores que entra em crise.

A “civilidade” das línguas sempre foi ligada à sua capacidade de abranger as tecnologias de suas épocas. Ou seja, de “expressar” em suas formas “noções comuns a um grande número de homens”.

Quando elas são escritas, elas se tornam fixas quando elas, assim fixadas, oferecem solidez e segurança, elas são como dinheiro genuíno que circula longe, assegurando câmbios estendidos (DEMANGEON, 1929, p. 429)

À medida que se estendem as grandes línguas mais bem “armadas” pela vida, vê-se desaparecer os patoás locais. “Os patoás locais *morrem* como desaparecem os pequenos artesãos diante da fabricação industrial nas grandes fábricas” (IBIDEM)²⁹.

Demangeon esclarece, então, que o objetivo de um estudo sobre a “geografia das línguas” é necessário para os estudos dos “grupamentos humanos”, ou seja, da “geografia humana”. É o linguista que deve direcionar o geógrafo em seus estudos sobre os espaços definidos pela língua. Baseia, então, seu trabalho documental e quase enciclopédico em dois importantes autores do campo da linguística: Antoine Meillet³⁰ e Lucien Tesnière, no apêndice da obra do primeiro. Os dois autores, descrevem a situação das línguas da Europa de modo a quantificá-las. Fica a cargo de Tesnière, segundo Demangeon, no apêndice do livro de Meillet, a crítica aos métodos estatísticos que partem do espaço geográfico para definir os territórios linguísticos dos homens. Sendo assim, Tesnière desenvolve outra técnica para definir as espacialidades humanas a partir das línguas. Tal caracterização utilizada pelo autor é também assumida por Demangeon, que documenta os números relativos à: “estatística das línguas da Europa”, “Classificação das línguas da Europa”, “Estatística comparativa das línguas do mundo”.

Albert Demageon aposta, em sua geografia das línguas, em dois trabalhos de base para a constituição do que seja, uma “situação” geográfica, territorial, de um lado, sobre as línguas,

²⁸ Demangeon se refere à Primeira Guerra mundial.

²⁹ Tadução nossa.

³⁰ MEILLET, A. Les langues dans l'Europe Nouvelle. 1928

e, de outro lado, os fatores sócio-políticos, dessa localização geográfico-linguística, que configuram um panorama, do mais geral aos específicos, das línguas do mundo.

Tal concepção nos leva a imaginar que o caráter documental e indiciário do texto, dota-se de um ideal progressista e de homogeneização dos processos linguísticos caracterizados pelo caráter purista (e elitista) do pensamento europeu.

No texto em questão as relações geográficas são postas de modo a contemplar uma delimitação territorial a partir da língua, de funções comunicativas. Em busca de uma organização em termos racionais e humanísticos, as sociedades europeias, ao se organizarem em nações a partir de suas línguas, constroem o conceito de civilidade baseado no direito e na lei. Tal modo de organização cria tantos entraves quanto a ilusão de que se organiza, ou se evolui em algum aspecto da questão e não alcançam o crescimento desses grupos. O recobrimento da nação pela civilização é resultado dessa problemática. Em função disso, em meio às questões políticas envolvidas nesses processos de organização e regulamentação dos processos sociais, a economia recobre a política e a delimitação e, por isso, a gestão de línguas. Então, pela evidência, e verdade, dos números, o controle se estabelece de modo a se ter “consciência”, e conhecimento, sobre os “fenômenos” linguísticos desse limite político-geográfico-linguístico, que passam a ser vistos como objetos empíricos.

Sob outro viés, o da epistemologia comparada, para Patrick Sériot (2001), a nação é uma produção do discurso e, por isso, a nosso ver, significada a partir daquilo que se diz sobre ela. Nessa esteira, a produção de um imaginário sobre a nação sempre se deu relativamente à língua e sobre o discurso sobre ela. A nação e a língua aí não são dois objetos empíricos, é discurso, é afetada pelo simbólico.

Patrick Sériot (2001), ao analisar “o discurso sobre a língua” na União Soviética, nos anos 30, analisa as filiações dos autores, que ele julga mais importantes para esse percurso, e suas implicaturas nos modos de tratar a língua nesse lugar. Segundo ele, o poder político da URSS sempre deu muito valor às questões de língua e de linguística, condenando ao fuzilamento seus linguistas por suas concepções diante da língua. Nesse sentido, ele estuda, no texto em questão, a passagem do internacionalismo ao nacionalismo na linguística como desdobramento dos domínios *político, científico, ideológico, artístico*.

Levando-se em conta que esses efeitos ideológicos são constituídos nos discursos, Sériot (2001) trata o nacionalismo como “uma fabricação de uma identidade coletiva no plano

imaginário e, *ipso facto*, a constituição de um Outro”. Em outras palavras, esse efeito ideológico, o nacionalismo, significa um modo de representar a língua, o que projeta um Outro, o diferente, pela identidade que uma língua significa.

Passando pelos campos do nacionalismo bolchevique de Kaganovitch e Danilov (que lutavam por uma língua nacional com base na língua Russa), pelo eurasismo de Trubetzkoy - que afirma que a consolidação da nação soviética deve ser a partir da admissão e legitimação da junção das culturas dos povos que a constitui; pelas diferentes manifestações de marxismo sobre a *língua única da humanidade futura*, em Marr (uma língua sintética) e Stálin (uma língua resultante da fusão das línguas existentes), até o período de estagnação, no qual os discursos sobre a língua repousam sobre a “especificidade da linguística soviética e a superioridade da língua russa” (p.62); Sériot (2002) discute a heterogeneidade que constitui o nacionalismo na língua e nos discursos sobre ela.

A história do discurso sobre a língua na URSS é uma via de acesso à constituição dessa topologia imaginária, fundadora de uma entidade, a nação. É também a história da mudança da figura do Outro, evacuada do interior ao exterior da identidade nacional. (SÉRIOT, 2001, p.68)

Os pontos que discutimos aqui têm a ver com o modo de organização espacial humana em função da língua. Isso implica em explorar alguns âmbitos do conhecimento e situar de que modo se aborda tais objetos. Primeiramente é necessário apontar que, tal como Sériot (2001), para nós, os espaços de organização humana não são objetos empíricos. Desse modo, a geografia não se instaura de modo determinante nem para as relações humanas, nem para a condição das línguas, interessando-nos o modo como essa formação, a geografia, reorganiza os espaços, o homem e suas relações, em sua dimensão histórico-simbólica. Essa formação (discursiva?) escreve, e submete, assim, a língua e sua extensão ao resultado de uma organização espacial, territorial (em regiões, posições geográficas) e a delinea em função de fronteiras, rupturas, extensões territoriais. Nesse sentido, a geografia assume uma posição bem específica nessa discussão, que é a de um objeto científico que visa a observação dos grupamentos humanos em função de sua organização sociopolítica. Ela adquire, desse ponto de vista, um caráter enunciativo que está exposto ao simbólico e que por isso significa a partir de suas conceituações. Tais formulações neste campo, então, advêm de outras falas que aparecem agenciadas pelos modos como a geografia se instituiu como ciência. O geográfico

não é, então, um *à priori*, é um processo construído na e pela linguagem, que organiza o sentido sobre os espaços, e no caso de Demangeon (1929), sobre o seu caráter indiciário, ou seja, de que a língua, em sua abrangência territorial, geográfica, é um indício de poder de uma civilização, para definir a organização humana.

Em relação às línguas e aos espaços, entendemos que ambos se re-definem um ao outro. Nesse sentido, o espaço se constrói concomitantemente ao funcionamento da língua, é sua enunciação que significa este espaço, seja de forma explícita, ou no modo de dizer, pelo e no qual o locutor enuncia, ou seja, a geografia da língua já está afetada pelo histórico e seus espaços se definem em relação aos seus falantes. Dito de outro modo, a língua se organiza em função de seu espaço na medida em que este espaço se constitui a partir da língua que ali é falada. E isso exige que pensemos tais processos de outro modo. Segundo Guimarães (2002), as línguas funcionam em um espaço de disputas, um espaço regulado por outras significações, outras enunciações.

2.3 Os espaços de Enunciação e as divisões de línguas

Em Guimarães (2002, p.13), encontramos explicitada a noção de espaço de enunciação:

são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. São espaços constituídos pela equivocidade própria do acontecimento: da deontologia que organiza e distribui papéis, e do conflito, indissociado desta deontologia, que redivide o sensível, os papéis sociais. O espaço de enunciação é um espaço político (...).

O espaço de enunciação, tal como é definido por ele, é um espaço político, em que se articulam a política e o político. A primeira é a instância da normatividade e o segundo é a contradição dessa normatividade. A tensão que determina o que diz um Locutor afetado por uma língua já recortada por outras significações que definem seus sentidos. Ou seja, falar em português é diferente de falar em francês à medida que essas línguas identificam falantes.

Os espaços de enunciação são caracterizados por seu caráter político-simbólico e isso tem a ver com a relação língua/falante, com o modo como a língua é distribuída (cf. GUIMARÃES, 2002) nesse espaço. O espaço de enunciação não é, como já dito, um espaço

geográfico que evocaria o “uso” da língua: língua/dialeto/sotaque/variantes³¹. Nele, a língua é o que identifica, essa é a sua especificidade. O espaço enunciativo se constitui necessariamente de um movimento de línguas no acontecimento, pois nele as línguas “se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante” (GUIMARÃES, 2002, p. 18). A noção de **espaço de enunciação** tem a ver com o enunciável e o político, com o agenciamento enunciativo: aquilo que se diz, o modo como se diz e quem diz em um espaço afetado por uma política. Dessa maneira, quando falamos de espaço de enunciação da globalização, do Brasil, da Suíça, da França, estamos nos referindo aos espaços de funcionamento das línguas que são divididas desigualmente. Quando falamos de divisões estamos falando de línguas e sentidos. Dito de outro modo, o sentido da designação da língua redividida pelo Locutor (recortado pelos seus modos de dizer e lugares sociais de dizer), que enuncia sobre a língua. Sendo assim, não nos interessam as variações, os dialetos, os sotaques, em seus aspectos formais, mas suas representações.

No tocante ao espaço de funcionamento das línguas no contexto da globalização, Eni Orlandi (2012, p. 10), apresenta o que são os **espaços linguísticos**, re-definidos a partir da noção de contradição. Aparentemente, esses espaços são definidos em função de pactos e acordos para a promoção das línguas, do português na lusofonia, no francês, a francofonia etc. Ou seja, espaços cujas fronteiras ultrapassam seus territórios político-geográficos para atingirem os espaços de alcance da língua de modo **transnacional**. Desse modo, pactos, acordos, alianças surgem como medidas de regulação, e de organização desse espaço de promoção das línguas: produção de materiais didáticos, uniformização e padronização para o mercado editorial, museus, etc. Dito de outro modo, esses espaços se constituem relativamente às Políticas Linguísticas: medidas, leis, normas, manuais. O que Orlandi (*idem*) enfatiza é que, pelo modo como se organizam esses espaços, que preconizam o multi e o pluri (linguismo), as línguas são consideradas como objetos inertes, estáticos, amarrados pelos limites institucionais. E se contrapõe à noção estrutural como é “aplicada” em diversos materiais.

Estes espaços são atravessados por contradições, não são homogêneos. É assim que as relações entre convergência e divergência intervêm necessariamente. Há questões políticas diferentes nesses espaços e entre eles; e cada um se singulariza em formas históricas diferentes:

³¹ Tal como a sociolinguística de base americana categorizaria.

colonização, imigração, relações econômicas etc. Cada um a sua maneira, coloca tantas interrogações e contribuíram com atribuições sociais e políticas igualmente complexas e decisivas no mundo atual. Com resultados importantes para a geopolítica linguística que estabelece relações, forças e valores para eles. (ibidem)

Se, para nós, esses processos em torno das línguas e de suas representações se dão desigualmente, é necessário mostrar como se organiza essa hierarquia. Para nós, elas estão justamente onde estão os falantes dessas línguas. Segundo Guimarães (2002), eles são categorias dessas línguas, sujeitos a essas línguas. Deste modo, línguas e falantes, os espaços e as identidades são os pontos aos quais damos foco para falar daqueles que estão incluídos, legitimados a falar e isso se dá numa relação com as vozes dos locutores que fazem parte ou não de grupos de falantes, pois envolve a inclusão ou exclusão a um determinado grupo de falantes. Isso coloca ainda outros questionamentos sobre os conceitos de língua, dialeto, acento e sotaque, pois é a partir deles que se identifica um falante ou outra categoria da língua que não se enquadra em algum desses lugares de fala. Ou seja, para falar de grupo, de similaridade, pertencimento, precisamos falar de diferença, distinção, exclusão. Afinal, quem fala uma língua e quem fala um dialeto? Tais categorias engessam os processos, apagam as práticas em detrimento das formas, esfacelam suas políticas e o político.

Relativamente às definições acima, o espaço de enunciação é o modo de distribuir as línguas que estão em relação. Qual é o lugar da língua materna para seus falantes, ou o da língua nacional, assim como o da língua oficial, ou ainda o da estrangeira? E esta distribuição é sempre marcada por uma desigualdade politicamente construída. Ou seja, a distribuição dessas línguas para seus falantes constitui uma hierarquia entre elas e atribui um sentido para esta hierarquia. (GUIMARÃES 2006, p. 14).

E ainda relativamente a esses exemplos, os pactos, acordos estabelecem os mesmos ditames como se não houvesse diferenças nos modos de falar português, francês, como se a língua funcionasse apesar do falante, de seus grupos. Também nos faz pensar nos **equivocos** e nas **falhas**, nas **derivadas**, constitutivos do funcionamento da língua, no acontecimento.

Isso nos coloca diante de duas maneiras de operar com esses modos de divisão do real: inicialmente com a relação entre essas locuções nas relações entre as línguas e depois

como esses entraves constituem os modos de acesso à palavra, os status das línguas, suas divisões. Dito de outro modo, é na representação da repartição do francês, o alemão e o alemão suíço, o italiano e o português, que debruçamos nosso olhar para falar sobre esses processos, sobre essas locuções.

III. RELAÇÃO LÍNGUA/ESTADO/NAÇÃO: (DES)PERTENCIMENTOS

3.1 O espaço de enunciação da Suíça

Do ponto de vista linguístico, a "repartição" particular das línguas na Suíça chama atenção para inúmeros pontos a serem (re)discutidos diante do quadro de línguas da Europa, (português, inglês, francês, alemão, italiano, etc) e da América (português do Brasil, espanhol, inglês e outras).

A nossa reflexão sobre os conceitos que dão nome a esta parte do trabalho, acima mencionados, terão como base o discurso sobre a língua e a relação língua/Estado/Nação, sobretudo na Europa, e como consequência, uma rediscussão sobre o alcance dos conceitos tradicionais de língua: acento, dialeto, sotaque, pois o que se nota é o recobrimento entre o que é do nome do espaço, do povo e da língua, como por exemplo, a França, o francês e a língua francesa ou idioma francês, a Alemanha, o alemão e a língua alemã e outros casos. Ou seja, nessa relação equívoca, posta como natural, constrói-se um discurso sobre a língua calcado nessa natureza original e desconsidera-se aquilo que escapa, que desliza.

Articulamos política e história na análise de designações dos nomes dos espaços, das línguas e dos povos (falantes). Tomaremos essas noções de modo geral para rediscuti-las em função da representação e da distribuição das línguas na Europa ocidental e central, mais precisamente do caso do Alemão, do Italiano, do português e do Francês e a Suíça merecerá foco, pois é a construção desses objetos (e das divisões das representações), dessas línguas, neste país, que nos chama a atenção e mostra a diferença. Começemos, assim, por definir a relação do que é interior/exterior, dentro/fora, o Eu/Outro limítrofes desses processos.

3.2 Os limites, as fronteiras, as línguas, seus dialetos: os sotaques e os acentos

Fronteiras muito bem definidas por aduanas. Organizações políticas distintas. O movimento de um lado ao outro já foi diferente, mais conflituoso. Hoje em dia os trens, os ônibus, os tramways ou barcos ligam um lado e o outro das fronteiras. Os Cantões (Suíça), os Departamentos (França), Províncias (Itália) e os Estados (na Alemanha) se delimitam e se

interligam por fronteiras terrestres, montanhas, lagos ou rios. Os cantões de Genebra e Vaud (Lausanne) se limitam e se ligam aos departamentos franceses da *Haute-Savoie* (Alta-Saboia), cuja capital é Annecy-Fr, e a Savoie (Saboia) – Chambéry – Fr, pelo *Lac Léman* (lago Léman) ou *Genfersee* (Lago de Genebra), em alemão. Além do francês, língua oficial e nacional, fala-se ali o que é hoje o Franco-Provençal ou *Arpitan* (Artpitano), língua de cultura dessa região. É importante ressaltar que nesses modos de designar a relação com o Estado: se um departamento, se um cantão, se uma província, tem-se a relação com as línguas. De uma política centralizadora na França, se tem o Francês, das províncias da Itália se tem o italiano redefinindo os dialetos, e da política federalista da Suíça, dos cantões, tem-se línguas diferentes que se recategorizam e se redimensionam em dialetos, no caso do alemão (do alemão suíço), e nos sotaques³² (*accent*), no caso do Francês e do Italiano.

A circulação de um lado ao outro é garantida por acordos e pactos que categorizam a Confederação Helvética, geograficamente localizada no centro da Europa, enquanto parceira da União Europeia. Tendo essa circulação facilitada, aumentam-se as pessoas, aumentam-se as relações e as locuções. Por exemplo, fala-se português na Suíça, ele não foi semeado lá, ele ali está devido à crescente imigração portuguesa e as línguas sempre estão em relação.

Em função de suas coordenadas sócio-históricas, a Suíça manteve-se fiel à relação povo/língua, ou seja, os povos dos Estados antes independentes garantiram o direito à língua e à cultura locais, mesmo quando estes aderiram à Confederação, cuja língua era o alemão (designado como alemão suíço). E este sistema político não suporta a noção de Estado-Nação, como afirma François Grin (1999). O papel do mito Helvético se debruçou sobre outros aspectos para caracterizar o imaginário de povo: a higiene, a qualidade de serviços, a tradição humanitária. Isso foi o que garantiu a cada cantão o direito de escolher sua(s) língua(s) oficial(ais), o que permitiu a sua “repartição” de línguas em cantões, segundo as origens das “nações” que ali viviam. A língua não teve papel decisivo, embora fosse central, para a elaboração da unidade política, diferentemente da França, país organizado em Estado centralizado, que via na unidade da língua, do povo, a solução para a constituição de um

³² Há uma diferença estabelecida na tradução de *accent* por acento ou sotaque em português, pois acento em português designa o acento gráfico ou a sílaba tônica de uma palavra. Além do fato que o termo configura uma diferença do próprio português. Não se diz, por exemplo, que há dialetos ou acentos do português, mas variantes do tipo “falares”, ou vertentes: variante brasileira, variante europeia, variante africana, etc.

Estado uniforme, pela divisão de seus bens comuns: um povo, uma língua, uma nação, um Estado.

No entanto, todo um outro trabalho de justificativa deveria ser feito na Europa não somente reacionária, mas onde triunfava também uma estruturação rígida do espaço. Ela estava embasada sobre uma hipótese de uma seguinte correspondência necessária entre o *Estado* e a *Nação*, entre a *Nação* e o *Povo*, e entre o *Povo* e a *Língua*. A tradição francesa era um exemplo mais profícuo disso. A questão da diversidade das línguas não podia ficar em silêncio, nem mesmo ser tratada de passagem como um elemento periférico da identidade suíça. Era necessário ao contrário, que ela fosse central, e por isso recolocar em causa, essas sucessivas correspondências³³. (GRIN 1999, p. 253)

A Suíça historicamente se configura pela heterogeneidade dos povos distribuídos em vinte e seis cantões. Esses povos trouxeram consigo as línguas que falavam. A Confederação Helvética tem a mesma composição nacional desde 1848 (GRÉGOIRE NAPPEY & MIX & REMIX, 2013), data da criação do Estado federal, onde foi elaborada a primeira constituição que institui um Estado de regime federalista. Dezenove cantões germanófonos, quatro cantões francófonos, três bilíngues (Francês e alemão): Valais, Friburgo e Berna; um cantão trilingue: fala-se italiano, alemão e romance nos Grisões. Essas regiões linguísticas mais o último cantão deram origem aos três outros grupamentos linguísticos que compõem a atual Confederação de Estados: Suíça românica, Suíça alemã e a Suíça italiana. Essas são as três macrorregiões que se caracterizam por suas diferentes configurações nacionais. Cada cantão com seu mono ou bilinguismo. Só os documentos federais são escritos nas quatro línguas³⁴, mas, sobretudo em alemão. O caso do reconhecimento do romance é outra inovação. O acordo se dá entre a confederação e algumas comunas dos Grisões, onde se fala o reto-romance.

Tal organização é nitidamente marcada por placas, anúncios de trens em três ou quatro línguas, dependendo de onde se encontra. Nos cantões germanófonos, o anúncio no trem vem primeiro em alemão, depois em francês se ele vem de um cantão francófono e depois em

³³ Tradução nossa.

³⁴ Alemão, francês, italiano e em algumas comunas do cantão dos Grisões, em reto-romance.

Inglês. Se o trem parte de Lausanne em direção à Milão, por exemplo a ordem é: francês, alemão, italiano, inglês.

As figuras abaixo ilustram essa repartição e também os modos de redistribuição nessas línguas relativamente aos seus acontecimentos enunciativos. Na Figura 1, tem-se o exemplo do enunciado “Passagem proibida”, escrita em 4 línguas, nessa ordem: francês, alemão, italiano e inglês.

No cantão francófono de Vaud.

Figura 1 - Placa que proíbe a passagem de um lado a outro da linha do trem, em Glion (Vaud)



No cantão francófono de Neuchâtel.

Figura 2 - Aviso que indica a saída. “Aperte o botão”



No cantão bilíngue de Friburgo.

Figura 3 - Placas bilíngues que indicam o nome da rua. Rua das Esposas. Uma tradução de um nome.



A Suíça é um país que se destacou, no meio da Europa, por sua maneira diferente de organizar a política do país. Como já dito anteriormente, a língua não teve um papel decisivo, uma atribuição “política” de dominação ou como medida de partilha de bens comuns. Segundo Grin (2000, p. 258-259) há três instrumentos principais da gestão das línguas: 1) a territorialidade, 2) a liberdade da língua, 3) a subsidiariedade, que serviram de modelo para toda

medida sobre a língua. Este modelo que se vira e se inverte³⁵, em francês “*verse et renverse*”, sobre o unilinguíssimo ou sobre o monolinguíssimo (GRIN 1999, p. 259-260). Ou seja, o pluri, multilinguismo suíço é regulado por uma prática monolíngue, pois é opcional ao cântico o ensino de alemão, a língua **majoritária**.

3.3 Status, valores, gestão, governanças de línguas na Suíça.

Já é sabido, quase um senso comum, que determinadas línguas são mais “frequentes” e têm mais “visibilidade”, na atualidade. Também se sabe que o que define tal “valor” são as coordenadas de ordem econômica e que determinam a “produtividade” dessas línguas. Ou seja, os seus espaços de enunciação já são afetados por uma política de distribuição, como é o caso do português na Suíça, que funciona de modo específico, em nomeações, sempre em relação com o francês. Todavia, o que é visível e nítido passa tão despercebido aos olhos que as ideias e as posições se diluem e se enchem do óbvio na “neutralidade” das posições da ciência, da mídia especializada, do jornalismo científico, dando cara e aparência ao senso comum. Nesse sentido, de um extremo ao outro, ou se atribui os tais status às manobras sócio-políticas “utilitárias”, de que as línguas mais produtivas têm mais valia porque são mais “utilizadas”, “empregadas”, tem maior número de falantes e por isso merecem ser mais ensinadas, ou, no outro extremo, apaga-se por completo qualquer elemento do qual surgiria a possibilidade de uso da mesma. Entretanto tudo que é evidente ou apagado, escapa, pois o que move a engrenagem dos processos linguísticos são locutores afetados por posições-sujeito. Ou seja, essa movimentação é histórica. Não se dá ao acaso ou arbitrariamente. Dessa maneira, algumas estratégias do “esquecimento” desdobram-se sobre o silêncio, que significa sobre a forma da história. A memória **ressignifica**, nesta medida, o “incômodo” dos que a todo custo reivindicam o progresso, a ordem, o bom entendimento e a “integração”, no consenso.

Em tempos em que tanto se discute sobre mono, multi e plurilinguismo, nesse contexto global e mundial, os cruzamentos com outros discursos não são menos produtivos: patriotismos, nacionalismos, identidade una ou fluída, o imaginário sobre povos e línguas é atravessado pela relação com o Outro: do que pertence verdadeiramente àquela língua, haja vista a quantidade de sistemas para “avaliar” o quanto se sabe de uma língua. Assim Institutos, exames, testes, diplomas, quantificam, estratificam, nivelam o conhecimento com tamanha exatidão para incluir ou excluir. Questiona-se então se tal prática “multi-plurilíngue”

³⁵ Tradução nossa.

que se tem no horizonte não passa de ilusão ou fetiche. É essa ideia que François Grin (1999) vai defender, quando questiona o modo como a Suíça, que sempre foi exemplo de democracia, de “repartição”, tem lidado com o capitalismo, com a língua inglesa em detrimento das línguas nacionais e de imigração, dos povos que ali vivem e trabalham na atualidade. E ainda vai além e diz que mesmo que na Suíça se fale mais de uma língua, as práticas oficiais de investimento, são monolíngues, o que vai ao encontro com multilinguismo, pois a inclusão que se almeja é pautada no investimento sobre o inglês e o alemão. Dito de outro modo, os espaços de funcionamento dessas línguas se dão agenciados por essa política, como por exemplo, o ensino de inglês nas escolas é parte do currículo oficial, e o inglês funciona em vários outros tipos de enunciação: em placas, em lojas etc.

Nesse sentido, é interessante observar como se dá a distribuição e a inclusão do inglês, língua franca e língua estrangeira, em relação ao português, língua de imigrantes na Suíça e assim, o espaço de enunciação da Suíça, por exemplo, inclui o português de um modo específico.

3.4 Línguas na Suíça: o lugar do português.

Devido aos inúmeros movimentos migratórios, a Suíça tem se tornado cada vez mais heterogênea em sua configuração populacional e linguística (Tomo esse fator como um dado, uma heterogeneidade constitutiva dos povos, uma heterogeneidade sobre a ilusão de igualdade. A diversidade dos grupamentos).

Em contexto de globalização e mundialização, o acordo de livre circulação entre os europeus, a crise político-econômica em Portugal e a crescente oferta de mão de obra, a Suíça se tornou um bom lugar para os portugueses trabalharem. Eles representam a terceira maior comunidade (de língua) estrangeira³⁶ neste país (cf. FIBBI ET AL. 2010), atrás somente dos alemães e italianos, é nesse sentido que observamos a **imigração portuguesa** como **acontecimento linguístico**. Mais expressiva nas regiões metropolitana de Zurique, em alguns pontos do cantão do valais, mais precisamente em *Täsch*, próximo à *Zermat* (cantão do *Valais*) ou na “*romandie*”, na suíça francófona, onde vivem por volta de 40.000 portugueses, suas

³⁶ Os portugueses são considerados estrangeiros na Suíça. Uma das grandes críticas que se faz a eles é a de que eles não se integram. Vivem em suas “associações”. As enunciações do português (língua) é justamente o que significa o político em um espaço regulado por outras línguas/falantes.

enunciações mostram sua presença em inúmeros pontos desses lugares: trens, metrô, banners, fachadas, creperias, padarias, nos produtos de supermercados e, sobretudo, nas cafeterias, guaritas de prédio e nos canteiros de obras. Os portugueses são trabalhadores na Suíça. Ouve-se português por todos os cantos, e trata-se especificamente do português de Portugal.

3.5 A semântica do Acontecimento, e os espaços de enunciação da Suíça.

Observamos os processos em questão sob a ótica da Semântica da Enunciação, mais precisamente sob o olhar dos conceitos desenvolvidos por Eduardo Guimarães (2002), que estabelecem uma relação entre a linguística e a história e que consistem em observar o funcionamento da enunciação em seu acontecimento.

De acordo com o autor, as línguas funcionam em relação aos seus falantes em espaços afetados por uma política que as re(divide) desigualmente. Desse modo, se pensamos em condições de enunciabilidade das línguas envolvidas: entre o português e o francês, a relação já se dá afetada por uma política que delinea seus espaços de funcionamento de modo específico. Nesse sentido, as enunciações em língua portuguesa, a língua do imigrante, são tensionadas e reguladas pelas enunciações em língua francesa, a língua oficial e nacional e de presença garantida, e que põe-se como uma normatividade. Desse modo, falar (em) português na Suíça é político, pois afirma um (des)pertencimento: mostra o que é e o que não é dali, mostra a diferença.

Sobre o português na Suíça, é possível afirmar que ele é incluído de um modo específico. O português tem seu funcionamento, nos exemplos que mostramos, em relação ao francês.

3.6 Em território helvético se fala raclette, rösti, pasta, pizza, Leitão e frango.

Anúncios, banners, fachadas, produtos (rótulos) do supermercado, seus produtos, seus ingredientes, seus hábitos, missas em português, inscrevem-se nesse espaço, pois seu falante ali está. A seguir, mostramos alguns exemplos do funcionamento do português em relação ao francês.

Exemplo 1.



Figura 4 – fachada da loja Casa Graça, em Lausanne, Vaud.



Figura 5 Painel de anúncio da Casa Graça

Enunciado em português

(A) Aceitamos encomendas de frangos costelas e leitão todos os domingos

Enunciado em francês

(A ') On accepte des commandes de poulet, côte de porc et cochon de lait tous les dimanches.

Aqui há um enunciado em português e outro em francês que se reescrevem por repetição e sinonímia, em que o falante de português traduz o enunciado para o francês. O locutor-comerciante está dividido pelo dizer em português e pelo dizer em francês.

Exemplo 2.



Figura 6 - Placa de anúncio no interior da casa portuguesa, em Friburgo, Suíça.

Enunciado em português

(b) *CASA CENTRAL*

Enunciado em francês

(c) *PAIN FRAIS 7/7*

(b.c) *Casa central vende/vend pain frais/pães frescos 7/7*

Em (b.c) temos uma paráfrase. Há dois falantes: o de português em (b), uma nomeação do estabelecimento comercial e em (c), o falante de francês que reescreve o nome do estabelecimento por especificação do produto por expansão.

Exemplo 3.



Figura 7- Vitrine de açougue e charcuteria, na Bourdonette, bairro de Lausanne

Enunciado em português

(d) *Luso Carnes - nomeação*

Enunciado em francês

(e) *Boucherie-Charcuterie – especificação e expansão.*

Exemplo 4.



Figura 8 - Cartão de visitas de churrascaria

Enunciados em português

(f) *Churrascaria Mondego*

(g) *Fornecemos também em grandes quantidades para casamentos, Batizados, Comunhões, Aniversário, Festas de Fim de Ano e Jantares de Empresas*

Enunciado em francês:

(h). (h1) *Churrascaria Mondego (h2) vous remercie de votre fidélité !*

Em (f) e (h) temos enunciações em português. Em (h).(h1) temos enunciações em português e em francês. Nesse caso, (h).(h1) reescreve por repetição em (f) Churrascaria Mondego e predica (f), em francês, em (h2) *vous remercie de votre fidélité*, pelo memorável dos serviços apresentados pelos portugueses.

Exemplo 5.



Figura 9 - Produto em Supermercado de Renens – Vaud

Enunciados em português

(E) *Fula*

(F) *Óleo Alimentar com Aroma natural*

(G) *Contém óleos vegetais refinados*

Enunciado em Francês. Reescrituração do nome por repetição e expansão.

(H) *Fula huile végétale - locutor vendedor*

Temos em (F) uma reescritura, por definição e por expansão do nome Fula (E). E em (G) uma reescritura por especificação e por desenvolvimento do nome Fula (E).

Exemplo 6.

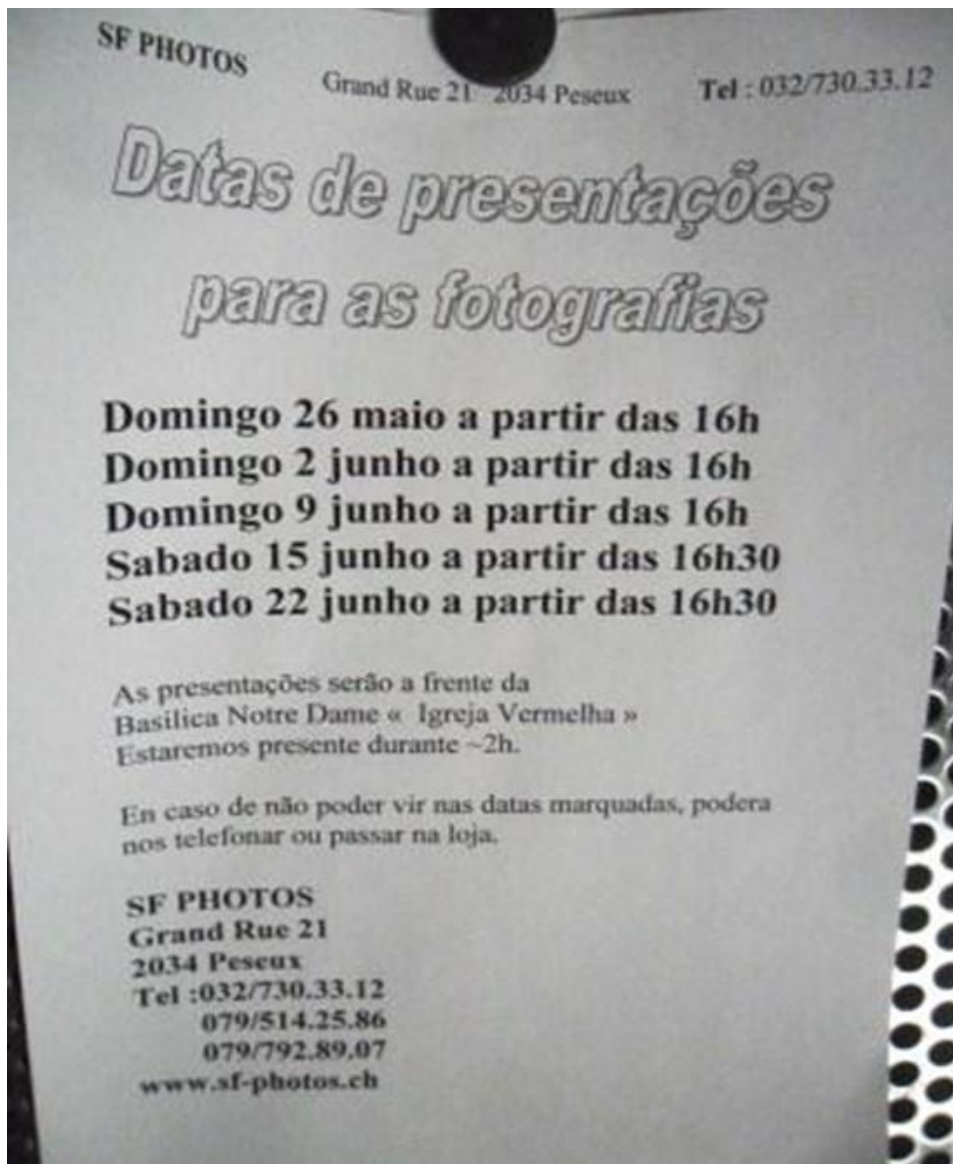


Figura 10 – Os cruzamentos entre os falantes de francês e português na suíça.

(I) *“Datas de apresentações para as fotografias*

(J) *As apresentações serão a frente da Basílica Notre Dame – Igreja Vermelha*

(K) *Estaremos presente durante – 2h.*

(L) *En caso de não poder vir nas datas marcadas, poderá nos telefonas ou passar na loja.”*

Podemos interpretar as relações entre o português e o francês dos enunciados nas seguintes paráfrases:

(I') "As apresentações" ~ "les présentations"

(L') Em caso de "ausência" ~ (L'') "en cas de ne pas pouvoir venir"

Percebe-se em (I), (J), (K) e (L) o cruzamento entre os falantes das duas línguas nas enunciações em língua francesa e em língua portuguesa. As relações, nesse caso, revelam outra divisão da língua Portuguesa-francesa. Nesse movimento, as enunciações se entrecruzam nas duas línguas, inscrevendo-se, na morfologia e na sintaxe entre o português e o francês. Temos os falantes do português nas duas línguas e na mistura das línguas.

Na organização desses espaços temos, então, que as enunciações significam as relações entre o francês e o português: há a representação dos falantes das duas línguas nos enunciados. O que se observa em todos os casos, é a operação dos dois falantes nos acontecimentos: o português na nomeação, que identifica os estabelecimentos comerciais: Casa da Graça (Figura 1), Casa Central (Figura 2), Luso carnes (figura 3), Churrascaria Mondego (Figura 4), e o francês nas reescriturações, que determinam o sentido do nome do estabelecimento, como nos acontecimentos (A) à (b), (d), (f) (g), (h) e (i). Esses acontecimentos redividem os falantes e os lugares sociais e colocam o português e o francês em relação no espaço enunciativo da Suíça, de um modo muito específico: o português identifica e o francês determina as nomeações e os sentidos das enunciações em português. O português se diferencia do francês pelo modo como é redistribuído. A língua não aparece, por exemplo, nas placas de aviso, nem de rua, ou de trânsito (espaço oficial). A relação entre as línguas acontece no supermercado, na churrascaria, nas casas portuguesas (Casa da Graça e Casa Central), nos supermercados (espaços não oficiais). Nesse sentido, falar português e francês nesse espaço significa diferentemente pelo modo como essas línguas, e seus falantes, significam nesses acontecimentos.

Com isso podemos dizer que falar português na Suíça é desestabilizar, tencionar o espaço regulado por suas línguas oficiais e nacionais. É abrir um espaço de locuções para essa outra língua. Daí outros processos aparecem: a divisão social e a hierarquização: falar português não significa do mesmo modo que falar japonês ou inglês, pois as duas línguas

tanto inscrevem funcionamentos e processos históricos diferentes como inscrevem-se neles. Esses acontecimentos especificam o funcionamento do português e do francês nessa divisão para os falantes portugueses.

Nesses acontecimentos a divisão é particularizada, identificando os comércios, as práticas, as posições que estes portugueses ocupam. Esses espaços mostram diferentes locutores, especificam seus hábitos: os tipos de alimentos que consomem³⁷ seus produtos e suas divisões sociais: o churrasqueiro, o açougueiro, a dona de estabelecimento comercial, o supermercado.

Esses enunciados se integram em uma unidade textual maior, a cidade, cujos sentidos se produzem de formas diversas, em que a enunciação significa ainda a re-divisão social: a da proprietária da casa de especialidades portuguesa, a do bucheiro, a do churrasqueiro. Para além da pragmática, para qual o sentido está na intenção do que se diz, no contexto da enunciação, falar, enunciar nessas duas línguas é um gesto político, pois o português desestabiliza e o territorial, o local estabelecem a fronteira entre o que é do local e o que é o diferente. E nesse sentido, os nomes dos estabelecimentos comerciais funcionam como um modo de significá-los a fim de que possam ser referidos tanto por seus proprietários quanto por seus fregueses, afirma (Guimarães 2003, p. 24).

Em termos enunciativos, Guimarães (2003) define a cidade como a transformação de uma geografia em um espaço social “esta prática de sujeitos tem como elemento fundamental que ela se produz a partir de significações e assim produz significações” (GUIMARÃES 2003, p.20). Nesse sentido, entendemos a cidade nesse contínuo de significações, que em seu aspecto simbólico, instaura modos de integração textual particulares, em que os textos significam uns em relação aos outros. O urbano se caracteriza pela concomitância entre essas temporalidades e os espaços de enunciação. Sendo assim, diferentes procedimentos textuais ocorrem ali: da circulação de um panfleto em português e francês, uma vitrine em português e francês, um rótulo de supermercado etc. E é neste espaço/tempo que emerge a questão do imigrante, pois o acontecimento enunciativo de um enunciado em português ressignifica o imaginário sobre o falante de português, que ali vive, mas que não é dali: que ali trabalha que ali não se integra³⁸.

³⁷ Que significam no modo como são alocutados nos textos, nos tipos de produtos, em seus nomes, etc.

³⁸ Segundo Fibbi et al (2010), os portugueses não se integram, pois vão para a Suíça para trabalhar, juntar dinheiro e voltar para Portugal.

Nesse sentido, a configuração das cenas enunciativas pelo modo como o falante é afetado por uma e/ou outra língua, e como o acontecimento o redivide em locutor, predicado pelo lugar social, aquele que fala e o “para quem fala” (*IBIDEM*), coloca a questão da língua (se português e/ou francês) como questão fundamental para a produção do sentido, para muito além do contexto de uso e do convencimento a partir das relações de comércio e de venda, à priori. Estas observações são importantes à medida que a enunciação dessas línguas por esses falantes não é um ato consciente, de “uso dessas formas”, para o comércio dos produtos. De nossa posição, a enunciação dos nomes dos estabelecimentos comerciais (o texto de propaganda), interessa à medida que, nesses casos, mobilizam língua e falante e suas divisões na e pela língua que falam. As cenas conferem delineamento aos espaços de enunciação.

Na tensão que distribui o dizer, é o francês que recorta, nas cenas em questão, os locutores de modo a significar em um espaço que lhe é de direito. Já o português significa pela identificação com o que não é dali, com o que é estrangeiro. Falar francês e português nessas cenas significa justamente a heterogeneidade desse espaço. Espaço povoado por falantes das duas línguas em que uma significa a língua oficial, do local e a outra, uma língua de imigração, estrangeira à medida que oficialmente, ela não é desse lugar. Nesse sentido, falar português e francês significa esse espaço diferentemente, dado a história de seus processos. Esse funcionamento da enunciação identifica o português (povo-falante-língua), mesmo não sendo a língua oficial dos cantões, mesmo que não faça parte da normatividade que assegure, legitime, os espaços distribuídos para as línguas na Suíça.

Há sempre uma tensão entre falar uma língua ou outra. Para além de somente uma questão de pronúncia, sotaque ou acento, falar português identifica. Coloca falantes, figuras da enunciação (na e pela língua: portuguesa ou francesa) em relação. Ora se fala do lugar de uma normatividade, ora se extrapola, ora se negligencia. No acontecimento dos nomes de lojas colocados na sua fachada e de suas predicções e especificações, em que se redividem língua e falante de português e de francês, tal como o Outro e o eu (comum, do local, dali). É desse modo que o português vai funcionando na relação com o francês, num embate e numa redivisão das línguas no espaço de enunciação.

Falar português na Suíça é a afirmação, é desestabilizar, tencionar o espaço regulado por suas línguas oficiais e nacionais. É abrir um espaço de locuções para essa outra língua. Daí outros processos aparecem: a divisão social e a hierarquização. Falar português não significa do mesmo modo que falar japonês ou inglês, pois as duas línguas (se) inscrevem

(em) identidades e processos históricos diferentes. Há, então, uma questão de identidade da língua que se põe nesse espaço de enunciação e que não se torna visível na normatividade (repartição) das línguas na Suíça.

No funcionamento parafrástico, das enunciações ao espaço enunciativo, tais funcionamentos o particularizam, mostram diferentes falantes e locutores, especificam seus hábitos: os tipos de alimentos que consomem, seus produtos e suas divisões sociais: o churrasqueiro, o açougueiro, a dona de estabelecimento comercial, o supermercado. Estabelecem, assim, seus modos de identificação. As reescrituras nas especificações por tradução são construídas a partir dessas Locuções nessas duas línguas, determinadas por esse espaço de enunciação.

A discussão acerca da diferença na distribuição do espaço de enunciação mostra a disparidade nas relações entre línguas, que se dão nos seus acontecimentos e reorganizam o real: o oficial agencia o modo como se fala sobre as línguas determinado pelas diferentes temporalidades que significam os enunciados sobre o português e o francês. Temos então que o oficial significa diferentemente nesses dois espaços/tempos diferentes, que configuram textualidades diferentes, pelo modo como os memoráveis recortam os acontecimentos, nos modos de enunciar dos locutores e enunciadores. Mobilizam-se aí Estado, nas locuções em língua francesa, o estrangeiro-imigrante/locutor, falante de português e francês, nas cenas que colocam as duas línguas em relação. Nota-se, então, que o oficial e o nacional agenciam os falantes nos modos de enunciar, pois as línguas significam em textos diferentes: o francês como língua de especificação e o português como língua de nomeação. Nesse sentido, a produção dos sentidos em língua portuguesa, em um espaço da língua francesa, em que a língua oficial e nacional se põe como uma normatividade.

Portanto, pode-se notar que, dentre outras coisas, também se fala português na Suíça. Para deixar a problemática em aberto, ainda outra questão pode ser levantada dessas análises relativamente ao espaço de enunciação e da relação entre línguas na Suíça, sobre o que significa predicar o português por sua “discrção” à medida que ali eles estão a falar em múltiplos espaços. Basta saber/poder escutar/ver/ler!

A discussão acerca da diferença na distribuição do português em relação ao francês no espaço de enunciação da Suíça, nesse caso, mostra como as disparidades nas relações entre línguas, que se dão nos seus acontecimentos, reorganizam o real, o francês agencia o modo como se fala português. Temos então que as duas línguas significam diferentemente, que

elas configuram textualidades diferentes, pelo modo como os memoráveis recortam os acontecimentos, nos modos de enunciar dos locutores e enunciadores.

Do espaço enunciativo da Suíça ao da globalização, que analisamos nos sites, temos outros agenciamentos, outros locutores, os procedimentos de escrita (as operações enunciativas) são outras. O que se enuncia em um site tem relação com temporalidades e espacialidades, que recortam o acontecimento diferentemente³⁹.

A reflexão sobre os dados permitiu verificar o que se movimenta e o que se manobra ao se falar de um povo, de um lugar e de uma língua, do espaço enunciativo da Suíça ao da globalização e ainda melhor compreender como o português, língua de imigrante, uma língua da Europa é distribuída nesse espaço.

O recorte que fazemos para explicar o espaço de enunciação da Suíça, coloca como cerne o modo como ele agencia o funcionamento das línguas e de suas enunciações na Suíça. Nota-se sua heterogeneidade, os cruzamentos que se dão na relação entre as línguas oficiais e outras línguas que ali funcionam: o francês atribui lugares de dizer aos falantes de português na Suíça e não aparecem nos sites, não estão incluídos no espaço de enunciação da globalização que se inscreve na internet.

IV. O TEXTO E A TEXTUALIDADE NA INTERNET

4.1 Da comunicação a uma política de representação

Haja vista a especificidade deste trabalho com a representação de línguas na internet, faz-se necessário discutir o modo como esse “suporte” significa as relações entre sujeitos na contemporaneidade.

Sobre a comunicação na internet, Pierre Lévy (1996, p. 35) trabalha com a “A Virtualização do texto”, tendo como noção central de discussão o “Hipertexto”. O texto que circula na internet é um texto no qual o que está ali significado apresenta outras espacialidades e temporalidades devido à sua configuração virtual.

Para ele, a internet é um suporte, um instrumento no qual circulam textos que têm nela sua origem (os aspectos coletivos da escrita de um texto), ou que podem ser “digitalizados” e ali disponibilizados. Esse gesto é feito de tal modo que o que ali está

³⁹ Que discutimos com maior detalhamento no capítulo que segue.

circula através de um mecanismo específico desse suporte. Ou seja, a informação que ali é disponibilizada é associada a outro texto. Essa referência entre os textos se dá através de uma afinidade temática, de uma oposição de idéias, de um apontamento, ou a uma remissão a um objeto também representado em outro texto. Os dispositivos que geram essas relações são os “links”, que configuram diferentes tipos de acesso aos textos.

Do ponto de vista da cognição, e por este viés, a leitura e a escrita de um texto, Lévy (1996) trata o texto na internet como algo multiforme e atemporal, no qual esses elementos são re-configurados a cada leitura/escrita.

Escutar, olhar, ler equivale finalmente a construir-se. Na abertura ao esforço de significação que vem do outro, trabalhando, esburacando, amarrotando, recortando o texto, incorporando-o em nós, destruindo-o, contribuímos para erigir a paisagem de sentido que nos habita. Texto aqui serve de vetor, de suporte ou de pretexto à atualização de nosso próprio espaço mental. Confiamos às vezes alguns fragmentos do texto aos povos dos signos que nomadizam dentro de nós. Essas insígnias, essas relíquias, esses fetiches ou esses oráculos nada têm a ver com as intenções do autor nem com a unidade semântica viva do texto, mas contribuem para criar, recriar, e reatualizar o mundo das significações que somos. (LÉVY, 1996, p. 37)

Dessas discussões, o autor depreende outra, sobre a autoria, também desterritorializada e anacrônica do texto, considerando o jogo interativo/cognitivo dos modos de escrita/leitura dos textos que circulam na internet. O autor pontua que a sua configuração cria outras formas de leitura, e que essas produzem mudanças cognitivas no homem, promovendo uma mudança na sua forma de pensar e interagir com o mundo.

Sobre a escrita, o autor afirma que a “escrita ou virtualização da memória” (LÉVY, 1996, p. 37) – memória no sentido de “função cognitiva” (LÉVI, 1996, p. 38), tal como ele atribui ao termo - são categorias do homem contemporâneo e que vivemos num mundo em que a “ordem do dia” é a virtualização do texto. Nesse sentido, diferentemente de outros tipos de suporte, a internet é capaz de gerir a memória de um modo singular e diferente dos textos em papel, cujos sentidos se estabilizam pela finitude do material e da forma como se organiza a informação em um texto desse tipo. Ele acrescenta ainda sobre a importância do tipo de material na constituição de uma verdade universal, e afirma que “a exigência de uma verdade universal, objetiva e crítica só pôde se impor numa ecologia cognitiva largamente estruturada pela escrita, ou, mais exatamente, pela escrita sobre suporte estático” (LÉVY, 1996, p. 38).

Levando em conta o movimento dos sentidos na internet, o autor considera os textos como parte de uma rede. O sentido do texto, como afirmado anteriormente não se caracteriza por uma unicidade, conforme uma definição clássica. Nesse caso, os textos são expostos a uma infinidade de possibilidades de associações com outros textos disponíveis na rede que possibilitam suas relações. O que define, então, do seu ponto de vista, os sentidos dos textos é a interpretação, a relação homem e texto.

O virtual só eclode com a entrada da subjetividade humana no circuito, quando num mesmo movimento surgem a indeterminação do sentido e a propensão do texto a significar, tensão que uma atualização, ou seja, uma interpretação, resolverá na leitura. Uma vez claramente distinguidos esses dois planos, o do par potencial-real e o do par virtual-atual, convém imediatamente sublinhar seu envolvimento recíproco: a digitalização e as novas formas de apresentação do texto só nos interessam porque dão acesso a outras maneiras de ler e de compreender. (LÉVY, 1996, p. 40).

O texto, nesse caso, significa por sua existência como objeto virtual por meio de outra extensão material. A interpretação atua na medida em que o texto é lido. Nesse outro momento, os sentidos do texto são atualizados por aquele que o interpreta. A acessibilidade ao texto, caracterizada por sua “virtualização” produz essas associações entre os textos. Esses outros procedimentos de leitura e escrita dos textos instituem novas temporalidades e espacialidades, outras maneiras de lidar com a comunicação e a expressão, outros sentidos e esses fatores fazem com que haja outros modos de acesso a eles.

Na verdade é somente na tela, ou em outros dispositivos interativos, que o leitor encontra a nova plasticidade do texto ou da imagem, uma vez que, como já disse, o texto em papel (ou filme em película) forçosamente já está realizado por completo. A tela informática é uma nova “máquina de ler”, o lugar onde uma reserva de informação possível vem se realizar por seleção, aqui e agora, para um leitor particular. Toda leitura em computador é uma edição, uma montagem singular. (LÉVY 1996, p. 41)

Grosso modo, os computadores e outras tecnologias advindas da informática configuram através da rede as novas espacialidades e temporalidades. Por outro lado, as mesmas fazem com que esses “produtos” sejam eles também parte deste “tecnocosmo”. As tecnologias figuram esse universo, elas são “o próprio ciberespaço” (LÉVY 1996, p. 47).

Essa outra configuração espaço-temporal, a “desterritorialização” do texto” (LÉVY 1996, p. 48) diluem as identidades, as unidades e as marcações espaciais fixas, as localizações (idem). Sendo assim, a leitura e a escrita adquirem esse caráter móvel. A autoria também entra nessa condição. Prioriza-se o texto em seu ato de leitura, já que ele é por si só é móvel.

O que destacamos na fala de Lévy (1996) é o seu modo de tratar o texto que circula na internet considerando-o como uma verdadeira revolução para o desenvolvimento da escrita, da leitura e, por isso, da inserção e circulação desses textos na rede. O autor afirma que a rede cria novas ferramentas, novos meios de “manejar” a informação, já que sua utilização exige um dispositivo específico como, por exemplo, os links, os hiperlinks e outros meios para se ter acesso à informação.

Sendo assim, os links têm duas funções, que se especificam de acordo com o modo de organização daquilo que se diz em um texto na internet: a de hiperlink que leva a outro “domínio”, e a de um hipertexto. A homonímia construída pelo Hipertexto divide a função dos links como hipertexto de duas maneiras: o hipertexto acessado a partir de um link e o hipertexto como texto da internet. O hiperlink leva o leitor a outro texto, em outra página, através de um link no interior do texto que se lê. O hipertexto tem uma configuração espaço-virtual maior, pois abrange toda esfera de virtualização do texto, ou seja, o hipertexto dá acesso a uma rede de outros textos, momento em que ele passa a ser um texto “virtual”, essa outra configuração espaço-temporal do texto, estabelece outros modos de leitura, e “atualização” dos textos.

Em vista das discussões postas acima, se por um lado, a circulação dos textos na rede, “inova” em seu alcance, por outro, ela nos leva, enquanto linguistas, a problematizar as suas categorizações.

4.2 Texto e enunciação na internet

É preciso esclarecer, que não observamos a internet e seus processos do ponto de vista comunicacional, ou de sua acessibilidade/conectividade, muito menos sob seu aspecto tecnológico. Como dito anteriormente, no capítulo anterior, a internet *se apresenta* como uma novidade através de suas propriedades para organização da informação e do conhecimento e isso implica nas práticas de organização dos arquivos, de sua escrita, leitura e interpretação. *Disponibilidade, acesso e rapidez* configuram o *mundo (em) da rede*. O tratamento do texto informático é a base para a constituição desses arquivos, “neutros”, “transparentes”. Michel

Pêcheux (1997), em *Ler o Arquivo Hoje*, afirma que é preciso investir em um modo multidisciplinar de análise/leitura desses textos, para além das oposições entre a arte, na literatura, e o cientificismo dos modelos matemáticos.

As aporias de uma semântica puramente intralinguística (ou de uma pragmática insensível às particularidades da língua), e as reflexões sobre a especificidade do arquivo textual, levam a pensar que uma pesquisa multidisciplinar é indispensável para um acesso realmente fecundo. O discurso informaticamente marcado sob a forma dos “dados textuais” não tem, efetivamente, a mesma relação nos processos lógicos-matemáticos que este outro tipo de dados, de natureza quantitativa, utilizados em economia, em demografia, em história etc. (PÊCHEUX 1997, p.55-56)

As práticas na internet têm em sua constituição os ditames do tratamento do texto informático sob a forma da programação da máquina, do número à fórmula linguística que determinam a interpretação e a leitura.

Solange Maria Leda Gallo (2011) faz uma discussão pertinente sobre a internet e sua relação com a linguagem. Ela, em seu texto, defende a ideia de que a internet é uma “instância propulsora de acontecimentos enunciativos/discursivos” (GALLO, 2011, p. 255), em que o cruzamento de diferentes sentidos produz outras, e novas, textualidades, à medida que ela, em sua especificidade “é lugar de acontecimentos próprios”, um espaço que temporaliza o sentido de forma própria e inédita” (idem) e segundo ela, ainda, em alguns casos, novas discursividades.

Segundo Gallo (2011), o lugar do analista é observar o entremeio, “pela fresta” entre a tecnologia e a produção de sentido para compreender como se organiza essa relação. Para tanto, a autora articula o acontecimento enunciativo ao discursivo, mostrando suas particularidades e diferenças na internet. Desse modo, ela afirma que na internet há acontecimentos próprios que temporalizam, significam, seus sentidos de forma própria e inédita (GALLO, 2011, p. 256).

Nesse trabalho, Gallo discute a origem dos discursos em rede, e disserta sobre o acontecimento enunciativo e discursivo. Especificamente com relação ao acontecimento enunciativo, a autora afirma, conforme a noção em Guimarães (2002), que ali há outra temporalidade, relativa à textualidade. Nessa perspectiva, na rede, há um deslocamento de

sentidos, outras memórias, outra futuridade. Sendo assim, pode-se afirmar que há outras textualidades na organização do que é formulado para funcionar, circular, na rede; há, assim, outros modos de constituição dos textos da internet.

A autora em questão analisa dois tipos diferentes de funcionamentos da internet: dois sites, o do Jornal Nacional (da rede Globo) e o da Câmara dos deputados, e um *blog*, tendo como base o uma notícia veiculada em 2009 sobre o fato de o então presidente da república ter sancionado uma lei que regulamentaria a campanha eleitoral do ano seguinte, de 2010. Gallo (2011) inicia suas reflexões, fazendo uma análise da maneira pela qual a notícia é transmitida pelo Jornal Nacional (JN), na Tevê, e como ela “reaparece” no site do mesmo telejornal.

Ela explica que, em relação à matéria da Tevê, no site, os sentidos se produzem de outra maneira, pois a matéria acontece de outro modo. Ela prossegue afirmando que, na tevê, os memoráveis recortados pela enunciação do jornalista recortam os sentidos de notícias enunciadas anteriormente pelo mesmo telejornal, bem como a enunciação da notícia sobre a mesma lei em outros telejornais. Daí, inferimos que também se pode questionar o fato de a notícia aparecer em outros lugares, como o dos jornais impressos, por exemplo.

Para operar com os diferentes processos que acontecem na internet, Gallo (2011) analisa, além do Telejornal “Jornal Nacional” e seu site, o site da Câmara dos Deputados e um *Blog*, encontrado por uma busca no *Google*. Desse modo, a autora observa os diferentes tipos de funcionamento das discursividades que a internet promove. De outra maneira, a autora analisa as diferentes formas de significação da lei “comunicada” pelo Telejornal, pelo site do Telejornal, no site da Câmara dos deputados e pelo *Blog*.

Com relação aos sites, a autora afirma que, na internet, os enunciados da notícia se inscrevem como acontecimento enunciativo. O enunciado “Lula sanciona lei eleitoral para 2010” é o nome da notícia dada pelo telejornal. Gallo procede analisando os sentidos dos enunciados relativos à lei, e afirma a diferença do site do Telejornal em relação ao programa de tevê pelos memoráveis recortados em cada um. No site, o foco deixa de ser a lei para ser outro enunciado, “Lula”. Isso se dá pela maneira como os links operam as relações entre os enunciados, “escolhendo” uns ao invés de outros. Desse modo, estabelecem-se relações de sentido entre uma palavra-chave e outra, que delimitam, determinam os sentidos que

funcionarão, que aparecerão como “tópico”. As relações entre uma palavra-chave e outra se dão através das práticas estabelecidas pela informática. Sobre o funcionamento dos links, Gallo faz menção a uma discussão de Michel Pêcheux (1997) sobre como a informática recorta e, a seu ver, interpreta os arquivos por critérios lógicos matemáticos.

Portanto, inscrito na internet como um novo acontecimento enunciativo, o enunciado *Lula sanciona lei eleitoral para 2010* ganha novos efeitos de sentido, neste caso, mais relacionados a outros feitos do presidente Lula, ou seja, o enunciado passa a compor uma espécie de enumeração de “coisas a ver”, *linkadas* pela mesma palavra-chave/enunciado: Lula. (GALLO 2011, p. 259)

A questão que a autora coloca, nesse caso, é a de que a notícia aparece de modos diferentes no JN da tevê e no site do JN, devido ao fato de que nesse outro espaço, o motor de busca opera as relações de sentido de outro modo. E isso constitui outras formas de texto e em alguns casos, outras discursividades, ou Acontecimentos Discursivos.

Ela conclui, então, sobre a palavra-chave Lula, que há outros sentidos relativos a ao enunciado. A internet produz acontecimentos a partir de enunciados fora dela e para ela transportados, (cf. Orlandi 2004). No transporte, há uma transposição, uma justaposição de um elemento vindo de outro lugar. Na transferência, há outra relação: há “metaforização e historicização” (ORLANDI 2004, *apud* GALLO 2011, p. 260). Ou seja, há interpretação no modo de enunciar o que vem de outro lugar. Para Análise do Discurso, lugar do qual a autora fala, onde há gesto de interpretação, há Acontecimento Discursivo. Nesse sentido, o trabalho do analista de discurso é compreender o “deslize entre a estrutura e o acontecimento” (GALLO, 2011, p. 260).

Ainda em relação aos sites, a autora observa o site da Câmara dos Deputados para compreender como se dá a questão da legislação, de que se fala no telejornal e no site do JN, nesse outro lugar, o institucional. Ela encontra um link sobre a lei que vai direto no ponto em questão. Caso ela acessasse o site da câmara não conseguiria achar a lei, por falta de coincidências entre um leitor ideal, o especialista em leis, e um leitor real, qualquer leigo que acesse o site, já que os domínios são disponíveis para todos. E explica que o institucional no site o especializa de tal modo que não permite que um leigo tenha “acesso” às informações, facilmente. “Ou seja, o site tem como leitor ideal pessoas que já conhecem, em alguma

medida, o funcionamento do legislativo e desse discurso jurídico/político” (GALLO, 2011, p. 262).

Em relação a esse processo, a autora retoma os trabalhos de Orlandi (2005) sobre a memória metálica, aquela dos processos automatizados, das “ilhas de edição”, que se revestem de uma prática automática, inequívoca e causal. Já a memória institucional é aquela relativa às leis do Estado. Assim, segundo Gallo (2011), a internet é sempre produtora de acontecimentos enunciativos, pois ela é configurada por textos. Com relação ao Acontecimento Discursivo, ele só procede se houver, além de uma nova textualidade, uma nova discursividade.

Com relação aos blogs, a autora os define como um “espaço mais próprio da internet”. Ela justifica essa asserção, considerando que o *blog* “produz, dentre outras coisas, interpretações sobre textos que são originados em outros espaços discursivos, de dentro ou de fora da internet” (GALLO, 2011, p. 263). No *blog*, a autora encontra um link pelo qual se tem acesso ao texto da lei, também encontra uma análise do seu conteúdo e um comentário crítico de outro autor sobre a mesma lei.

O *blog*⁴⁰ funciona, então, através de uma heterogeneidade discursiva, que constitui os diferentes tipos de texto presentes nesse espaço, “destacados” da memória institucional, “unívoca”. Há, nesse caso, historicização, transferência, além do transporte do texto da lei através do link. O autor reinterpreta em outra ordem do discurso, dispondo de diferentes textualidades (GALLO, 2011, p. 266).

A autora conclui que quando esse funcionamento é o próprio da internet, “quando a textualidade e a discursividade nascem na rede, decorre daí um acontecimento discursivo (por exemplo *orkut*, *twitter*, *wikipédia*, *msn*, *blogs*, etc.)”, daí o acontecimento se dá de forma particular, por uma memória da própria rede. No entanto, a especificidade dos sites (tanto da do JN, quanto da Câmara) é sua textualidade própria, porém uma discursividade que vem de fora dela, o que, segundo ela “explica a permanência da memória institucional”. Sendo assim, os sites não configuram acontecimentos discursivos, mas na relação com a textualidade, acontecimentos enunciativos.

⁴⁰ Não iremos a fundo nessa questão. O que nos interessa aqui é falar da operação enunciativa de produção de sentidos e, por isso, da textualidade nos sites.

Essa especificidade do site, tal como colocada por Gallo (2011), nos faz recolocar a questão da origem dos textos da internet, sobretudo dos sites, de dois outros modos diferentes. O primeiro é que, para nós, onde há dizer, há enunciação, há sentido e desse modo, há interpretação; e o segundo é que os textos que ali circulam sempre retomam outros, reinterpretados em outras enunciações e cada uma tem um sentido diferente.

Voltando à organização da leitura e interpretações dos arquivos (e dos textos), retomamos Pêcheux (1997) para recolocar a problemática das coerções nos “gestos de leitura”.

A outra vertente da leitura de arquivo – sem a qual a primeira não existiria provavelmente como tal – tem aderências históricas completamente diferentes: trata-se deste enorme trabalho anônimo, fastidioso mas necessário, através do qual os aparelhos do poder de nossas sociedades gerem a memória coletiva. Desde a idade média a divisão começou no meio dos cléricos, entre *alguns* deles, autorizados a ler, falar e escrever em seus nomes (logo, portadores de uma leitura e de uma obra própria) e o *conjunto de todos os outros*, cujos gestos incansavelmente repetidos (**de cópia, de transcrição, extração, classificação, indexação, codificação** etc.) constituem também uma *leitura*, mas uma leitura impondo ao sujeito-leitor seus apagamentos atrás da instituição que o emprega: o grande número de escrivães, copistas e “contínuos”, particulares e públicos, se constituiu, através da Era Clássica e até nossos dias, sobre esta renúncia a toda pretensão de “originalidade”, sobre este apagamento de si na prática silenciosa de uma leitura consagrada ao serviço de uma Igreja, de um rei, de um Estado, ou de uma empresa (PÊCHEUX, 1997, p. 57).

A questão que destacamos das observações do autor é que, segundo ele, os modos de organização do arquivo apagam seus processos de autoria, para além da assinatura do texto. Não fazem remissão à institucionalidade, seus interesses, a que estão ligados aos gestos: da cópia à extração, classificação, indexação e codificação, de onde aparecem as verdades e em que estão apagadas, e em que não estão assumidos, seus processos, suas escritas, seus sujeitos (enunciadores e Locutores).

De nosso ponto de vista, da organização do arquivo à escrita/leitura/ interpretação de textos, inscrevem-se as línguas e seus funcionamentos. É neste ponto e sob esses gestos que recolocamos a organização da textualidade.

A textualidade do site nos faz retomar as várias noções que trouxemos para a análise dos sites dos países, sobre sua organização em links, hiperlinks, hipertextos (ou hiperdocumentos, hiperfídiás), são elas: o acontecimento, os memoráveis, sob a forma das Políticas Linguísticas, da relação língua/espaco geográfico, língua/Estado/Nação, a gestão das línguas, que acontecem na internet, reorganizados na temporalidade do acontecimento, os sentidos em uma latência de futuro, a futuridade.

Retomamos, então, a futuridade no acontecimento e a textualidade, em que se estabelece o *lugar do leitor*, em Guimarães (2011).

Este lugar coloca em questão duas divisões sobre o modo de ler, do lugar de quem analisa um texto, que também faz uma leitura, lê um texto, e do lugar de um leitor projetado no texto, o que especifica cada uma delas é o modo e o lugar de interpretá-lo.

De certo modo podemos considerar que este lugar de leitor, é **correlato** do lugar da relação de autor (...) é um engajamento do locutor (lugar social) com o todo do texto. E este locutor constitui como correlato o lugar social do alocutário. (GUIMARÃES 2011, p. 33)

Aos estudos da enunciação, neste caso, interessa o modo como o Locutor enuncia. O que está em jogo aí é o lugar social que predica o locutor, e seu modo de enunciar, que apaga sua relação com esse lugar de fala, sua disparidade. Nesse sentido, o modo de textualizar os sites traz à discussão um modo específico de enunciação, que tem a ver com o seu leitor, pois “este locutor constitui como correlato o lugar social do alocutário” (idem), ou seja, o leitor está representado nos sites pelo modo como os memoráveis temporalizam o acontecimento. O modo de ler o site-texto, então, tem a ver com seu modo de organização nessa também disparidade do autor:

Um locutor-autor, ou simplesmente autor, pode ser um historiador, um romancista, um cidadão que requer algo. E o lugar do leitor não é da mesma natureza, ou seja, o texto de um autor-historiador pode ser lido do lugar de leitor-linguista, ou de um leitor-professor, etc. E isto porque o lugar social expõe a relação enunciativa com o fora do texto no acontecimento. (GUIMARÃES 2011, p. 34)

Se pensarmos na relação autor/leitor nos sites oficiais dos países o que se coloca em pauta é o modo como o locutorEstado/Web enuncia de diferentes modos e lugares ao

significar as línguas nos textos da internet, que projeta um modo específico de enunciar, através de suas operações enunciativas nos Links, nos Hiperlinks e nos Hipertextos.

A noção de leitor (o alocutário) pode ser exemplificada no modo pelo qual se pode fazer a leitura, ou seja, pela maneira como ele é organizado para ser lido: no “click” sobre a língua que o alocutário pode ler/interpretar (para se “informar”) no site-texto:

(I)



Figura 11 - Adaptada do site oficial da França.

(II)



Figura 12 - adaptada do site oficial do Brasil

(III)

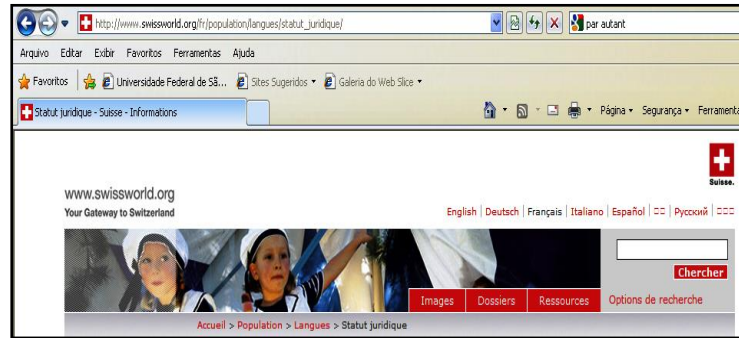


Figura 13 - Adaptada do site oficial da Suíça

Nota-se que em (I), (II) e (III), temos os alocutários projetados pelo locutor, os falantes das línguas, que coincidem com as telas. Porém, os correlatos se diferem pelo modo como o locutorWebEstado (o locutor-autor) o projeta na representação do nome de cada língua em que se pode ler o texto.

Os alocutários (locutores-leitores), para nós o Leitor, aqui são:

Em (I) temos seis tipos de leitor-falante de francês, inglês, alemão, espanhol, italiano e português.

Em (II), temos três tipos de leitor-falante de inglês, espanhol e português.

Em (III), temos oito tipos de leitor-falante de inglês, alemão, francês, italiano, espanhol, chinês, russo e japonês.

Há aí, também, um modo de gerir a leitura, o leitor, configurado pelo modo de distribuir a língua em que se pode ler o site, que inscreve o modo de inclusão de diferentes tipos de leitores, em um número de línguas pelas quais seja possível a leitura. No agenciamento enunciativo, há outra divisão do falante, constituído pela língua que se fala. É aí que se constrói a relação com o universal, pois é o locutor-governo, e o modo de dizer universal⁴¹ da internet, que disponibiliza a maior possibilidade de leitura possível. Podemos interpretar disso, ainda, que o modo de “repartir” a leitura nas diferentes línguas rememora as enunciações das **Políticas Linguísticas**, pelo modo de operar o imaginário da igualdade de distribuição, que tenta atingir a completude das línguas e das identidades. Constitui-se, nesse caso, um entrave, uma contradição sobre a possibilidade de “inclusão”, que caracteriza, ainda,

⁴¹ Poderíamos, aqui, ainda talvez chamar esse lugar de dizer de global, haja vista que sua especificidade é disponibilizar, incluir, exaurir as possibilidades para incluir o maior número possível de falantes/leitores de diferentes línguas.

um excesso, e, ainda assim, a exclusão pela impossibilidade de leitura do site aos **falantes** de reto-romance, no caso I. Nesse sentido, há outras relações que regulam a distribuição, e o agenciamento, da leitura dos sites nessas línguas, pois não são todos, que podem ler. São os falantes dessas línguas que têm acesso ao que ali está dito nas oito línguas. Muitos são os memoráveis que elas temporalizam: a globalização, as relações internacionais, as línguas dos países vizinhos, etc.

Para além da leitura dos sites, o funcionamento dos links no ciberespaço significam inúmeras operações do locutor-Web, passemos, então, às definições dessas palavras no campo da Cibercultura, que englobam a tecnologia da informação, a comunicação e outros campos para os quais a internet funciona pela rede associativa de informações. Essas definições se aproximam no que tange à relação entre os links, os hiperlinks e os hipertextos.

Segundo Carlos Irineu de Costa (2010, p 266),

- frequentemente traduzido como “vínculo”, um link é uma conexão entre dois elementos em uma estrutura de dados. Os links permitem a navegação dentro de um documento hipertextual (ou hipermídia). Na internet, um link é qualquer elemento de uma página da Web que possa ser clicado com o mouse, fazendo com que o navegador passe a exibir uma nova tela, documento, figura etc.

Para este campo, entendemos que o link é uma ferramenta essencial para o acesso e manejo da informação para a escrita, a leitura e a interpretação do Hipertexto. É pelo link que se chega ao Hipertexto. Em uma posição próxima, para Ferrari (2012, p. 183), em outra definição, o link é “o mesmo que hiperlink”, para quem o hiperlink é “elemento básico de hipertexto, um hiperlink oferece um método de passar de um ponto do documento para outro ponto no mesmo documento ou em outro documento” (Ferrari, 2012, p. 182).

Conforme Costa (2010, p 264), o hipertexto:

é uma forma não linear de apresentar e consultar informações. Um hipertexto vincula as informações contidas em seus documentos (ou “hiperdokumentos”, como preferem alguns) criando uma rede de associações complexas através de hyperlinks ou, mais simplesmente, links.

O conceito é definido, então, como um instrumento de apresentação de conteúdos. E, desse modo, expande a quantidade de instrumentos de comunicação que circulam na rede.

Para Ferrari (2012, p. 182) o conceito de hipermídia é “todos os métodos de transmissão de informações baseadas em computadores, incluindo texto, imagens, vídeo, animação e som”.

Nesse sentido, podemos dizer que para esses autores, link e hiperlink são sinônimos, pois são definidos um pelo outro e Hipertexto e Hipermídia e documento são hipônimos e hiperônimos e documento, sinônimos aos dois.

Se para Pierre Levy, as tecnologias da internet constituem-se como uma verdadeira revolução, inovação, o novo, para a escrita, a leitura, a interpretação e os sentidos, para a comunicação humana, para nós, do ponto de vista linguístico, essas “tecnologias” são enunciados e isso implica no modo como eles se integram aos textos em que eles acontecem. Para nós, essa “novidade” se configura pelo lugar social do dizer da Web, o locutor-Web, que ao dizer, é recortado por memoráveis de enunciações na internet. Ou seja, na internet se diz em links, hiperlinks e hipertextos e essa relação, no modo de enunciar um link não é uma escolha consciente, cognitiva. Considerar os links, hiperlinks como sinônimos é desconsiderar que cada enunciado naquela palavra tem um sentido específico, pois o que interessa àqueles autores é sua especificidade enquanto categoria do pensamento. Para nós, a sinonímia interessa numa relação com o sentido da palavra-link, na divisão do sentido da palavra.

Nosso interesse no link é observar a relação de sentido que ele estabelece entre uma expressão linguística e outra, entre palavras ou entre os enunciados de um texto, e a enunciação do link não se dá de qualquer modo, dá-se na redivisão do sentido. As operações enunciativas significam a sua enunciação no acontecimento da enunciação. O link e o hiperlink são enunciados em uma operação do locutor-Web, um locutor já afetado pelo lugar social do dizer na internet.

V. O TRABALHO COM A DESIGNAÇÃO DE LÍNGUAS NOS SITES OFICIAS.

Considerando que a escolha dos dados já é parte de uma tomada de posição, de nossa posição teórica, fizemos a seleção e a organização dos dados (enunciados) a serem analisados. Antes da análise, mostramos como a Semântica do Acontecimento procede no modo de ler o texto, em sua articulação teórico-metodológica, e nos procedimentos de representação dessa análise.

Nesse sentido, faremos diferentes análises dos três sites. Escolhemos dois modos de recortar o site da Suíça, o da França e o do Brasil: um pela análise do site, em sua unidade heterogênea, com múltiplos tipos de texto (análise 1, 3 e 4) e a outra que focará o sentido da designação no site de dois países diferentes, para observar como os memoráveis recortam as enunciações no modo pelo qual as Políticas Linguísticas de cada país são representadas nos acontecimentos de enunciação.

Inicialmente, fazemos uma introdução sobre o modo de recortar as designações nos textos. Ainda nesse momento, para uma reflexão sobre o modo de “acesso” ao site, mostramos como os sites, desde seu endereço, significam (por identificação) seus lugares e suas línguas, em seus endereços.

Na primeira análise, fazemos um percurso de leitura até a chegada da seção em que fazemos o recorte. De um modo geral, operamos do seguinte modo: dividimos, inicialmente, os enunciados dos sites em links e hiperlinks⁴² e os textos os quais eles referenciam. Essa configuração se deve ao fato de objetivarmos observar a especificidade do funcionamento dos sentidos produzidos por esses diferentes dizeres, no seu modo de enunciação, considerando que esse processo funciona em um texto da internet. Na segunda, fazemos um cruzamento de dois sites, da França e da Suíça para mostrar as diferentes divisões da designação da palavra “*Langue française*” e “*le français*”, no site da França e da Suíça, respectivamente, de modo a mostrar como o modo de designar, significa diferentemente, as línguas em seus países, quando na evidencia, o campo de objetos recortados “parecem” ser os mesmo, a língua francesa, da França, e o francês, língua (ou idioma) que se fala na Suíça, se pensarmos em suas paráfrases. Mostramos, na análise, os diferentes sentidos operados pelo locutor-WebEstado nas enunciações dessas designações.

Na segunda análise, mostramos o funcionamento do sentido da designação de “Idioma” e “Português” no site do Brasil. Nesse site, discutimos também a organização do sentido dessas palavras, e das designações dos links em seu acontecimento no site da presidência.

A terceira análise consiste em mostrar o funcionamento das designações “*Langues et Dialectes*”, Línguas e Dialectos, relativamente ao Alemão, francês, italiano e o reto-romance, no site da Suíça.

⁴² Faz-se necessário dizer que não pretendemos aqui redefinir a noção de link e de hiperlink, mas mostrar o que eles operam no texto do site.

5.1 A designação de línguas.

Retomemos, então, a teoria e seus procedimentos.

A enunciação, para Guimarães (2002), é acontecimento. É temporalidade e independente da vontade do sujeito. Caracteriza-se pela maneira como a língua funciona, dividindo o Locutor que enuncia de posições, de modos e lugares específicos. Essa divisão é a relação do Locutor com a língua que fala de um modo específico, que é atravessado por diferentes temporalidades, no acontecimento da enunciação.

De acordo com Guimarães (2007), a designação é uma significação que identifica coisas enquanto significadas e não como preexistentes. Essa afirmação diz respeito às relações entre a significação e o sentido. Grosso modo, a significação se dá no acontecimento da enunciação. Não é, por isso, algo relativo à sincronia da língua, ou à instância discursiva da enunciação, tal como em Benveniste.

O sentido é aquilo que, quando a língua funciona no acontecimento, ao significar, projeta algo que está fora dela. E esse fora é o passado do acontecimento, o sentido de outras enunciações que se dividem no acontecimento. Nessa perspectiva, os sentidos das designações das palavras significam “na medida em que se dá como um confronto de lugares enunciativos pela própria temporalidade do acontecimento” (GUIMARÃES 2002, p. 40). Designar, então, é um gesto que se dá afetado pelo simbólico, de linguagem para linguagem e, desse modo, “se se mudam os lugares enunciativos em confronto recorta-se outro memorável, outro campo de “objetos” relativos a um dizer” (Idem).

Ao serem produzidas a partir de materialidades, as designações das línguas são significadas por modos e lugares sociais de dizer, em uma cena enunciativa. Esta é caracterizada por modos de acesso à palavra, uma deontologia de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento. Analisar um site como texto constituído por enunciados formulados por falantes constituídos em cenas é “considerar o próprio modo de constituição destes lugares pelo funcionamento da língua” (GUIMARÃES, 2002, p 23). É a partir das cenas que poderemos perceber de que modo os locutores significam a representação das designações das línguas dos países, e essas posições ao significarem no presente do acontecimento direcionam os sentidos do texto, constituindo a textualidade.

Do site ao texto há um caminho. Os sites se constituem de diferentes tipos de textos. Para as teorias contemporâneas da comunicação e da informática, um site é

Um conjunto de páginas da Web que façam parte do mesmo URL ou “endereço”. A ideia de site está relacionada à ideia de “local”, o que na verdade é um tópico complexo em se tratando de um espaço virtual criado por uma rede distribuída que lida com hiperdocumentos. Creio que a maneira mais simples de entender “site” é pensar que um site corresponde a um hiperdocumento, com todas suas imagens, vínculos e referências, mesmo que esse hiperdocumento possa ter, potencialmente, o tamanho e a complexidade de uma enciclopédia. (COSTA 2010 p. 268)

Desse ponto de vista, o site é um produto da esfera virtual e desse modo, ele carrega as características desse “outro” espaço. Se para a tecnologia da informação os sites constituem-se por estar em rede, ligados, para nós essa ligação se dá já recortada por essa divisão, e isso configura uma generalização.

De nosso ponto de vista, os sites constituem-se de textos, e os textos têm sua materialidade. Os sites dos países retomam a prática da representação: a do país na internet. Neles, encontramos um modo de significar as línguas faladas nos países. Nessa perspectiva, as línguas que são representadas nos sites são divididas de acordo com modos de dizer que regem essa divisão na internet. Essa divisão é observada através do modo de representar as línguas e elas são representadas para serem identificadas pelos leitores dos sites, internautas que procuram informações sobre um país e a língua que se fala naquele país.

Se as representações não se dão de qualquer maneira, elas acontecem organizadas por uma **política de representação**. Essa divisão é produto de uma política de distribuição de lugares e modos de enunciação de uma língua. De modo tácito, encontramos as línguas divididas das seguintes maneiras:

Língua materna: é a língua cujos falantes a praticam pelo fato de a sociedade em que se nasce a praticar; nesta medida ela é, em geral, a língua que se representa como (que se apresenta como sendo) primeira para seus falantes.

Língua alheia: é toda língua que não se dá como materna para os falantes em um espaço de enunciação.

Língua franca: é aquela que é praticada por grupos de falantes de línguas maternas diferentes, e que são falantes desta língua para o intercurso comum.

Língua nacional: é a língua de um povo, enquanto língua que o caracteriza, que dá a seus falantes uma relação de pertencimento a este povo.

Língua oficial: é a língua de um Estado, aquela que é obrigatória nas ações do estado, nos seus atos legais.

Língua estrangeira: é a língua cujos falantes são o povo de uma Nação e Estado diferente daquele dos falantes considerados como referência.(GUIMARÃES 2006, p. 14).

Se a representação das línguas dos países estará recortada por estas divisões, significadas nas designações sobre elas, podemos observar a maneira pela qual elas podem adquirir outras divisões determinadas pela representação do espaço de enunciação, por sua configuração material, através de outros processos de significação, pois relativamente às definições acima, o espaço de enunciação é o modo de distribuir as línguas que estão em relação.

Qual é o lugar da língua materna para seus falantes, ou o da língua nacional, assim como o da língua oficial, ou ainda o da estrangeira? E esta distribuição é sempre marcada por uma desigualdade politicamente construída. Ou seja, a distribuição dessas línguas para seus falantes constitui uma hierarquia entre elas e atribui um sentido para esta hierarquia. (Idem).

Através disso, nos enunciados que seguem, investigamos quais outras possibilidades de sentido existem para estas divisões hierarquizadas dessas línguas nos sites. Qual é, por exemplo, o sentido da designação “Português” para o site do Brasil? Ou, ainda, como o inglês é representado no site da Suíça? E como o francês é significado no site da Suíça e da França? De que modo, os locutores desse site redividem essas línguas em questão? Que relações de (des)identificação estabelecem com elas aos representarem-nas nos sites?

5.1 Representações e divisões de línguas no ciberespaço

A leitura do site nos coloca alguns questionamentos como a relação posta entre 1) língua/território; 2) língua/nação; 3) povo/nação e a internet como lugar de representação de línguas, observando as políticas que sustentam os dizeres sobre o funcionamento das mesmas.

Nessa perspectiva, os sites são escritos por textos cujos dizeres sobre as línguas são agenciados por políticas que configuram os modos de circulação das mesmas na contemporaneidade do ciberespaço. Eles são, assim, configurados por textos em que as línguas são representadas de modo a contemplar a sua universalidade, ou “globalidade”, que é determinada pelo movimento de inclusão e exclusão de falantes a grupos de línguas, como

exemplificado na relação autor/leitor, ou seja, um grupo fala tal ou tal língua e é identificado por essa língua que fala. Dizer que se fala português no Brasil é afirmar o pertencimento a um grupo de falantes dessa língua e esse processo, ao ser significado no site, mostra um funcionamento político. A partir desse funcionamento, o ciberespaço produz um saber sobre a(s) língua(s), e nesse caso, sobre uma política de línguas na internet, fazendo um mapeamento da língua nele representada. Cristiane Dias (2004)⁴³ faz uma discussão sobre o ciberespaço. Analisando, entre outras questões, o funcionamento do “internetês” nas salas de bate-papo, a pesquisadora estuda de que modo o ciberespaço representa “o conhecimento que o sujeito produz sobre o mundo” (DIAS, 2004, p.30). E com isso temos que:

[...] a descoberta do espaço configura o sujeito em sua maneira de habitá-lo, uma vez que a cartografia é uma perspectiva (político e ideológica) sobre o mundo, sobre suas relações, portanto é a representação (gráfica), o simulacro do conhecimento que o sujeito produz sobre o mundo. Por este motivo a cartografia se modifica na medida em que as necessidades do sujeito se modificam [...] (IDEM).

E, nesta medida, o ciberespaço é pensado como outro lugar para significar e o virtual não é posto em contrapartida ao real, pois o que constitui esses processos são as relações entre sujeitos afetados pelo simbólico, na história. Ele não é virtual, pois há algo que funciona fora dele e que encontra nele um espaço para funcionar a partir dessas relações, atualizando esse real, ressignificando-o. O Brasil, um país dotado de fronteiras geográficas e políticas, tem significadas, na internet, suas fronteiras para além das questões físicas, projetando a realidade da internacionalização, do significar essa língua falada no país, para o mundo.

5.2 Os procedimentos semânticos e suas análises.

5.2.1 Os modos de enunciar na internet: suas instâncias, seus caminhos

Em Guimarães (2002), o autor mostra um funcionamento da temporalidade que organiza a enunciação em uma revista: seu índice. Para ele, o modo de enunciar em um índice projeta uma futuridade no modo de organizar a leitura da revista. O depois, o porvir, não significa pela cronologia, ele instaura o tempo de locução. O que é diferente do tempo do “escritor” do texto. O caráter de index, configurados pela “objetividade”, “transparência”,

⁴³ DIAS, C. *A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo HIV*. Tese de Doutorado, IEL-Unicamp. 2004.

“neutralidade”, e adicionamos o excesso, são características da informação, que pode ser ligada à informatização e seus modos de organização. Ou seja, o modo de organizar estes materiais implica em procedimentos que significam os processos e os espaços: as placas em espaços públicos, os manuais sobre povos, regiões, territórios, e os sites, cada qual com seu modo de textualizar. Em seu modo de indexar, os links e hiperlinks funcionam nesta medida, isto é, eles são formas de referência constituídas no modo como retomam e rememoram um espaço-outro e o ressignificam em outro texto.

O texto da “era digital” carrega essas características. Os links carregam esse caráter de índice, de indexação, tal como a informática designa o termo, e integra o sentido entre o que é designado/referido no nome/título e a outra parte do texto. Esse é o modo como o locutorWeb opera sobre os enunciados, na organização dos sites. Nessa perspectiva, do ponto de vista enunciativo, há ainda outros processos que fazem funcionar essas enunciações do locutor-WebEstado, são as operações enunciativas de articulação e reescrituras, específicas em cada acontecimento. Nesse sentido, as operações dos sentidos sobre os elementos integrantes do texto o fazem significar por essas operações e não por sua virtualização.

Os sites que analisamos são oficiais, operados pelo locutorEstado. Essa esfera aparece constituída em seu próprio modo de enunciação inicial, seu endereço, <<http://www.france.fr/>>, <www.brasil.gov.br>, <www.swissworld.org>, depois logo na nomeação do site, *France.fr*, e dos seu slogans “*le site officiel de la France*”, ou “*Your Gateway to Switzerland*”, no caso da França e da Suíça, respectivamente, que **referem** o país na internet, pela **designação** do nome mais o *.fr* ou *.gov.br*, no caso do Brasil. No caso da Suíça, há uma outra relação interessante, pois se seu endereço é escrito/digitado, somente com “.org” o site abre na versão em língua inglesa diretamente, o que interpretamos como uma relação direta com à universalização que a língua inglesa significa, no equívoco, de que se atinge o todos, o universal. Nesse sentido, podemos dizer que o site do **Departamento federal de Relações Estrangeiras** pressupõe o uso do inglês em sua divisão de língua franca, no sentido que Guimarães (2006, p. 14) dá a essa divisão.

Ainda relativamente aos modos de acesso pelas línguas, se digitarmos o mesmo, para um teste por meio do **domínio**⁴⁴ *.org/fr*, ele aparece em francês, e a sigla se refere à língua francesa ou francês, pela abreviação FR e não pela abreviação do nome do país, tal como no da França, o *Fr*, que estabelecem uma relação de homonímia. Do mesmo modo, se testarmos

⁴⁴ Tal como sugere o termo que dá acesso, o *.x* ou *.y* é uma identidade digital.

o acesso através de *.org/de/*, o site abre em alemão, mas nesse caso, o nome da língua, do idioma, *Deutsch*⁴⁵, em alemão, não coincide com a sigla do país, da Suíça, que é CH, abreviação de Confederação Helvética, ou seja, é a língua que define, identifica, o modo de ler e não a **referência** ao país (como é o caso da França e do Brasil). Vale ressaltar que não há acesso por meio de *.org.ch* ou *org/ch*, sigla que abrevia o nome oficial da Suíça.

Esses são modos de enunciar o país e a língua. É assim que o Estado institui, no modo de referir e designar o país e a língua, pela oficialidade do site. Nessa perspectiva, o que se diz no site já está agenciado pelo Estado, pois temos um site oficial.

O que pretendemos aqui é esboçar, no âmbito teórico-analítico, uma possível discussão sobre como são produzidos os sentidos da designação de língua francesa no site oficial da França, o francês no da Suíça, o português no do Brasil etc, a fim de mostrar como o acontecimento enunciativo temporaliza essas divisões bem como, no que diz respeito aos procedimentos teórico-metodológicos, propor um possível método para a análise de um site, do ponto de vista da Linguística, sob a ótica de uma semântica enunciativa.

Nesses sites, os enunciados (os links) se articulam e se reescrevem de modo que relacionam o que está antes, durante e depois do clique. O site, nesse sentido, é organizado por um conjunto de textos, cujos enunciados se integram operados enunciativamente por esses procedimentos.

Vale ressaltar que a internet, em seu modo de organizar a “informação”, permite o “manejo” de diferentes tipos de materiais (orais, escritos, vídeos, mídias em geral etc), o que inscreve outro modo de ler o texto. Diferentemente de um livro, revista em papel, nos quais a “finitude” do material não permite tal leitura do mesmo modo.

Quando acessamos um site, encontramos algo que lhe é próprio e específico, diferente da leitura em outros tipos de suporte, como o papel. Ou seja, transita-se de um “lugar” a outro e assim os dígitos são traduzidos em palavras pelas máquinas. O esquema de organização das informações em árvores apaga inúmeros processos relativos ao funcionamento do sentido, principalmente no que tange ao sujeito e à língua, pois a “prática” e a “objetividade” são a característica do paradigma informacional em oposição às reflexões, teorizações. Por meio de dígitos traduzidos em palavras, “chegamos” aos endereços dos sites.

⁴⁵ *.de* também designa a sigla de abreviação do país, da Alemanha, homonímia do nome da língua e do idioma, *Deutsch*.

5.3 O Inglês na Suíça: língua de prestígio e cheia de atrativos

Fazemos primeiramente uma explicação sobre o modo de recortar o texto até a seção “*La traduction: une tradition nationale*” e depois uma análise da divisão do sentido da designação “*l’anglais*”, o inglês, que aparece nessa mesma página.

No site oficial da Suíça encontramos informações sobre as línguas faladas naquele país na seção designada “População”⁴⁶, *Population*, na qual há uma subseção chamada “repartição de línguas”, *repartition des langues*. Nesse lugar do site estão representadas em um texto⁴⁷ as quatro línguas nacionais (alemão, francês, italiano e romanche) e também as “outras línguas”, ou em francês, *Autres langues*, as línguas dos estrangeiros, que segundo o mesmo site, ultrapassam o número de falantes de reto-romance e italiano.

O site apresenta ainda oito páginas em que se fala sobre as línguas da e na Suíça, são elas⁴⁸: “Suíça alemã”; “Outros dialetos”, “Minorias e bilinguismo”, “Estatuto jurídico”, “Problemas de comunicação”, “Comunidades de cultura ou de vizinhança?”, “Línguas e cultura” e “A tradução: uma tradição nacional”, seções importantes nas quais as questões linguísticas da Suíça, e de suas Políticas Linguísticas, de um modo geral, estão significadas, “informando” o leitor sobre tais questões, como mostramos na figura a seguir⁴⁹:

⁴⁶ Disponível em <www.swissworld.org/fr/population/>

⁴⁷ Disponível em <www.swissworld.org/fr/population/langues/>

⁴⁸ Traduzimos os nomes de todas as seções.

⁴⁹ Vamos representar o modo de “acesso” às seções, aos textos, dos sites que analisamos dessa maneira.

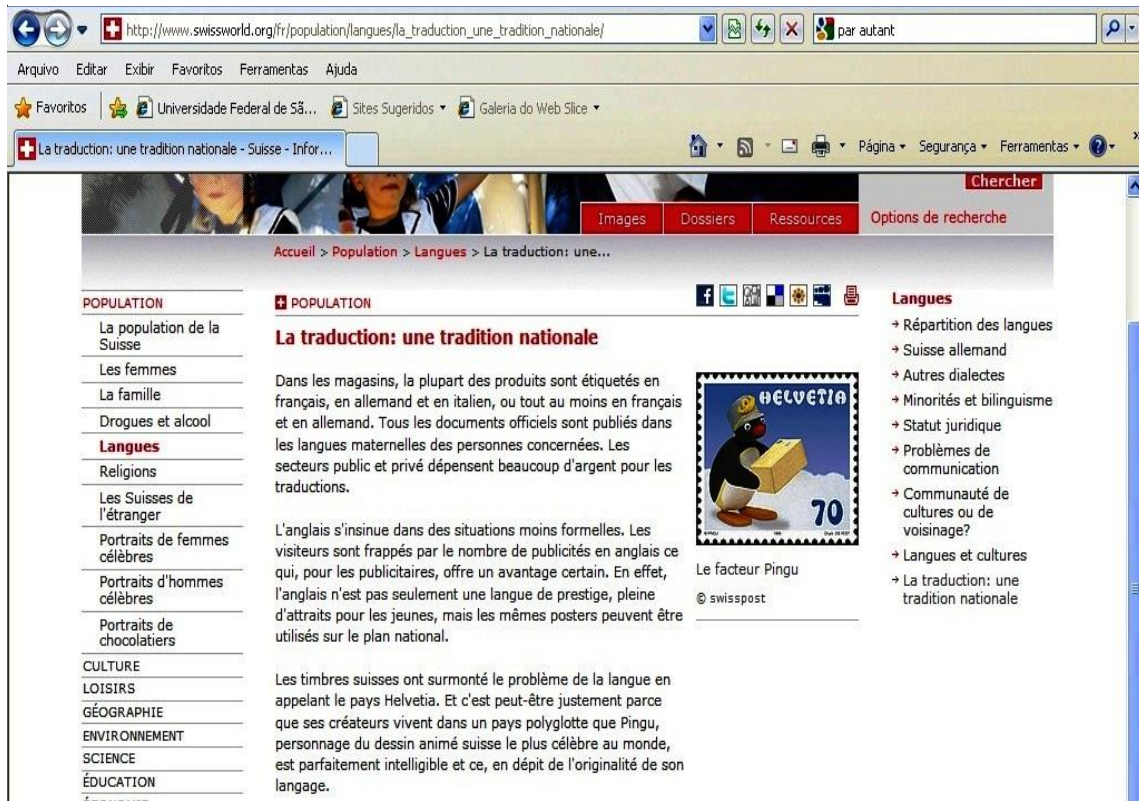


Figura 14 – A tradução: uma tradição nacional. Adaptada do site oficial da Suíça.

(a) Population → (b) Langues → (c) La traduction: une tradition nationale

Abaixo transcrevemos os enunciados da Figura13.

A seta → representa o caminho que o link direciona, e, de certo modo, a direção do sentido que ele opera entre um enunciado e outro. Isto é, o percurso de leitura que o link direciona no site.

Enunciados:

I. La traduction: une tradition nationale

I'. Dans les magasins, la plupart des produits sont étiquetés en français, en allemand et en italien, ou tout au moins en français et en allemand.

II. Tous les documents officiels sont publiés dans les langues maternelles des personnes concernées. Les secteurs public et privé dépensent beaucoup d'argent pour les

traductions.

III. L'anglais s'insinue dans des situations moins formelles.

III'. Les visiteurs sont frappés par le nombre de publicités en anglais ce qui, pour les publicitaires, offre un avantage certain.

III''. En effet, l'anglais n'est pas seulement une langue de prestige, pleine d'attraits pour les jeunes, mais les mêmes posters peuvent être utilisés sur le plan national.

IV. Les timbres suisses ont surmonté le problème de la langue en appelant le pays Helvetia.

IV'. Et c'est peut-être justement parce que ses créateurs vivent dans un pays polyglotte que Pingu, personnage du dessin animé suisse le plus célèbre au monde, est parfaitement intelligible et ce, en dépit de l'originalité de son langage.

De início, fazemos uma primeira análise das relações de sentido que se estabelecem na leitura de (a) Population à (c) La traduction: une tradition nationale:

Note que aqui temos uma articulação por enumeração entres os sentidos de (a) e (c). O sentido de (b) *Langues* é parte de uma enumeração de *Population*, pois a **instrução** é dada de modo a escolher entre *La population suisse, les femmes ...* e *Langues* etc. Também o sentido de (c) é uma enumeração ao (b), pois entre outros enumerados (*Répartition des langues, Suisse allemand, Autres dialectes*, etc), é possível a sua leitura. Há ainda outra enumeração, é preciso ressaltar, a relação entre (c) e (a), pois o sentido de (c) está operado ao de (a) de modo que há uma relação entre o sentido de *Traduction: une tradicion nationale* à *Population*. Isso mostra que o funcionamento do título dessas duas páginas redivide os sentidos pelos memoráveis que inscrevem as práticas culturais dos suíços (reescritos em “*tradition nationale*”) e o dos grupamentos humanos, em *Population*.

Podemos então representar essa operação entre as enumerações do seguinte modo:

Population → Langues	→ Répartition des langues
	→ Suisse Allemand
	→ Autres dialectes
	→ Minorités et bilinguisme
	→ Status Juridiques
	→ Problèmes de communications
	→ Communauté de cultures ou voisinages ?
	→ Langues et cultures ?
	→ La traduction : une tradition nationale

O inglês, aparece em (III), (III'), (III''). Em (III) pela predicação: *situações menos formais (situations moins formelles)*. Em (III') onde temos outra predicação em “*offre une avantage certaine*”). Em (III'') o inglês aparece em uma reescrituração por repetição e expansão, pois sentido é expando por *língua de prestígio, cheia de atrativos aos jovens, utilizada no plano nacional (une langue de prestige, pleine d'attraits pour les jeunes, mais les mêmes posters peuvent être utilisés sur le plan national.)*. Sendo assim, o sentido de inglês em (III'') pode ser parafraseado por:

(III''') o inglês é uma língua de prestígio

(III'''') O inglês é uma língua cheia de atrativos aos jovens.

Nessa perspectiva o sentido de inglês é articulado por :

- 1- População
- 2- Línguas
- 3- Tradução

E determinado⁵⁰ por :

⁵⁰ Os símbolos ⊥, ⊥, ⊥ e ⊥, em qualquer direção, significam “determina”; o traço — significa sinonímia; um traço maior em negrito, que divide o DSD, significa antonímia. Todo DSD é demarcado por linhas que o

4- Prestígio

5- Atrativos

Gráfico 1 - DSD 1 do sentido da expressão língua inglesa



Os sentidos da palavra inglês no site são produzidos a partir dessas significações. Na internet, no site da Suíça, o idioma é representado por sua relação com o suíço, que é determinado, no site oficial, pela relação com as línguas que fala, tal como em “I. *Dans les magasins, la plupart des produits sont étiquetés en français, en allemand et en italien, ou tout au moins en français et en allemand*». O idioma é significado de modo a se relacionar com as línguas da Suíça, pois ele já adquire um status importante no quadro de línguas da Suíça, de modo que é a tradução é uma “tradição”, “*la traduction est une tradition nationale*”, na paráfrase que fazemos do texto.

Depois em, III. *L'anglais s'insinue dans des situations moins formelles.*

O inglês significa, **redividido** como uma língua franca que serve para situações de comunicação **menos formais**. Em relação a outras línguas e seus falantes, o inglês é tomado como uma **língua de prestígio e cheia de atrativos**, como em III’’. *En effet, l'anglais n'est pas seulement une langue de prestige, pleine d'attraits pour les jeunes, mais les mêmes posters peuvent être utilisés sur le plan national* (grifo nosso), diante das outras faladas nesse lugar, ou seja, há uma hierarquia que favorece o inglês diante das outras línguas (e seus falantes) da Suíça.

Da designação, ao texto, à sua leitura, na internet, ao pensarmos nos sentidos que essas significações produzem na internet, no espaço universal, de acesso de qualquer lugar, global, temos que o inglês é uma língua que significa o recurso de comunicação mais eficiente na Suíça, inclusive para aqueles que falam uma das línguas nacionais de lá, o que caracteriza uma hierarquia na representação das outras línguas e de seus falantes. Dito de outro modo, o

circundam.

inglês é uma **Língua de tradução, de prestígio e cheia de atrativos** que significa na relação do Suíço.

Através dessas análises, pode-se interpretar ainda que o site da Suíça inclui o inglês e exclui outras línguas, do âmbito nacional, colocando em xeque o seu exemplo de **repartição** democrática, tal como explicita Grin (1999). Daí, podemos concluir que, por mais que o site da Suíça contenha muitas informações sobre as questões linguísticas deste país, na relação entre uma língua nacional (alemão, francês, italiano e reto-romance) e o inglês, esta língua é significada como uma língua que pode ser usada para a comunicação entre os falantes dessas línguas nacionais, em detrimento das mesmas. Se esse modo de representar já põe uma problemática à divisão do inglês como uma língua franca ou de comunicação entre falantes de línguas de um mesmo país, como seria, então, se observássemos as representações dessa língua frente ao português, língua de imigração, ou o reto-romance, uma língua referida como nacional, mas dividida como minoritária no site. Ou seja, o site-texto, ao significar universalmente, globalmente, circula reproduzindo esses sentidos dessas línguas, caracterizando esses outros modos de divisão do inglês para o suíço e para os falantes das línguas desse país.

A seguir fazemos uma análise do funcionamento a designação língua francesa no site da França e francês no da Suíça.

5.4 Langue française e Le français, dois países, duas relações diferentes.

O que interessa nessa análise é observar o sentido de língua francesa e o modo como ele opera sobre o Locutor, na enunciação. Fazemos aqui uma análise do sentido da designação “língua francesa” e “francês” no site da França e da Suíça, respectivamente, a fim de observar a redivisão do sentido no texto em que ocorre, produto do político que divide a língua e o dizer na enunciação. Isso significa que observamos o modo como a Política e Político redividem os sentidos das designações nos modos de organização do texto, nas enunciações. Como já dito anteriormente, a política centralista da França e a federalista da Suíça organizam diferentemente os modos pelos quais essas designações são enunciadas.

O site da França pode ser acessado pelo seguinte endereço: www.france.br. O conteúdo do site apresenta a forma de uma enciclopédia digital sobre a França, e é nesse espaço que é apresentada a Língua Francesa.

Vejamos os recortes abaixo no site da França em <http://www.france.fr/connaître/culture-et-patrimoine/langue-francaise> e no site da Suíça http://www.swissworld.org/fr/population/langues/repartition_des_langues/

Apresento primeiramente os acontecimentos nas páginas do site e depois os recortes dos enunciados.

www.france.fr/connaitre/culture-et-patrimoine/langue-francaise

Esta página está em francês ▾ Deseja traduzi-la? Traduzir Não Opções ▾ ×

- Economie
- Recherche et innovation
- Développement durable
- France créative
- Europe
- Monde
- Défense et sécurité

La protection de la langue française

L'article 2 de la Constitution, qui prescrit que "la langue de la République est le français", est l'aboutissement d'une longue histoire. Dès [...]

La diversité des langues régionales

Si la seule et unique langue de la République est le français, les "langues de France" ou langues régionales et minoritaires, constituent un patrimoine [...]

Questions/Réponses

- Comment fonctionne l'aménagement du territoire?
- Où trouver les coordonnées des ambassades et consulats français à l'étranger?
- Quelles différences entre le Conseil constitutionnel et le Conseil d'Etat?
- Comment voter en France?

Toutes les Questions/Réponses

Langue française

Le français est une langue parlée par plus de 200 millions de personnes sur la planète et les moyens de l'apprendre sont nombreux

La France, terre de champagnes

Aujourd'hui, synonyme de festivités et de grandes occasions à célébrer, le champagne est un produit de luxe, et pourtant accessible, dont la notoriété mondiale fait honneur au made in France.

Figura 15 - A língua francesa. Adaptada do site da França.

The screenshot shows a web browser window with the URL www.france.fr/connaître/culture-et-patrimoine/langue-francaise. The browser's address bar and tabs are visible at the top. Below the browser window, the website content is displayed. On the left, a dark red vertical navigation menu contains the following items: "NAVIGUER DANS...", "Géographie", "Histoire", "Culture et patrimoine", "Patrimoine classé à l'Unesco", "Arts", "Langue française", "Société", "Institutions et valeurs", "Economie", "Recherche et innovation", "Développement durable", "France créative", "Europe", "Monde", and "Défense et sécurité". The main content area is titled "Langue française" and contains several articles:

- La solidarité au cœur de la Semaine de la langue française et de la francophonie**: A text-based article with a small image of a hand holding a card that says "DIS-MOI DIX MOTS".
- 13e édition du Printemps des poètes : « D'infinis paysages »**: A text-based article with a small image of colorful paper airplanes.
- Tester son niveau de français**: A text-based article with a small image of a person's face.
- La protection de la langue française**: A text-based article with a small image of a document.
- La diversité des langues régionales**: A text-based article with a small image of a map of France.

At the bottom of the page, there is a "Questions/Réponses" section with three questions:

- Comment fonctionne l'aménagement du territoire ?
- Où trouver les coordonnées des ambassades et consulats français à l'étranger ?
- Quelles différences entre le Conseil constitutionnel et le Conseil d'Etat ?

Figura 16 – A proteção da Língua francesa. Adaptada do site oficial da França

Répartition des langues

La Suisse possède quatre langues nationales, mais toutes ne sont pas parlées par autant de personnes

L'allemand
La majorité de la population vit en Suisse alémanique, la partie du pays où l'on parle allemand. Dans 19 des 26 cantons suisses on parle principalement le dialecte suisse-allemand.

Le français
Dans la partie ouest du pays, en Suisse romande, on parle français. Quatre cantons sont uniquement francophones: Genève, Vaud, Neuchâtel et le Jura. Trois cantons sont bilingues (allemand et français): Berne, Fribourg et le Valais.

L'italien
Au Tessin et dans quatre vallées du sud des Grisons, on parle italien.

Le romanche
Le canton des Grisons est trilingue. On y parle allemand, italien et romanche. Le romanche (ou rhéto-roman) est une langue à racines latines. Les Romanches, 0,5 % de la population suisse, forment le plus petit groupe linguistique.

Autres langues
Les nombreux étrangers résidant en Suisse y ont amené leurs propres langues. La pratique de toutes ces langues étrangères dépasse maintenant celle du romanche et de l'italien.

Figura 17 - Repartição de línguas. Adaptada do site oficial da Suíça.

Recorte dos enunciados no site da França.

(I)

(1) Connaître → (2) Culture et Patrimoine → (3) Langue française

(II)

(1) Connaître → (2) Culture et Patrimoine → (3) La langue française → (4) La protection de la langue française

(III)

(1) Connaître → (2) Culture et patrimoine → (3) Langue française → (5) La diversité des langues régionales

Recorte no site da Suíça

(IV)

Population → Langues → Répartition des Langues

III'. Le français

Dans la partie ouest du pays, en Suisse romande, on parle français. Quatre cantons sont uniquement francophones: Genève, Vaud, Neuchâtel et le Jura.

IV. Trois cantons sont bilingues (allemand et français): Berne, Friburg et le Valais.

Passemos então à descrição dos enunciados.

Relativamente aos links de acesso à expressão (1) La Langue française, podemos fazer as seguintes paráfrases para descrever o sentido.

- (a) Conheça a cultura francesa!
- (b) A língua francesa é cultura e patrimônio da França
- (c) A língua da França possui instrumentos de proteção
- (d) A língua francesa é a língua da França e as regionais constituem um patrimônio cultural

Numa relação transversal, é importante definir nessa análise que os sentidos de (3) e (1) estão em relação, pelo modo como eles estão divididos na cena.

Em (I) e (II), o sentido de (3) Langue française é articulado em uma enumeração ao sentido de (1). Ou seja, (3) Langue française é uma enumeração de (1) Connaître, pois depois de desse enunciado, pode-se ler outros enumerados. De outra maneira, (4) reescreve por expansão e especificação o sentido de (3) outra operação do locutor-Web Estado. Desse

modo, o sentido da expressão (3) La Langue française determina o sentido de (4) e é um enumerado de (1) e esse movimento se dá por essa operação dos locutores-x (Estado/Web).

Em (III), temos outra relação de sentido entre (5) e (3). O sentido de (5) é articulado por enumeração ao sentido de (3), que por sua vez reescreve por expansão por especificação o sentido de (2) Culture et patrimoine. Aí o memorável que recorta a cena é outro, é o da diversidade linguística, que redivide o sentido de (5), pela integração de seu sentido ao de (3).

No cruzamento dessas duas operações, podemos interpretar ainda que:

(e) A Língua francesa é protegida na França.

(f) As Línguas regionais constituem um patrimônio cultural na França.

Conforme a especificidade do modo como observamos a produção de sentido, podemos dizer que o sentido da designação se dá no acontecimento de sua enunciação e não em um sentido a priori. O sentido da designação, nessas cenas, se dá no modo como o sentido é redividido na articulação e também nas reescrituras do locutor-WebEstado. É esse o movimento apagado com o uso do link no modo de indexar⁵¹ a informação, como se os seus sentidos estivessem vinculados, ligados na segmentação.

Vejamos ainda outro tipo de recorte, levando-se em conta o funcionamento da sinonímia para a análise da designação em dois sites diferentes.

No site da França (Figuras e recorte I, II e III)

I. Connaître → Culture et Patrimoine → **Langue française** ;

II. Connaître → Culture et Patrimoine → La langue française → **La protection de la langue française**;

No site da Suíça (Figura 17, exemplo IV)

Population → Langues → **Répartition des Langues**

III'. Le français

Dans la partie ouest du pays, **en Suisse romande**, on parle **français**. Quatre **cantons sont uniquement francophones: Genève, Vaud, Neuchâtel et le Jura.**

⁵¹ Transformar em índice.

Com relação à designação, nota-se que “língua francesa” e *Français* têm pelo menos dois sentidos diferentes, nesses dois casos. O sentido da Língua é articulado na enumeração entre I e II, pelo modo como o link significa essa relação. Na França, a questão da língua é dada numa relação entre a cultura e o patrimônio, bem como o de sua proteção.

Na Suíça, em III, a relação é dada pelo geográfico e sua relação com o espaço linguístico da francofonia, como em *Dans la partie ouest du pays, en Suisse romande, on parle français*, pela predicação. *Quatre cantons sont uniquement francophones: Genève, Vaud, Neuchâtel et le Jura*. O sentido da designação se dá pela relação entre as expressões *Le français* e *répartition des langues*, em uma relação de reescrituração, pois o francês a reescreve por especificação, no modo como a designação significa o modo de referir uma das Línguas da Suíça, como o Alemão, o Italiano e o Reto-romance e as Outras Línguas, como mostra a paráfrase.

Para o sentido de (I) e (II); e o sentido de (III), teríamos então na paráfrase que:

- 1) (I) e (II) A língua francesa é **a língua da França, de patrimônio cultural**.
- 2) O francês é **um idioma da Suíça**.

As diferenças no sentido da designação são configuradas pelo modo como a articulação funciona em uma enumeração do sentido de língua francesa e o francês nos enunciados nos links nos dois sites, em páginas diferentes. Isso caracteriza uma diferença no modo de dizer na internet, no site, bem como significa a especificidade de dizer em um site oficial, em que se enuncia do lugar do Estado, da autoridade e como o político, na forma das Políticas linguísticas, na França, dado a relação com o patrimônio cultural e ainda proteção das línguas em (4) e (5) e, na Suíça, como o geográfico (na forma do político), incide sobre os modos de reescrever por especificação.

5.5 O idioma português e o Estado brasileiro: monolinguismo e transnacionalidade.

O site www.brasil.gov.br pode ser lido em três línguas: portuguesa, inglesa e espanhola e é endereçado “Para”⁵² o empreendedor, o estudante e o trabalhador, os alocutários representados no site.

⁵² Conforme o modo de representar o leitor do site na seção “para”.

Seu menu de acesso se organiza pelas seguintes enunciações que, de algum modo, integram-se ao sentido de Brasil.org.br, como em:

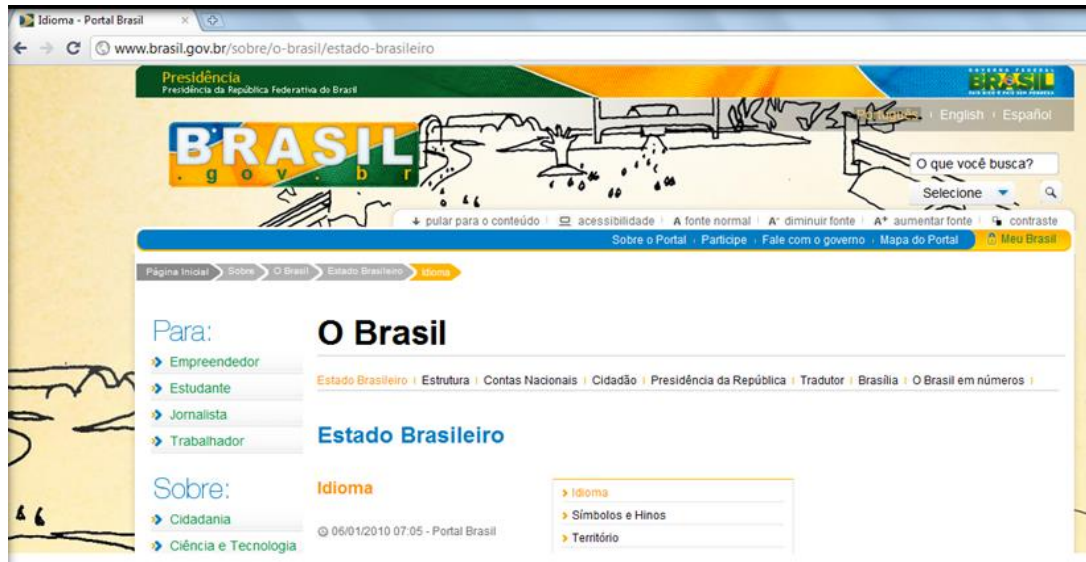


Figura 18 - Sobre o Brasil. Adaptada do site oficial do Brasil

As seções são estas: Sobre, Cidadania, Ciência e tecnologia, Cultura, Economia, Educação, Esporte, Geografia, História, Meio ambiente, **“O Brasil”**, Saúde e Turismo. Ainda, por outras articulações, ele é redividido em “Seções”, Brasil Agora, Brasil Sem Miséria, Brasília, Consumo Consciente, Copa Do Mundo, Enfrente o Craque, Galeria De Arte, Inovação, Linha Do Tempo, O que o Brasil Tem, PAC e Revista Brasílis. Essas são enunciações do LocutorEstado brasileiro e do LocutorWeb, que operam por sobre o sentido de Brasil.gov.br, uma nomeação-slogan no topo da página.

De Sobre ao Idioma:

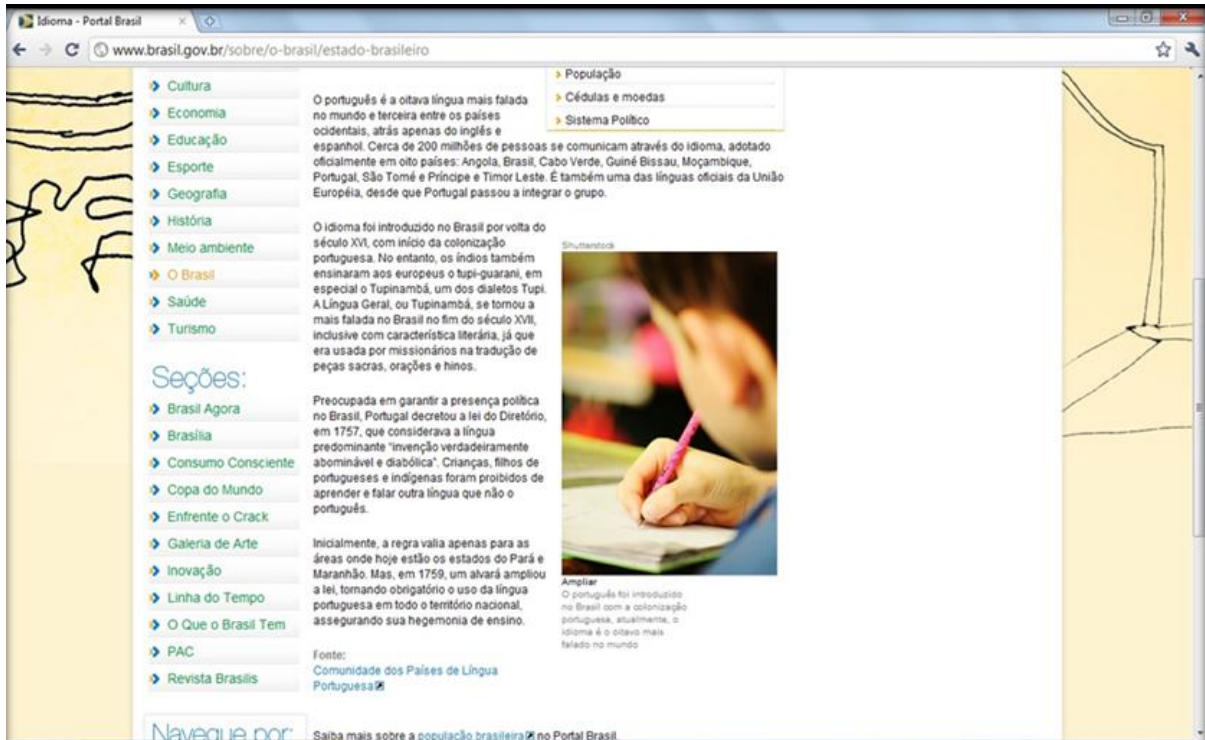


Figura 18 - As línguas do Brasil. Adaptada do site oficial do Brasil

Vejamos como se dá a passagem de Sobre à Idioma.

Página inicial → Sobre → O Brasil → Estado Brasileiro → *Idioma*

Vejamos o que (I) Sobre tem a ver com (II) O Brasil, (III) Estado Brasileiro e (IV) *Idioma* e depois com Comunidade dos países de Língua Portuguesa.

Temos, então que, (I) Sobre é uma articulação ao sentido (IV) Idioma. Sendo assim podemos afirmar que na palavra Sobre temos uma instrução ao sentido da próxima palavra. Podemos interpretar essa integração de maneira direto como:

(X) (I) Sobre e (IV) Idioma

Por sua vez o enunciado (II) O Brasil é elemento de uma enumeração a Sobre, articula (I) e (II) por enumeração.

(X') Sobre e O Brasil

Assim o sentido de (II) é elemento de uma enumeração ao sentido de (I), pois entre Brasil, pode se ler outras palavras como Geografia, História, Meio Ambiente e Turismo.

No enunciado (III), temos outra enumeração entre (II) e (III) Estado brasileiro, pois nessa cena, o locutor-WebEstado brasileiro enumera (III), com Estrutura, Conta Nacional (etc). Temos, então (Y) O Brasil e Estado Brasileiro

Em (IV) Idioma temos outra articulação por enumeração entre (III) e (IV). Assim, *Idioma* é um enumerado de O Estado Brasileiro, além de Símbolos e Hinos, territórios, etc.

Temos então (Z) (III) O Estado Brasileiro e o Idioma e Símbolos e territórios.

Nesse sentido, cada palavra, em sua enunciação, significa a partir de uma operação enunciativa do locutor-WebEstado brasileiro, que opera de modo a significar o País, na Internet, que enuncia de um lugar, atribuindo diferentes sentidos a cada uma delas, na relação com outros enunciados do texto e sua relação de sinonímia não se dá em uma relação de “vínculo”, ligação ou link, mas pelo modo como os memoráveis da organização de uma página significam a coexistência do locutor-WebEstado, que significa a partir do lugar social do Estado Brasileiro, na internet.

Passemos à designação de Português, conforme a transcrição do texto do site.

(IV) *Idioma*

I. (IVa) *O Português* é a oitava (IVb) *língua* mais falada no mundo e a terceira (IVc) (*língua*) entre os países ocidentais, atrás apenas do inglês e espanhol.

I'. Cerca de 200 milhões de pessoas se comunicam através do (IVd) *idioma*, adotado oficialmente em oito países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

I''. (IVe)(O idioma/o português) É também uma das (IVf)*línguas* oficiais da União Européia, desde que Portugal passou a integrar o grupo.

II. (IVg) O *idioma* foi introduzido no Brasil por volta do século XVI com início da colonização portuguesa.

III. No entanto, os índios também ensinaram aos europeus o tupi-guarani, em especial o Tupinambá, um dos dialetos do tupi.

III'. A língua geral, ou o Tupinamba, se tornou a mais falada no Brasil do século XVII, inclusive com característica literária, já que era língua usada por missionários na tradução de peças sacras, orações e hinos.

IV. Preocupada em garantir a presença política no Brasil, Portugal decretou a lei do Diretório, em 1757, que considerava a língua predominantemente “invenção verdadeiramente abominável e diabólica”. Crianças, filhos de portugueses e indígenas foram proibidos de aprender a falar outra língua que não o português.

Façamos então as paráfrases:

- (a) O Idioma é o oitavo mais falado no mundo.
- (b) O idioma é uma língua
- (c) O idioma é terceiro mais falado no mundo
- (d) O idioma é uma língua dos países ocidentais
- (e) O idioma é falado por cerca de 200 milhões de pessoas.
- (f) O idioma é adotado em oito países.
- (g) O idioma é oficial da União europeia
- (h) O idioma é falado no Brasil desde o século XVI

Temos, então, que o (IV) *Idioma* é reescrito insistentemente por *Língua e idioma*.

Em (I), (IVa) é uma rescrituração por substituição e especificação. Em (IVb) uma rescrituração por substituição e sinonímia. Note que essas operações se repetem insistentemente, mas cada sentido é diferente em cada enunciado.

De nossa posição, as relações mencionadas acima determinam o sentido da designação português relativamente ao modo como ela é determinada pelo sentido de Idioma e Língua. Retomemos a noção de determinação em Guimarães (2007, p 80):

Levando em conta este aspecto da noção de determinação, consideramos que as palavras significam segundo as relações de determinação semânticas que se constituem no acontecimento enunciativo. Ou seja, são relações que se constituem pelo modo como se relacionam com outras num texto [...].

Levando-se em conta a relação entre os enunciados e as rescriturações, poderíamos representar a determinação do sentido a palavra no seguinte gráfico de um Domínio Semântico de Determinação (DSD):

Gráfico 2 - DSD do sentido de português no site do Brasil

oficial da União europeia | Idioma | Português | Língua | oitava mais falado no mundo

De (a) à (h), o sentido de Português é redividido pelos memoráveis de colonização, por estatísticas, números, pelo espaço linguístico da lusofonia. A identificação com o **português** que a designação significa em (II) *É também uma das línguas oficiais da União Europeia, desde que Portugal passou a integrar o grupo. E em (III) O idioma foi introduzido no Brasil por volta do século XVI, com o início da colonização portuguesa* hierarquiza os diferentes falares de português, das divisões do português brasileiro, não tocando, significando, as diferenças entre os modos de falar português.

Há outro movimento no sentido da designação português significado no hiperlink, em:

→ *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*

Nesse enunciado, há referência a outra página, que indica outra página com a qual o texto sobre o *Idioma* é compartilhado, totalizado em uma nomeação. Há uma reescritura do sentido de *Idioma*, por expansão e totalização cujo sentido é operado pelo transnacional⁵³.

(i) O Português é a língua da CPLP

(j) O português é o idioma da CPLP

Esse hiperlink, no final da página, relaciona os sentidos de idioma aos de CPLP, um hipertexto, outro site, que remete o texto representado naquele texto a outro texto, e em outro site com o qual o mesmo foi compartilhado. Há aí uma referência, representada a partir da relação do Brasil com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). O texto que significa a língua falada no Brasil é retirado do site da comunidade⁵⁴, significada em uma totalização, que rememora a relação língua/grupamento: todos os que fazem parte desta comunidade composta por Portugal e suas ex-colônias falam uma única língua.

⁵³ Tomamos aqui, o modo como os trabalhos de Zoppi-Fontana (2009), Alcalá-Rodríguez (2010), Orlandi (2012) têm analisado o modo de configuração dos espaços linguísticos transnacionais.

⁵⁴ <http://www.cplp.org/Default.aspx>

Podemos interpretar disso ainda, que tais modos de enunciar sobre a Língua em questão estão legitimados por essas Políticas Linguísticas e apagam o real funcionamento histórico do português no Brasil, que sempre foi tencionado com o funcionamento de outras línguas de outros Estados, como o Holandês, o espanhol, e das línguas de imigração, bem como com o que Orlandi (2009) chama de A Língua Brasileira⁵⁵.

Do procedimento de análise textual de site ao funcionamento da designação Português no site, podemos destacar o modo como as palavras se relacionam, constituindo a relação entre os links de acesso e o texto no qual o idioma é representado. Ou seja, não temos aí uma relação linear, pois vai além da segmentação. A produção dos sentidos é determinada pela política de representação, temporalizada no acontecimento enunciativo. Primeiro porque os sites são organizados dessa maneira e, segundo, e o mais importante para o centro de nossa discussão, é a que reorganiza o sentido do idioma na relação com o transnacional, rememorada a partir dessa relação entre o oficial, o nacional e o transnacional, construídas nas relações de sentido entre os links e o texto. Ou seja, essas relações de sentidos significadas no acontecimento e estabelecem uma prática de representação do Brasil para o mundo através do site.

Se por um lado essa relação entre os links e o idioma já nos mostra uma problemática a ser discutida sobre as questões linguísticas do país, de outro, constrói a contradição e a disparidade à qual o dizer se expõe ao nos colocar uma problemática identitária construída na relação entre o site e o modo como descreve a língua relacionada à nação brasileira que fala o mesmo português que os outros países; e, também, relativamente à sua imagem diante do Outro: o todos, o mundo.

A seguir fazemos uma análise das designações de Línguas e Dialetos (*Langues et Dialectes*) no site oficial da Suíça.

5.6 A identidade das línguas e as operações sobre *Langues e dialectes*

Essa análise é dividida em duas partes. Nela continuamos as reflexões que viemos fazendo relativamente às designações e seus acontecimentos nos textos dos sites.

Site da Suíça. Página: *Langues et dialectes*

⁵⁵Fazemos referência, ainda, ao trabalho de Orlandi (2005), *A língua Brasileira*; e a *A Língua Portuguesa no Brasil*, em Guimarães (2005).

A página em questão dá acesso ao conteúdo representado em uma animação.

Analisamos os sentidos da designação de Língua e Dialeto que determinam os sentidos da expressão Dialeto nesta página: www.swissworld.org/fr/switzerland/ressources/animations/langues_et_dialectes

Para acessar o registro do dialeto, é necessário escolher a “língua”, depois clicar na palavra-link com o nome da cidade onde é falado o dialeto, aí é dada uma **instrução** cujo sentido ao acesso ao dialeto que se quer ouvir, depois clicar na palavra-link da cidade onde se fala a variante ou “acento”/sotaque⁵⁶. Temos os enunciados que representam as Línguas: Alemão, francês, Italiano e reto-romance.

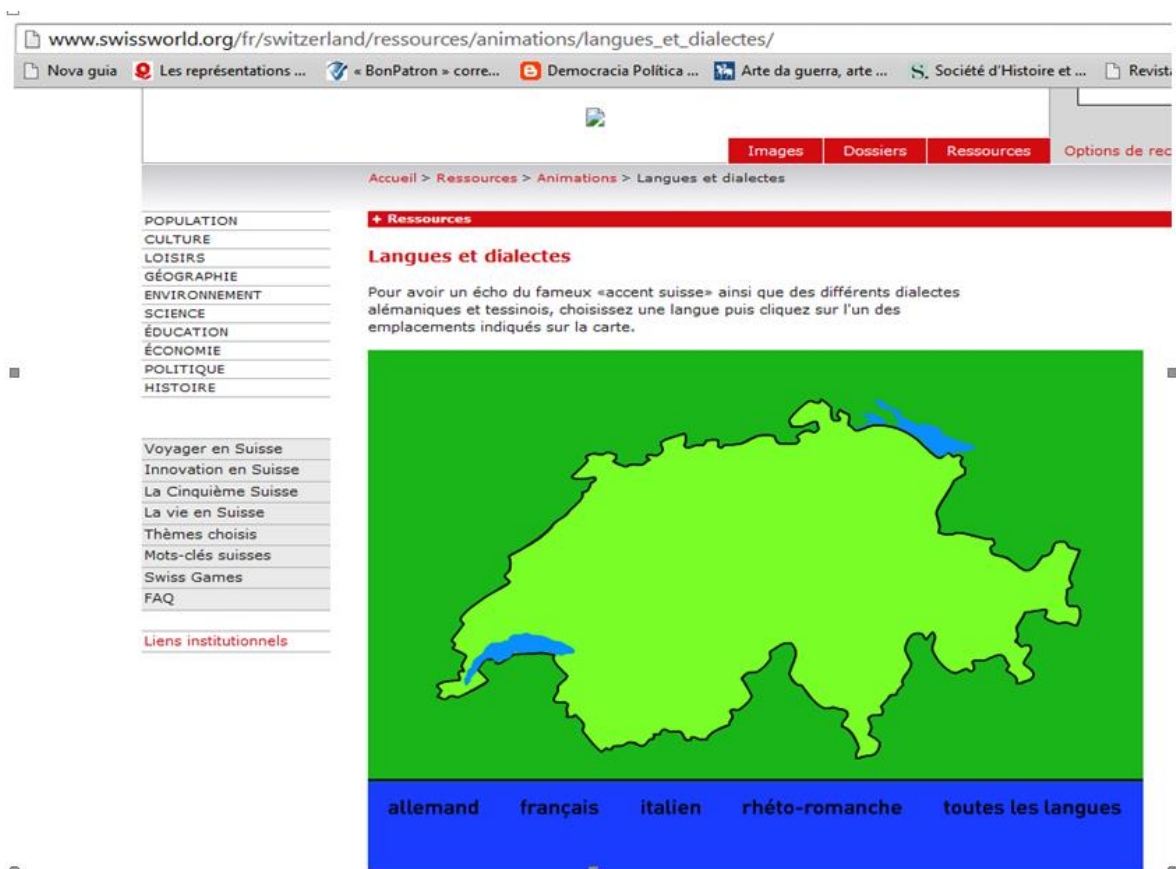


Figura 19 - Línguas e dialetos. Adaptada do site oficial da Suíça

Para essa análise, podemos recortar o texto, ao menos, de dois modos, como em A, B

⁵⁶ Como sugere o termo em português.

Iniciamos pela leitura analítica relativa à **instrução** nos modos de ler e os tipos de leitores⁵⁷, significados pela identidade da língua, o que configura diferentes sentidos e diferentes modos de enunciar, mostramos o exemplo em três línguas, alemão, italiano e francês. Note que em cada tradução, a introdução se apresenta em uma língua diferente, com diferentes dizeres.

Sprachen und Dialekte

(I) *Für eine Hörprobe der **Schweizer Dialekte** klicken Sie auf die gewünschte Sprache und einen Ort. Auch wenn es zunächst nicht so tönt: alle Sprecherinnen und Sprecher sagen den gleichen Satz.*

(I')⁵⁸ Para uma amostra de áudio dos dialetos suíços clique na Língua e local desejado. Mesmo que inicialmente não soe assim: todos os falantes “dizem” do mesmo modo.

Langues et dialectes

(II) *Pour avoir un écho du fameux «**accent suisse**» ainsi que des différents dialectes alémaniques et tessinois, choisissez une langue puis cliquez sur l'un des emplacements indiqués sur la carte.*

(II') Para ter um eco do famoso "**acento suíço**" e os vários dialetos “alemânicos” e tecinêses⁵⁹, escolha uma língua e, então, clique em um dos locais indicados no mapa.

Lingue e dialetti

(III) *Per un assaggio delle pronunce e dei **dialetti svizzeri** nelle varie lingue svizzere, scegliere una lingua e cliccare su una località. Anche se non immediatamente evidente, la frase pronunciata è sempre la stessa.*

(III') Para ter um “gostinho” das pronúncias e dialetos nas várias línguas suíças, escolha uma língua, clique em um local. Embora não seja imediatamente evidente, a frase pronunciada é sempre a mesma.

⁵⁷ Como explorado no capítulo IV, sobre a enunciação e o texto da internet.

⁵⁸ Tradução nossa.

⁵⁹ Interpretamos/traduzimos o nome do dialeto desse modo, pois não há correspondente em português.

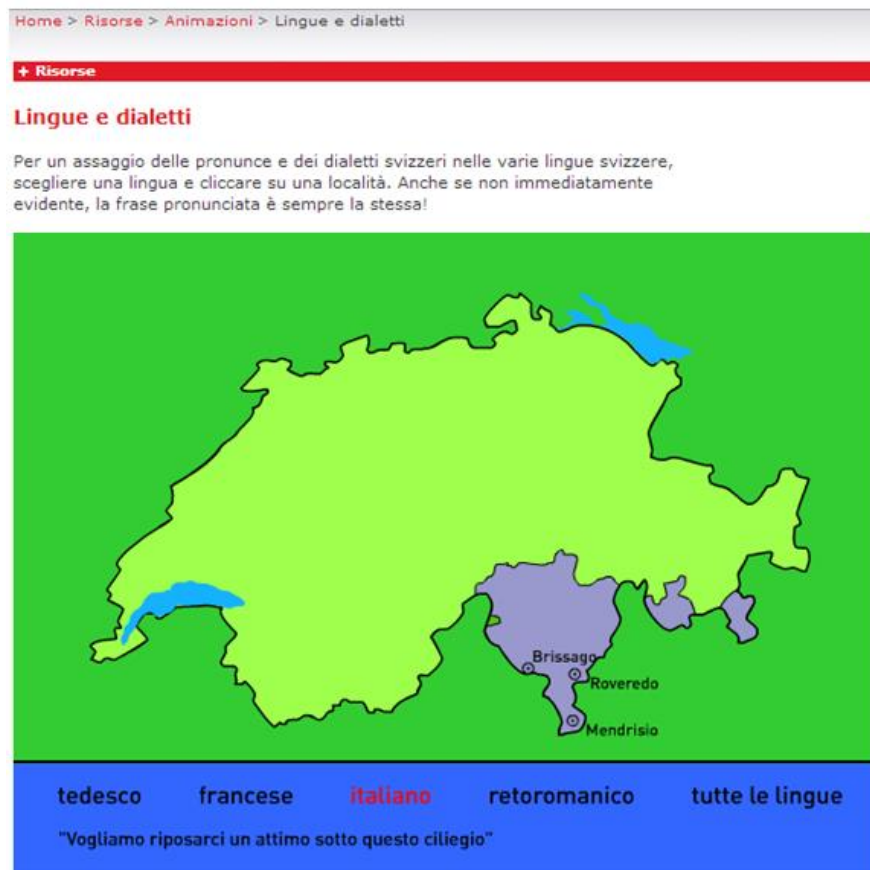


Figura 20 - Línguas e dialetos do italiano, na Suíça. Adaptada do site oficial da Suíça

(A) Nesse recorte, a análise⁶⁰ tem a ver com o modo como a interpretação dos conceitos de Língua e Dialeto e sotaque são representados pelo locutor-WebEstado, que projeta seus alocutários falantes de Alemão e Italiano e francês de diferentes maneiras.

⁶⁰ Fazemos aqui um diálogo com o trabalho desenvolvido por Cláudia Freitas Reis, em seu trabalho de tese de Doutorado (no prelo), sobretudo em seu modo de discutir a tradução em *Política Linguística e Tradução: Algumas Reflexões*, trabalho apresentado na VI Jornada de Políticas Linguísticas da UFSCar (2014).

Sprachen und Dialekte

Für eine Hörprobe der Schweizer Dialekte klicken Sie auf die gewünschte Sprache und einen Ort. Auch wenn es zunächst nicht so tönt: alle Sprecherinnen und Sprecher sagen den gleichen Satz.

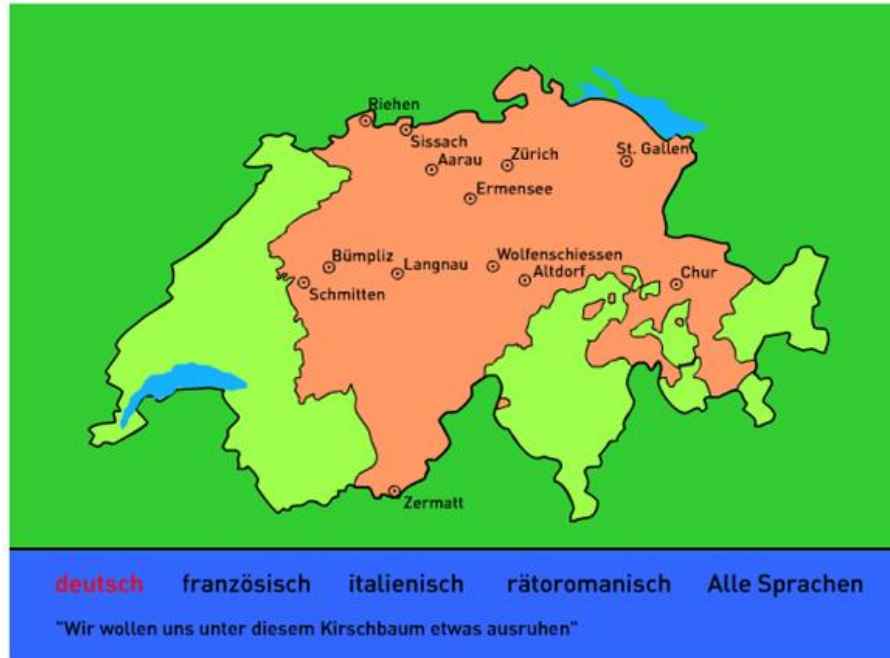


Figura 21 - Línguas e Dialetos suíços do alemão, em alemão. Adaptada do site oficial da Suíça.

Em (I), (D) *Sprachen und (d) Dialekte* (línguas e dialetos), significam em uma operação de substituição e especificação, em (d) *Dialekte* e (d') *Schweizer Dialekte*, como se pode ver na Figura 22.

Em (II)⁶¹, no caso do francês há uma substituição por especificação entre dialeto (dialecte) e sotaque (accent), tal como em: *Langues et dialectes* e «*accent suisse*», o que configura um modo diferente de se relacionar com a língua e sua “variação”. Esse enunciado é recortado pelo memorável de que na Suíça não se fala um dialeto do francês, mas um sotaque e o de que a língua é sempre a mesma.

Essa pequena reflexão tem a ver com o modo de representar o saber sobre a língua na relação entre *Sprachen und Dialekte* em (x) e (x') e depois em *Langues et dialectes* e *accents suisse*, a fim de mostrar que a designação da palavra, não tomada como conceito ou como um objeto do mundo aqui, se dá em sua designação na enunciação, na relação entre a língua e o falante (representado nas enunciações em alemão e em francês).

(B) Outro tipo de recorte é o modo como a textualidade é organizada pela relação de sentidos entre “*langues et dialectes*”.

⁶¹ Damos maior enfoque a essa descrição, pois é a partir dela que interpretaremos os sentidos das designações.

Interpretaremos os enunciados em língua francesa.

Note como o sentido de *Langues* e *dialectes* está revidido no texto:

« *Langues et dialectes*

Pour avoir un écho du fameux «accent suisse⁶²» ainsi que des différents dialectes alémaniques et tessinois, choisissez une langue puis cliquez sur l'un des emplacements indiqués sur la carte. »

Em (a) *Langues* et (b) *Dialectes*, temos uma articulação do sentido de um em relação ao outro. Por outro lado, temos:

(a) *Langues* reescrito por (a') allemand, (a'') Français, (a''') italien, (a''''') reto-romance.

e

(b) *dialectes* reescrito por (b') *Accent suisse*

Temos em (a), (a''), (a'''), (a''''') uma operação de expansão e desenvolvimento com a reescrituração da língua pela frase escrita.

Alemão - “*Wir wollen unter den kirschenbaum etwas ausruhen*”

Francês - “*On veut se reposer un peu sous ce cerisier*”

Italiano - “*Voliamo riposarci un attimo sotto questo ciliegio*”

Reto-romance - “*Nus lein serevegnir in tec quei tschascher* »

Desse modo, podemos dizer que o sentido de *Langues* é redividido por um memorável de tradução e da identidade da língua, pois a cada “língua” representa uma identidade linguística.

Temos, então, que:

(a2') Alemão é uma língua

(a2'') Francês é uma língua

⁶² Traduzimos *accent* por *sotaque* aqui.

(a2''''') Italiano é uma língua

(a2''''') Reto-romance é uma língua

Passemos então aos sentidos de (b) *Dialectes*.

Temos então que (b)⁶³ é reescriturado por (b') "accent suisse" e (b'') "différents dialectes" em "Pour avoir un écho du fameux «(b') *accent suisse*⁶⁴» ainsi que des «(b'') *différents dialectes alémaniques et tessinois*», choisissez une langue puis cliquez sur l'un des emplacements indiqués sur la carte.

Desse modo, as relações de sentido entre (b') e (b'') se dão em (b'), numa substituição por especificação e em (b''), numa repetição por enumeração (que se repete em *dialectes* e tem seu sentido enumerado em *allémaniques et tessinois*).



Figura 22 - Sotaques do francês, falados em cidades da Suíça.

⁶³ No caso do enunciado em francês, é preciso ressaltar.

⁶⁴ Traduzimos *accent* por *sotaque* aqui.

Nesse mapa, as operações dos locutores se dão nos modos de redividir os sentidos de (a) *Langues et* (b) *Dialectes* por substituição e especificação, em que “*Langues*” é reescrita por (I) *allemand*, (II) *français*, (III) *italien* e (IV) *reto-romance* e *Dialectes* pelo nome de cada cidade que reescreve o sentido de (b’) *Accent suisse* por (b’’) *Lausanne*, (b’’’) *Fribourg*, (b’’’’) *Neuchâtel* e (b’’’’’) *Biel*, tal operação se dá no modo de redividir o sentido de cada língua e cada sotaque. Podemos interpretar, assim, que (b) é um hipônimo de (a), como indica no mapa da Figura 23.

Há outra relação que se dá em cada redivisão de b’ que é posta pela representação do sotaque em seu registro. Temos de (b) à (b2’’’’’) uma substituição por especificação de lugar, como se pode ver em:

(b2’) Em *Lausanne* se fala um “sotaque”

(b2’’) Em *Fribourg* se fala um “sotaque”

(b2’’’) Em *Neuchâtel* se fala um “sotaque”

(b2’’’’) Em *Biel* se fala um “sotaque”.

Trata-se, portanto, da passagem do nome da cidade (o regional, o geográfico) ao seu sotaque (variante oral), no sentido de manter a unidade linguística.

Há ainda outra operação que se dá pela passagem de (b2’), (b2’’), (b2’’’) e (b2’’’’) à

(b3’) On veut se reposer un peu sous ce cerisier.

(b3’’) On va un peut se reposer sous ce cerisier ?

(b3’’’) On veut se reposer un peu sous cerisier.

(b3’’’’) On veut se reposer un peu sous ce cerisier.

Em cada um deles há uma expansão por desenvolvimento entre o sentido de (b2’) à (b3’); de (b2’’) à (b3’); de (b2’’’) à (b3’’); (b2’’’’) à (b3’’’’).

Trata-se de uma operação constituída pelo geográfico (memorável) e da variação (oralidade). E, assim, podemos interpretar que:

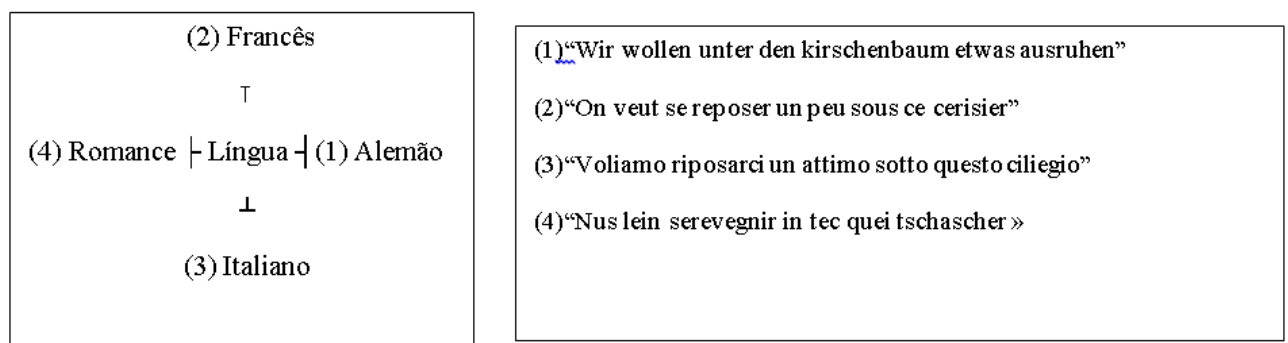
(b4') O sotaque varia em função do lugar.

Há, ainda, outra relação entre aquilo que (II) *français* significa e os enunciados dos nomes das cidades em (b2'), (b2''), (b2''') e (b2'''''). Dito de outro modo, há aí uma operação de substituição por especificação entre um o hiperônimo (II) e seus hipônimos (B2'), (b2''), (b2''') e (b2''''').

É importante ressaltar que cada passagem é operada pelo locutor-WebEstado, que é recortado pelo memorável da variação linguística e da geografia da língua ação de modos específicos. Assim os sentidos das designações *Langues et Dialectes* se constiuem numa relação transversal com os seus reescriturados. A relação não é segmental, pois não se dá na frase, nem em orações, se dá no modo como a enunciação organiza a textualidade do mapa das línguas, na animação.

Já na relação entre língua e dialeto, na animação, dialeto reescreve por substituição e especificação o seu hiperônimo, pois em cada **registro** oral do **dialeto** referido pelo nome da cidade, pelo modo de designar, recortado pela geografia, já que a relação é regional, tem-se um registro específico. Nesse sentido, o sentido de língua determina o sentido do dialeto, como podemos representar no seguinte Domínio Semântico de Determinação, o DSD. Juntamente, no mesmo gráfico, apresentamos o exemplo da Língua, representada no texto escrito pelas frases, que em português significam “Queremos repousar um pouco embaixo dessa cerejeira”.

Gráfico 4 - DSD do sentido de Língua



A língua é que redistribui o dialeto e o acento, no qual se cruzam o oficial, o geográfico e o nacional no modo de reparti-los, haja vista que o “modelo” do uso redivide o modo como se diz no dialeto ou sotaque (caso da diferença no francês). Textualmente, temos então: Língua, no exemplo escrito, dialeto e sotaque, no exemplo falado (registro). Há uma mudança na textualidade do site, do escrito ao oral, à medida que os locutores operam os sentidos de *Langues et dialectes*, conforme mostrado, posta pelas operações enunciativas do locutor-WebEstado, em seu modo de escrever, pela passagem de (b2’), (b2’’) e (b2’’’) e (b2’’’’) à (b3’), (b3’’) e (b3’’’’).

VI. CONSIDERAÇÕES

Se tivéssemos de resumir este trabalho em poucas palavras, diríamos que ele discute, sem pretensões, alguns pontos cruciais da contemporaneidade: a leitura/escrita/interpretação em sites da internet, as línguas e as operações enunciativas do locutor-WebEstado e os sentidos das designações de línguas, a textualidade e os textos. A internet é um parte da globalização, do “acesso universal”, e seus procedimentos incidem nos modos de representar os países, seus entornos, sua(s) língua(s) e seus falantes, apresentando suas fronteiras físicas para além da relação territorial, linguística, “dura”, “graças ao seu livre acesso”. Julgamos que a importância da discussão que propomos aqui, no âmbito teórico, recai justamente nos modos de pensar os multi e plurilinguismos, as relações entre as línguas, mas, sobretudo, o trabalho dos falantes e do político e, no âmbito metodológico, sobre o recorte e a leitura, e do agenciamento enunciativo, no trabalho de análise desses recortes de textos, levando em conta a historicidade dos sentidos, do ponto de vista da Semântica do Acontecimento.

O trabalho foi dividido em quatro capítulos teórico-analíticos e um de análise das designações de línguas nos sites que não foge a discussões teóricas, dando enfoque à uma análise enunciativa, sob a ótica da Semântica do Acontecimento, tal como formulada por Eduardo Guimarães (2002).

Sendo assim, sob tal perspectiva, introduzimos nossa maneira de observar os processos de língua/linguagem, mostrando que é o acontecimento da enunciação que nos permite interpretar/descrever as relações entre as línguas e suas derivas, suas representações nos sites oficiais, que não se dão de qualquer modo, que, por outro lado, são organizadas de um modo específico: pelas operações enunciativas do locutor-WebEstado, na relação com os memoráveis e o político. O memorável no modo de organizar e o político na regulação, tensão, do que é significado na enunciação. Dessa movimentação, emergem o presente e a futuridade do acontecimento, que mobilizam outros aspectos da enunciação, os locutores, seus lugares sociais e seus modos de dizer, que revelam que a organização desses textos se dá por essa operação dos locutores, para muito além das evidências dadas pela “transparência” dos links, hiperlinks e hipertextos.

Afirmar que o que se fala em um país é uma língua, e em uma cidade um dialeto, *accent*, sotaque ou um idioma é incluir ou excluir falantes e línguas dessas relações. Tais processos mostram como funcionam os modos de (re)distribuição, a partir dessas

representações das línguas. Ressaltamos, então, que nosso foco foi a representação das diferenças nos processos linguísticos e não em uma análise de seus “usos” ou de suas “variações”, como a sociolinguística faz, ou seja, como se dá a representação do francês ou da língua francesa, ou ainda, das redivisões do suíço alemão e do alemão na Suíça, ou do reto-romance e do inglês, no site Suíça, ou ainda dos (des)pertencimentos no modo de representação do português no espaço enunciativo da Suíça, que são completamente silenciados no site, mas que aparecem nas cidades, nas ruas. Para nós, essa distribuição não é homogênea, é desigual e, na contemporaneidade, sob os efeitos da globalização (em seu modo de escrita), sob a configuração homogeneizante dos sistemas democráticos, colocam tais processos como se fossem diluídos, “naturais” ou sob a ordem cognitiva, em modelos nos quais as línguas significam “niveladamente”, sem agenciamentos (as operações enunciativas dos locutores, sem conflito algum, ou ainda, imotivadamente).

Ainda relativamente às políticas e ao político, fizemos uma discussão sobre como a geografia se instituiu como modo de organização determinante para o discurso sobre as línguas, no modo de distribuir em regiões, as línguas, os dialetos, os sotaques em relação às línguas oficiais e nacionais. A geografia adquire, desse ponto de vista, um caráter enunciativo que está exposto ao simbólico e que, por isso, significa a partir de suas conceituações. Tais formulações sobre este campo, então, advém de outras enunciações que aparecem agenciadas pelos modos como a geografia se instituiu como ciência. A geografia das línguas não é, então, nem um objeto, nem um pressuposto, é um processo construído na e pela linguagem, que organiza o sentido sobre os espaços.

O espaço de enunciação, já como um modo de recortar o espaço em que a língua funciona na tensão com outras línguas, regula o funcionamento das línguas, como o exemplo da relação entre o português e as outras línguas do Brasil, o do funcionamento do português em relação ao francês (e também do alemão e do inglês), na Suíça, funcionamento que os **pactos, acordos**, conforme Orlandi (2012), não preveem e não alcançam. O espaço de enunciação da globalização, em nosso recorte, levando em consideração o que este espaço tem de simbólico e de histórico, o que permite observar o funcionamento das línguas já afetado pelo modo de repartir dos Estados e seus modos de inscrição na globalização. Demos maior ênfase na reflexão sobre o espaço enunciativo da Suíça, pois pensamos que esse espaço apresenta algumas particularidades diante do modo de repartir suas línguas, ainda, como

explicado anteriormente, que esse espaço constitui a diferença diante de espaços como a França e a Alemanha, onde há um recobrimento da diferença entre o limite territorial, a instância administrativo-jurídica do Estado e o nome da língua, por exemplo, o Alemão, na Alemanha, o francês, na França.

Ainda no tocante ao espaço de enunciação da Suíça, a movimentação das línguas merece destaque, principalmente no que concerne às redivisões do português em relação às línguas da Suíça, principalmente ao francês e ao alemão. Falar português, na Suíça, é um gesto político (cf. GUIMARÃES, 2002), uma afirmação de des-pertencimento, pois mostra que ali eles estão a falar, a significar, em um espaço já significado por enunciações em outras línguas, já afetado por suas políticas. O oficial, a língua francesa, regula o funcionamento do português no âmbito da fala cotidiana, das cidades: em anúncios, banners, fachadas, produtos de supermercado, como língua de identificação, e de imigração, em nomeações. Essa é a deriva do **acontecimento linguístico**, conforme Orlandi (2012), da imigração portuguesa na Suíça, à medida que é a partir dela que significam inúmeros processos em torno do português (língua e povo).

De um espaço de enunciação ao outro, do da Suíça, por exemplo, até o espaço de enunciação da globalização até suas representações na internet há outros trabalhos dos falantes e dos Locutores. Na internet, há o cruzamento entre o modo de distribuir do Estado e o modo de representar da internet, que o reorganiza pelo excesso, pela **informação** (por seus lugares de dizer nos links, hiperlinks, hipertextos): o espaço **administrativo-jurídico** se cruza com o **espaço global**, o uno e o universal em dimensões diferentes, que coexistem de dois modos, nos locutores-x, locutorEstado e Web, o **locutor-WebEstado**, os modos de redividilos pelo lugar da internet, no lugar correlato do alocutário global (ou LeitorGlobal), falante de várias línguas (como mostrado nas análises sobre a relação autor/leitor). Há, nele, silenciamentos, regulações, manobras que apagam, incluem algumas representações e excluem outras, como é o caso do inglês em relação ao reto-romance (que não pode ser lido no site), ao italiano ou, como pudemos mostrar, o completo apagamento do português. Tal fator constitui então, as hierarquias, as redivisões dessas línguas nos modos de representar e significar a inclusão de uns e a exclusão de outras.

A internet se coloca desse modo, como lugar de representação, sob uma **política de representação, de inclusão, do lugar das Políticas Linguísticas**. Configura-se como um

modo de dar existência na forma da visibilidade, do **acesso**, do país ao mundo, do local ao global. O que configura o seu lugar social de dizer é seu modo de escrita, como o locutorWeb opera sobre os links, hiperlinks e hipertextos, seus manejos com diferentes materiais nos sites, como animação no site da Suíça do escrito ao oral, produz os efeitos da contemporaneidade e seus cruzamentos com o oficial e com o Estado.

Os resultados dessas reflexões são desdobramentos das análises do funcionamento da designação inglês no site da Suíça (análise do site 1), língua francesa e francês nos sites da França e da Suíça (análise 2), respectivamente; da designação português do site do Brasil (análise 3), e das relações de sentido entre Línguas e Dialetos nas designações do alemão, francês, italiano e reto-romance, em uma das páginas do site da Suíça (análise 4). Do global e oficial, do Estado, ao funcionamento semântico da designação, temos, alguns procedimentos para a inscrição desses sentidos nos enunciados:

Na primeira análise, em 5.3, concluímos que há alguns modos de determinar os sentidos da designação *inglês*: O inglês é significado como uma língua franca que serve para situações de comunicação **menos formais**. Em relação a outras línguas, o inglês é tomado como uma **língua de prestígio e cheia de atrativos**, como em *III''*. *En effet, l'anglais n'est pas seulement une langue de prestige, pleine d'attraits pour les jeunes, mais les mêmes posters peuvent être utilisés sur le plan national* (grifo nosso), diante das outras faladas nesse lugar, ou seja, há uma hierarquia que favorece o inglês diante das outras línguas da Suíça. Ou seja, o locutor-WebEstado inclui o inglês como falada na Suíça, no espaço de enunciação global.

Na análise 2, em 5.4, A língua francesa é **a língua da França, de patrimônio cultural** e o francês é **um idioma da Suíça**. As diferenças no sentido da designação são configuradas pelo modo como o locutor-WebEstado opera na **articulação** e na **enumeração** ao dividirem o sentido da designação “Língua francesa”, pelo modo como está integrada pelos enunciados nos links nos dois sites, em páginas diferentes. Isso caracteriza uma diferença no modo de dizer na internet, no site, bem como significa a especificidade de dizer em um site oficial, em que se enuncia do lugar do Estado, da autoridade e como o político, na forma das Políticas linguísticas, na França, dada a relação com o patrimônio cultural e ainda proteção das línguas em e, na Suíça, como o geográfico, incide sobre os modos de reescrever por especificação. É

esse o movimento apagado com o uso do link no modo de indexar⁶⁵ a informação, como se os seus sentidos estivessem vinculados, ligados na segmentação.

Na análise 3, mostramos como funciona o sentido da designação português no site do Brasil. Nas inúmeras operações do locutor-WebEstado, dos links de acesso ao texto, no qual o *idioma* é significado, no site do Brasil, organizada pelos links e, também, e o mais importante para o centro de nossa discussão, é a relação textual que reorganiza o sentido do idioma na imbricação entre o oficial, o nacional e o transnacional, construídas nas relações de sentido entre os links e o texto. Ou seja, essas relações de sentidos significadas na e pela língua estabelecem uma prática de representação do Brasil para o mundo através do site, dando ao país um engajamento, nas relações internacionais entre os países lusófonos e os demais países do mundo.

Na análise 4, dois recortes nos levaram às considerações sobre os modos de dividir Línguas e Dialetos: o primeiro é o que diz respeito ao modo como o texto pode ser lido, nas oito línguas para as quais o site pode ser traduzido. As três traduções, em alemão, francês e italiano apresentam diferentes versões caracterizadas pela **instrução** significada em cada língua. Outro ponto é o modo como essa identidade se representa, pela “repartição” das línguas na Suíça, em suas línguas nacionais e oficiais, as três acima mais o reto-romance. No segundo modo, as diferentes enunciações em torno das Línguas e dos Dialetos se caracterizam pelas operações do locutor-WebEstado. Do nome à introdução do texto e depois nas designações das línguas e dos dialetos, representados em um mapa, cuja repartição geográfica configura a especificidade da Língua, enquanto modalidade de escrita, pelo exemplo dado na língua normatizada em alemão, francês, italianos e reto-romance.

A temporalidade dos acontecimentos de enunciação, organizando cada texto, pelo modo de recortar o memorável, significa a identidade das línguas, como pode ser visto no texto em suas diferentes versões, em alemão, em francês, em italiano.

No agenciamento enunciativo, funciona a partir desse lugar de dizer do locutor, uma **política de tradução**, na qual se retoma o lugar de fala da **Política linguística**, para atingir a **distribuição mais democrática possível**. No terceiro modo de recortar, focalizamos em alguns pontos específicos, a descrição dos sentidos da designação de línguas: o **locutor** (e o leitor/Alocutário) e seu modo de representar as **Línguas** e os **Dialetos**, na textualidade do site.

⁶⁵ Transformar em índice.

Ressalta-se, então, que as relações entre os sentidos das designações são construídas no modo como o locutor-WebEstado, refere as línguas: o alemão, o francês, o italiano e o reto-romance, como língua e sua representação na frase escrita, e os seus dialetos, as variantes, reescriturados por substituição e especificação os significados na designação do nome das cidades/regiões, onde elas são **faladas**.

Nesse trabalho, fizemos, então, uma discussão sobre alguns conceitos da Semântica do Acontecimento, tais como os espaços de enunciação e seus agenciamentos enunciativos inscritos pelo locutor-WebEstado, bem como seus procedimentos de escrita na internet. Através disso, pudemos melhor vislumbrar o funcionamento da designação de línguas em sites oficiais e mostrar, também, como essas operações organizam alguns aspectos da textualidade dos sites, na integração dos sentidos das palavras-link. Por meio dessas observações, pudemos mostrar, ainda, o papel das Políticas Linguísticas, que determinam “modos de acessos a palavra” sobre a(s) língua(s), bem como um modo de distribuição particular na internet, pelo excesso, que acaba por excluir e apagar outros processos da ordem do político, como os modos de escrita e interpretação.

Com a descrição/interpretação do espaço de enunciação suíço, que inclui o português na relação com a língua francesa, mostramos que há funcionamentos que escapam às descrições e as formulações que dividem as línguas através dos fenômenos empíricos, factuais e que o seu trabalho de inclusão das minorias, a seu modo, acaba por excluir outros processos, principalmente no que tange ao trabalho dos falantes no funcionamento das línguas. Sobre o discurso sobre a língua na globalização, pudemos mostrar as movimentações, as manobras, do locutor-WebEstado (nas operações enunciativas) para significar as línguas dos países, pela inclusão e pelo excesso. Desse modo, o seu trabalho de descrição se constitui, ainda, como um discurso sobre a língua, pois, assim como todo discurso, saber sobre a língua, ela está exposta a falhas, equívocos e deslizes. Nesse sentido, tem-se a ilusão de apreender o todo e algo escapa, entretanto.

VII. REFERÊNCIAS

ANDREY, G. *L'Histoire de la Suisse pour les nuls* : Tome 1. Des origines à 1815 [Broché]. 2013.

_____. *L'histoire de la Suisse* : De 1815 à nos jours: tome 2. 2013

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I* (1966). Campinas, SP: Pontes, 1988.

_____. *Problemas de lingüística geral II* (1974). Campinas, SP: Pontes, 1989.

BRASIL. *Presidência da República*. Idioma. Último acesso em 13/09/2013, disponível em < <http://www.brasil.gov.br/>>.

BRASIL. *Presidência da República*. Portal Brasil. O Português é um dos idiomas mais falados do mundo. Último acesso em 22/06/2014. Disponível em < <http://www.brasil.gov.br/governo/2012/04/o-portugues-e-um-dos-idiomais-falados-do-mundo>>.

CALVET, Louis-Jean. *As Políticas Linguísticas*. São Paulo: Parábola. 2007.

COSTA, Carlos Irineu. Glossário. In : LÉVY, P. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010.

DEMANGEON, A. *La géographie des langues* - article ; nº215 ; vol.38, pg 427-438. In : *Annales de Géographie*.1929.

DIAS, L. F. *Os sentidos do idioma nacional*, Campinas, Pontes. 1996.

DIAS, C. P. *A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo hiv*. 2004. Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito* (1984). Campinas: Pontes, 1987.

DUCROT, O. Os topoi na “teoria da Argumentação na língua”. *Revista Brasileira de Letras*. Publicação do Departamento de Letras da UFSCar, São Carlos, 1999.

DUCROT, O; CAREL, M. O problema do paradoxo em uma semântica argumentativa. In: *Revista Língua e instrumentos linguísticos*. Campinas, SP: Pontes, 2001

FRANCE. Republique Française. *Langue Française*. Último acesso 22/06/2014. Disponível em < www.france.fr>.

FERRARI, Pollyana. *Hipertexto e Hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital* (org). São Paulo: Contexto. 2013

FIBBI et al. 2010. *Les Portugais en Suisse*. Office fédéral des migrations (ODM). Quellenweg 6, CH-3003 Bern-Wabern.

GADET, F., PÊCHEUX, M. Há uma via para a Lingüística fora do logicismo e do sociologismo?. In: *Escritos* (3): 05-16. Campinas: LABEURB – UNICAMP, 1998.

GALLO, S. L. A internet como Acontecimento. In: INDURSKY, F; MITTMANN, S; LEANDRO FERREIRA, MC. (Org.). *Memória e História da Análise do Discurso*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, v. , p. 255-270.

GUIMARÃES, E. História, Sujeito, Enunciação. *Cadernos de Estudos Linguísticos* v. 35. Campinas: IEL/Unicamp, 1998. p. 109-116.

_____. Interpretar Língua e Acontecimento. *Revista Brasileira de Letras – UFSCar*, 1999. v. 1, n. 1, p. 19-23.

GUIMARÃES, E. "Línguas de civilização e línguas de cultura. A língua nacional do Brasil". In Barros, D.L.P. *Os discursos do descobrimento*. São Paulo, Edusp/Fapesp. 2000.

GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, E.R.J. *História da semântica*, Campinas, Pontes. 2003.

_____. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2002.

_____. A Língua Portuguesa no Brasil. *Ciência e Cultura*. Versão online. 2005 <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200015&script=sci_arttext>

_____. Espaço de enunciação e política de línguas no Brasil. In: SANTOS, Josalba & OLIVEIRA, Sheila Elias de (orgs.). *Mosaicos de linguagens*. Guarapuava, PR: Cellip – Campinas, SP: Pontes; 2006. p 11.27

GUIMARÃES, Eduardo. Domínio Semântico de Determinação. in. *A palavra: forma e sentido*. GUIMARÃES, E; MOLLICA, M. C. Campinas, SP: Pontes/RG, (2007). P.77-96. (2007)

GUIMARÃES, E. A Enumeração: Funcionamento Enunciativo e Sentido. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. (UNICAMP), v. 1, p. 49-68, 2009.

_____. *Análise de texto: Procedimentos, Análises, Ensino*. Campinas: RG Editores 2011.

_____, E. Breve reflexão sobre o espaço de enunciação: relações de línguas na colonização portuguesa no Brasil. in: *Estudos da Linguagem; Língua, sujeito e história*. ZATAR, N. ; DI RENZO, A. Canpinas, SP: Pontes Editores. 2012

_____. Uma hipótese sobre a metáfora. In: *Análise do Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre: uma homenagem a Eni Orlandi*. RODRIGUES, E., SANTOS, G., ANDRADE, L. (orgs). Campinas, SP: RG Editora, 2011.

GRIN, François. *Gestion « à la Suisse » de la diversité linguistique : un succès menacé par l'économie*, 1999.

HAMEL, R. H. "La política del lenguaje y el conflicto interétnico: Problemas de investigación sociolingüística" (reimpresión de 1986b), en: ORLANDI, Eni P. (ed.): *Política lingüística na América Latina*. Campinas: Pontes, 41-73. 1988.

KOUBI, Geneviève & GUILLOREL, Herve. *Langue Et Droits ; Langues Du Droit ; Droit Des Langues*. 2000.

LABOV, W. *Padrões Sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972]

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34 (Coleção TRANS). 1996.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010.

NAPPEY, G. & Mix & Remix. *Histoire Suisse*. 2013.

ORLANDI, E. *Terra à vista – Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo*. Campinas: Editora da UNICAMP ; Cortez Editora, 1990.

ORLANDI, E. et alii (org) 1998. L'hiperlangue brésilienne, *Langages*, nº130, Larousse, Paris.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. 2002. *Língua e Conhecimento Linguístico*. São Paulo. Cortez.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.

_____. A Língua Brasileira. *Ciência e Cultura*. Versão online (2005) http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200016&script=sci_arttext

_____. *Análise de discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. 2009. *Língua Brasileira e Outras Histórias*, Campinas: RG.

_____. 2012. *Espaços Linguísticos e seus desafios: convergências e divergências*.

PÊCHEUX, M.; GADET, F. *A língua inatingível. O discurso na história da lingüística*. Trad. Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni P. Orlandi. 4.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

_____. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Tradução e introdução de José Horta Nunes. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007, p. 50.

RANCIÈRE, J. [1994] *Os nomes da história: uma poética do saber*. Campinas, SP: Pontes, 1994.

RANCIÈRE, J. *O desentendimento*. Ed. 34. São Paulo. 1996.

REIS, C. F. *Os sentidos de portunhol e spanglish no espaço enunciativo da internet : um estudo das relações de determinação e (des)legitimação*. 2010. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem.

_____. Política Linguística e Tradução: Algumas Reflexões. Apresentação oral na VI Jornada de Políticas Linguísticas do Bacharelado e do Programa de Pós-Graduação em Linguísticas da UFSCar. 2014 (no prelo)

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, C. Políticas Públicas de Direito à Língua e Consenso Etnocultural: Uma Reflexão Crítica. In. *Discurso e Políticas Públicas: A Fabricação do Consenso*. ORLANDI, E. (org.): Campinas, Ed. RG, 2010.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. 2º. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

SÉRIOT, P. Linguística nacional ou Linguística nacionalista? In: *Línguas e instrumentos linguísticos* n. 1. (53-69). Campinas, SP: Pontes, 1997-2001.

_____: Ethnos et Demos : la construction discursive de l'identité collective", *Langages et Société* (Paris : MSH), 1997, n° 79, p. 39-52.

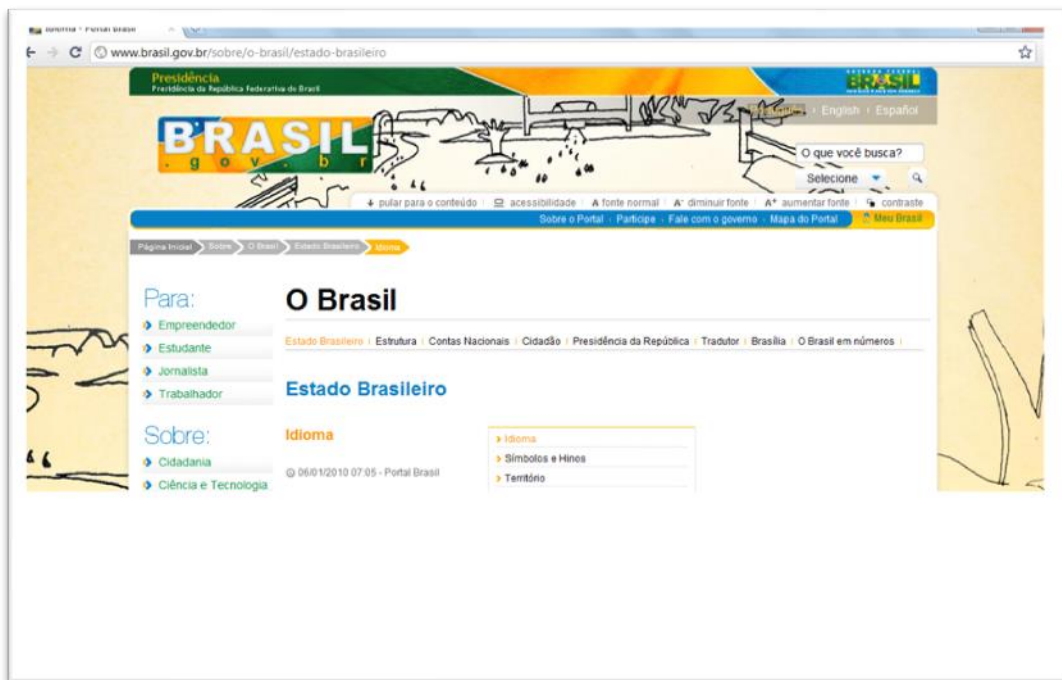
SÉRIOT, P. : «La linguistique spontanée des traceurs de frontières», in P. Sériot (éd.) : Langue et nation en Europe centrale et orientale, du 18ème siècle à nos jours, *Cahiers de l'ILSL* (Univ. de Lausanne), n° 8, 1996, p. 277-304.

_____. "Faut-il que les langues aient un nom? Le cas du macédonien", in Andrée Tabouret-Keller (éd.): *Le nom des langues. L'enjeu de la nomination des langues*, vol. 1, Louvain : Peeters, 1997, p. 167-190.

SWITZERLAND. *Département fédéral des affaires étrangères. Présence Suisse*. Último acesso 22/06/2014. Disponível em <www.swissworld.org/fr/>.

VIII. APÊNDICE

APÊNDICE

1) Site do Brasil (www.brasil.gov.br)Figura 1. Adaptada de www.brasil.gov.br.

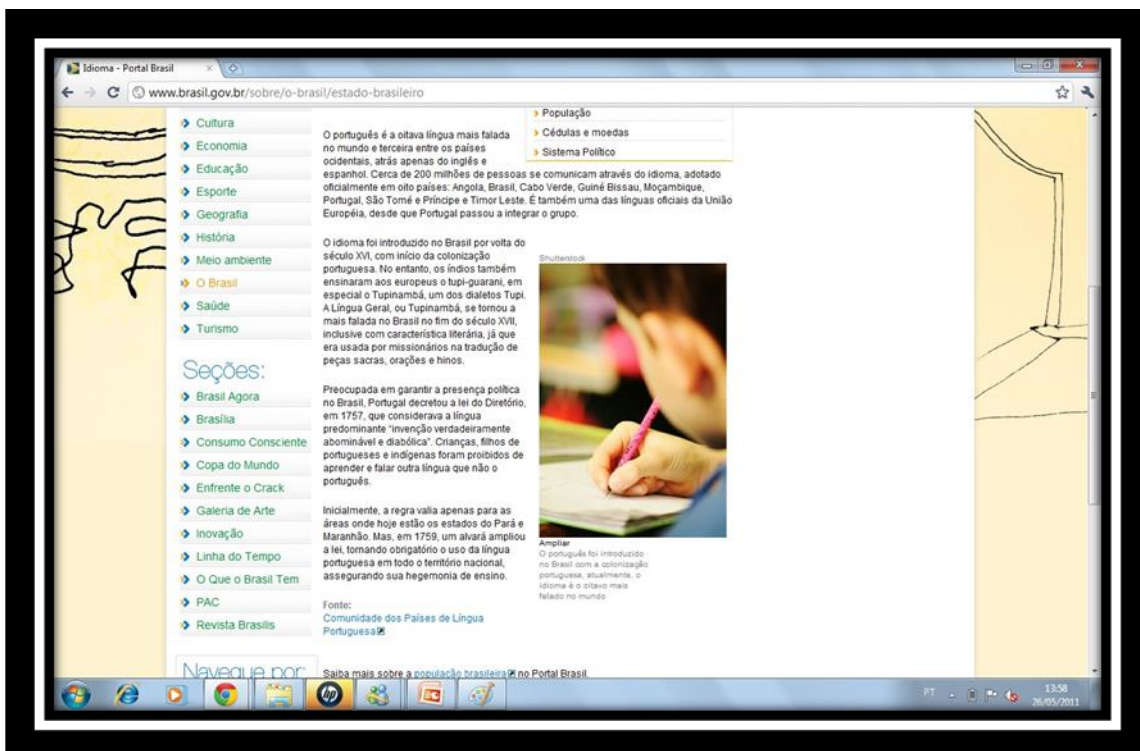
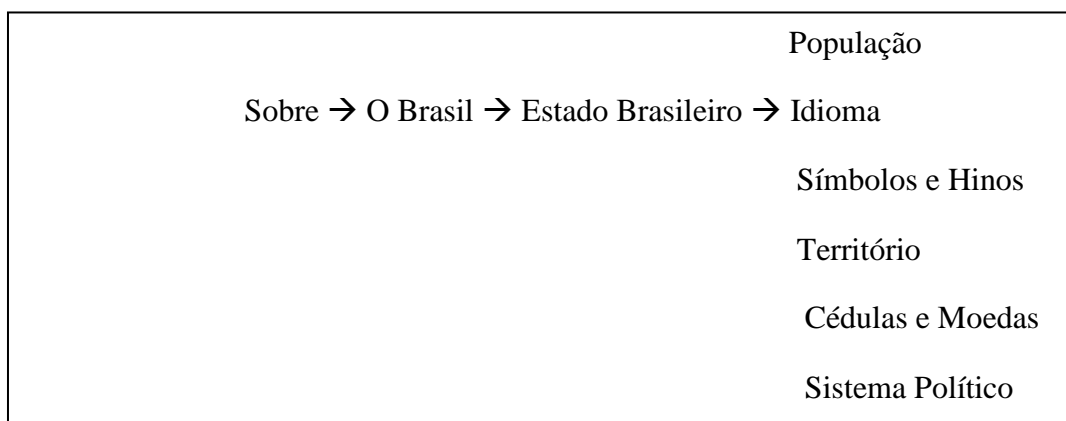


Figura 2. Adaptada de www.brasil.gov.br)

Links



V. O Português é a oitava língua mais falada no mundo e terceira entre os países ocidentais, atrás apenas do inglês e espanhol.

l'. Cerca de 200 milhões de pessoas se comunicam através do idioma, adotado oficialmente em oito países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

I'’. É também uma das línguas oficiais da União Européia, desde que Portugal passou a integrar o grupo.

VI. O idioma foi introduzido no Brasil por volta do século XVI com início da colonização portuguesa.

VII. No entanto, os índios também ensinaram aos europeus o tupi-guarani, em especial o Tupinambá, um dos dialetos do tupi.

III'. A língua geral, ou o Tupinamba, se tornou a mais falada no Brasil do século XVII, inclusive com característica literária, já que era língua usada por missionários na tradução de peças sacras, orações e hinos.

VIII. Preocupada em garantir a presença política no Brasil, Portugal decretou a lei do Diretório, em 1757, que considerava a língua predominantemente “invenção verdadeiramente abominável e diabólica”. Crianças, filhos de portugueses e indígenas foram proibidos de aprender a falar outra língua que não o português.

Hiperlink :

→ Fonte : Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

2) Site do Brasil reformulado

brasil.gov.br/governo/2012/04/04-portugues-e-um-dos-idiomas-mais-falados-do-mundo

uia Les représentations ... BonPatron » corre... Democracia Política ... Arte da guerra, arte ... Société d'Histoire et ... Revista Rua > Edição da

BRASIL Acesso à Informação #CopaDasCopas Participe Serviços Legislação Canais

para o conteúdo para o menu para a busca para o rodapé

ACESSIBILIDADE ALTO CONTRASTE MAPA DO SITE

Portal Brasil

Buscar no portal

Perguntas frequentes Fale com o Governo Fale com a Presidenta

VOCÊ ESTÁ AQUI: PÁGINA INICIAL > GOVERNO > 2012 > 04 > O PORTUGUÊS É UM DOS IDIOMAS MAIS FALADOS DO MUNDO

Últimas notícias
Copa 2014
Navegue por Estados
Planos e Programas
Portal Planalto
Blog do Planalto

GOVERNO E POLÍTICA

O português é um dos idiomas mais falados do mundo

História

A **língua** é adotada oficialmente por oito países – Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste –, além de Macau

por Portal Brasil
Publicado: 28/04/2012 13:24
Última modificação: 04/09/2013 18:55

Curte 0
Tweetar 0

Guia de Serviços
Consulte serviços públicos de forma fácil

ÚLTIMAS NOTÍCIAS
Dilma recebe Merkel e reforça parceria comercial entre os dois países

ASSUNTOS
Cidadania e Justiça

Infográficos
Aplicativos
Dados Abertos
Imagens

Embora predominante, o português falado no Brasil varia conforme a região e a localidade, como evidenciam os diferentes sotaques. Além da influência dos idiomas dos povos que passaram ou imigraram para o Brasil ao longo da história (holandeses, franceses, espanhóis, árabes, italianos etc.), os sotaques se devem às diferenças no idioma dos colonizadores, que vieram de Portugal em distintas épocas e regiões.

Outro aspecto relevante é que, embora a **língua** portuguesa seja a oficial, ela não é a única: pesquisadores calculam que, além dela, ainda existam pelo menos 180 **línguas** indígenas no Brasil. A essas se somam as **línguas** alóctones (de descendentes de imigrantes), **línguas** crioulas, práticas linguísticas diferenciadas dos quilombos e duas **línguas** de sinais. Ou seja, por essa perspectiva, o Brasil pode ser considerado um País multilíngue.

Recentemente, ações no campo das políticas públicas têm procurado resgatar e preservar **línguas**. Na educação, a implantação da educação escolar indígena bilíngue tem colaborado para a preservação de **línguas** indígenas. Outra iniciativa relevante foi a Inclusão, no Censo Populacional, de uma pergunta para identificar a **língua** falada pelas pessoas que se autodeclararam indígenas.

O Brasil estabeleceu um cronograma para a vigência do Acordo Ortográfico da **Língua** Portuguesa, que prevê a padronização da escrita entre os oito países que têm a **língua** portuguesa como oficial e integram a **Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP)**, com o objetivo de ampliar o intercâmbio cultural e científico.

A reforma ortográfica apresenta mudanças que envolvem o fim do trema, novas regras para a acentuação e para o emprego do hífen, além da inclusão das letras w, k e y no alfabeto. Ao todo, as alterações vão atingir cerca de 0,5% das palavras. O português em braille também acompanha as mudanças.

O Brasil estabeleceu um cronograma para a vigência do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que prevê a padronização da escrita entre os oito países que têm a língua portuguesa como oficial e integram a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), com o objetivo de ampliar o intercâmbio cultural e científico.


A reforma ortográfica apresenta mudanças que envolvem o fim do trema, novas regras para a acentuação e para o emprego do hífen, além da inclusão das letras w, k e y no alfabeto. Ao todo, as alterações vão atingir cerca de 0,5% das palavras. O português em braile também acompanha as mudanças.

Confira as outras mudanças no aplicativo Acordo Ortográfico

Fontes:

Ações preservação línguas indígenas

Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

Todo o conteúdo deste site está publicado sob a licença Creative Commons CC BY ND 3.0 Brasil 



Reportar erro

registrado em: [acordo ortográfico](#) [idioma](#) [língua portuguesa](#) [português](#)

[reforma ortográfica](#) [p](#)

Assunto(s): [Culturas étnicas](#) , [Folclore e cultura popular](#)

3) Site da França .França. Página 1. Connaître

Figura 1 Adaptada de <http://www.france.fr/connaître/culture-et-patrimoine/langue-francaise>.

The screenshot displays the France.fr website interface. At the top, there is a navigation bar with the site's logo, a search bar, and language options (Français, English, Deutsch, Español, Italiano, Português). Below the navigation bar, a main menu includes 'CONNAÎTRE', 'VISITER', 'VIVRE', 'ETUDIER', 'TRAVAILLER', and 'ENTREPRENDRE'. The central image shows a person walking through a vineyard. Below the image, a breadcrumb trail reads 'Accueil > Connaître > Culture et patrimoine > Langue française'. The main content area is titled 'Langue française' and features a red sidebar with navigation options: 'Géographie', 'Histoire', 'Culture et patrimoine', and 'Patrimoine classé à'. The main content includes two featured articles: 'La solidarité au cœur de' with a book cover 'DIS-MOI DIX MOTS' and '13e édition du Printemps' with a colorful graphic and the text 'J'ai vu des textes alignés déployer des nuages de paysage en gouttelettes'. A section titled 'Tester son niveau de français' provides information for non-francophones seeking work or study in France.

Figura 2 Adaptada de <http://www.france.fr/connaitre/culture-et-patrimoine/langue-francaise>.

www.france.fr/connaitre/culture-et-patrimoine/langue-francaise

Nova guia Meu Vivo Secrétariat d'Etat à l'... Animal Collective - ... Les représentations ...

Esta página está em francês Deseja traduzi-la? Traduzir Não Opções

NAVIGUER DANS...

- Géographie
- Histoire
- Culture et patrimoine
 - Patrimoine classé à l'Unesco
 - Arts
 - Langue française
- Société
- Institutions et valeurs
- Economie
- Recherche et innovation
- Développement durable
- France créative
- Europe
- Monde
- Défense et sécurité

Langue française

La solidarité au cœur de la Semaine de la langue française et de la francophonie

La Journée internationale de la francophonie (20 mars) invite cette année à célébrer le lien de solidarité qui, grâce au partage de la langue, fonde [...]

13e édition du Printemps des poètes : « D'infinis paysages »

Comme la Musique ou le Cinéma, la poésie a également sa Fête avec le Printemps des poètes. Chaque année, au mois de mars, cet événement met à [...]

Tester son niveau de français

Un non francophone souhaitant, pour des raisons personnelles, pour travailler en France ou pour étudier en France, faire évaluer et valider ses connaissances [...]

La protection de la langue française

L'article 2 de la Constitution, qui prescrit que "la langue de la République est le français", est l'aboutissement d'une longue histoire. Dès [...]

La diversité des langues régionales

Si la seule et unique langue de la République est le français, les "langues de France" ou langues régionales et minoritaires, constituent un patrimoine [...]

Questions/Réponses

Comment fonctionne l'aménagement du territoire ?	Où trouver les coordonnées des ambassades et consulats français à l'étranger ?	Quelles différences entre le Conseil constitutionnel et le Conseil d'Etat ?
--	--	---

www.france.fr/connaître/culture-et-patrimoine/langue-francaise

Nova guia / Meu Vivo / Secrétariat d'Etat à l'... / Animal Collective - ... / Les représentations ...

Esta página está em francês - Deseja traduzi-la? Traduzir Não Opções

Economie

Recherche et innovation


Développement durable

France créative

Europe


Monde

Défense et sécurité



Langue française

Le français est une langue parlée par plus de 200 millions de personnes sur la planète et les moyens de l'apprendre sont nombreux



La France, terre de champagnes

Aujourd'hui, synonyme de festivités et de grandes occasions à célébrer, le champagne est un produit de luxe, et pourtant accessible, dont la notoriété mondiale fait honneur au made in France.

La protection de la langue française

L'article 2 de la Constitution, qui prescrit que "la langue de la République est le français", est l'aboutissement d'une longue histoire. Dès [...]

La diversité des langues régionales

Si la seule et unique langue de la République est le français, les "langues de France" ou langues régionales et minoritaires, constituent un patrimoine [...]

Questions/Réponses

Comment fonctionne l'aménagement du territoire?	Où trouver les coordonnées des ambassades et consulats français à l'étranger?	Quelles différences entre le Conseil constitutionnel et le Conseil d'Etat?
Comment voter en France?		

Toutes les Questions/Réponses

Figura 3 Adaptada de <http://www.france.fr/connaitre/culture-et-patrimoine/langue-francaise/la-protection-de-la-langue-francaise>.

← → ↻ www.france.fr/connaitre/culture-et-patrimoine/langue-francaise/la-protection-de-la-langue-francaise

Nova guia Meu Vivo Secrétariat d'Etat à l'... Animal Collective - ... Les représentations ...

Esta página está em francês Deseja traduzi-la? Traduzir Não Opções

Accueil > Connaitre > Culture et patrimoine > Langue française

La protection de la langue française

Partager ce contenu [f](#) [t](#) [ti](#) [m](#)

[L'article 2 de la Constitution](#), qui prescrit que "la langue de la République est le français", est l'aboutissement d'une longue histoire. Dès 1539, François 1^{er} décide par l'ordonnance de Villers Cotterets (1539) que le français sera la seule langue parlée du royaume, celle des documents publics et de l'état civil. Puis Richelieu fonde en 1635 l'*Académie française* et lui donne pour mission de veiller sur la langue et son usage. Une mission qu'elle remplit toujours aujourd'hui, aidée en cela par le [cadre légal](#) qui régit son usage.

Pour aller plus loin

L'Académie française sur le site de l'Institut de France	Décret no 96-602 du 3 juillet 1996 relatif à l'enrichissement de la langue française	Le dictionnaire de l'académie française en ligne
Sondage : les Français très attachés à la francophonie, sur le portail du Gouvernement	Rubrique "Langue française" pour apprendre et enseigner le français, sur le site de Radio France Internationale (RFI)	Télécharger le correcteur terminologique de Franceterme pour Open Office

LIENS UTILES

Délégation générale à la langue française et aux langues de France

Institut de France

Canal Académie, première radio francophone académique sur internet

Dis-moi dix mots, opération nationale de sensibilisation à la langue française, du ministère de la Culture et de la Communication

A LIRE AUSSI SUR FRANCE.FR

Tester son niveau de français

La diversité des langues régionales

La solidarité au cœur de la Semaine de la langue française et de la francophonie

10^e édition du Dictionnaire des

Figura 4 Adaptada de <http://www.france.fr/connaitre/culture-et-patrimoine/langue-francaise/la-protection-de-la-langue-francaise>.

www.france.fr/connaitre/culture-et-patrimoine/langue-francaise/la-diversite-des-langues-regionales

Accueil > Connaitre > Culture et patrimoine > Langue française

DOSSIER THÉMATIQUE

Des villes et des régions au cœur de l'identité française

La diversité des régions françaises

Animation : les plus beaux villages de France

Les villes de France : un héritage culturel et historique

La diversité des langues régionales

Quiz : les spécialités gastronomiques régionales

De Lutèce à Paris : histoire de l'Île-de-France et de sa capitale

L'Outre-mer : la France des trois océans

La diversité des langues régionales

Partager ce contenu

Si la seule et unique langue de la République est le français, les "langues de France" ou langues régionales et minoritaires, constituent un patrimoine linguistique et culturel d'une exceptionnelle richesse. Le basque, breton, corse, ou créole pour ne citer qu'eux, illustrent à la fois la diversité et l'unité de l'espace linguistique commun.

Plus d'informations sur les langues régionales de France

Le Corpus de la parole, l'ensemble des langues de France	La politique linguistique française vis-à-vis des langues régionales, sur le site du ministère de la Culture et de la Communication	Langues de France en chansons, par le Hall de la chanson et la Délégation générale à la langue française et aux langues de France
--	---	---

Figura 5 Adaptada de <http://www.france.fr/connaître/culture-et-patrimoine/langue-francaise/la-diversite-des-langues-regionales>.

Links:

Connaître → Culture et Patrimoine → Langue française

Enunciados:

Langue française

I. [La solidarité au cœur de la Semaine de la langue française et de la francophonie](#)

I'. La Journée internationale de la francophonie (20 mars) invite cette année à célébrer le lien de solidarité qui, grâce au partage de la langue, fonde [...]

II. [13e édition du Printemps des poètes : « D'infinis paysages »](#)

II'. Comme la Musique ou le Cinéma, la poésie a également sa Fête avec le Printemps des poètes. Chaque année, au mois de mars, cet événement met à [...]

III. [Tester son niveau de français](#)

III'. Un non francophone souhaitant, pour des raisons personnelles, pour travailler en France ou pour étudier en France, faire évaluer et valider ses connaissances [...]

IV. [La protection de la langue française](#)

IV. L'article 2 de la Constitution, qui prescrit que "la langue de la République est le français", est l'aboutissement d'une longue histoire. Dès [...]

V. [La diversité des langues régionales](#)

V'. Si la seule et unique langue de la République est le français, les "langues de France" ou langues régionales et minoritaires, constituent un patrimoine [...]

Hiperlinks:

Questions/Réponses

➔ Comment fonctionne l'aménagement du territoire ?

➔ Où trouver les coordonnées des ambassades et consulats français à l'étranger ?

➔ Quelles différences entre le Conseil constitutionnel et le Conseil d'Etat ?

➔ Comment voter en France?

VI. [Langue française](#)

VI'. Le français est une langue parlée par plus de 200 millions de personnes sur la planète et les moyens de l'apprendre sont nombreux

Site da França. Página 2. La protection de la langue française

Links:

Conaître → Culture et Patrimoine → La langue française → La protection de la langue française

I. [L'article 2 de la Constitution](#), qui prescrit que "la langue de la République est le français", est l'aboutissement d'une longue histoire.

I'. Dès 1539, François 1^{er} décide par l'ordonnance de Villers Cotterets (1539) que le français sera la seule langue parlée du royaume, celle des documents publics et de l'état civil.

II. Puis Richelieu fonde en 1635 l'[Académie française](#) et lui donne pour mission de veiller sur la langue et son usage. Une mission qu'elle remplit toujours aujourd'hui, aidée en cela par le [cadre légal](#) qui régit son usage

Hiperlinks:

Pour aller plus loin:

→ [L'Académie française sur le site de l'Institut de France](#)

→ [Décret no 96-602 du 3 juillet 1996 relatif à l'enrichissement de la langue française](#)

→ [Le dictionnaire de l'académie française en ligne](#)

→ [Télécharger le correcteur terminologique de Franceterme pour Open Office](#)

→ [Sondage : les Français très attachés à la francophonie, sur le portail du Gouvernement](#)

→ [Rubrique "Langue française" pour apprendre et enseigner le français, sur le site de Radio France Internationale \(RFI\)](#)

Site da França. Página 3. La diversité des langues régionales

Links:

Conaître → Culture et patrimoine → Langue française → La diversité des langues régionales

Enunciados:

- I. Si la seule et unique langue de la République est le français, les "langues de France" ou langues régionales et minoritaires, constituent un patrimoine linguistique et culturel d'une exceptionnelle richesse.
- I'. Le basque, breton, corse, ou créole pour ne citer qu'eux, illustrent à la fois la diversité et l'unité de l'espace linguistique commun.

Hiperlinks:

Plus d'informations sur les langues régionales de France →

→ [Le Corpus de la parole, l'ensemble des langues de France](#)

→ [La politique linguistique française vis-à-vis des langues régionales, sur le site du ministère de la Culture et de la Communication](#)

→ [Langues de France en chansons, par le Hall de la chanson et la Délégation générale à la langue française et aux langues de France](#)

4) Site da Suíça

Site da Suíça. Página 1. Répartition des langues

http://www.swissworld.org/fr/population/langues/repartition_des_langues/

The screenshot shows a web browser window with the title "Répartition des langues - Suisse - Informations". The address bar contains the URL "http://www.swissworld.org/fr/population/langues/repartition_des_langues/". The page content is organized into several sections:

- Navigation:** "Accueil > Population > Langues > Répartition des langues".
- Left Sidebar:** A list of categories including POPULATION, CULTURE, LOISIRS, GÉOGRAPHIE, ENVIRONNEMENT, SCIENCE, ÉDUCATION, ÉCONOMIE, POLITIQUE, HISTOIRE, and a "Thèmes choisis" section.
- Main Content:**
 - POPULATION:** "La population de la Suisse", "Les femmes", "La famille", "Drogues et alcool", "Langues", "Religions", "Les Suisses de l'étranger", "Portraits de femmes célèbres", "Portraits d'hommes célèbres", "Portraits de chocolatiers".
 - Répartition des langues:** "La Suisse possède quatre langues nationales, mais toutes ne sont pas parlées par autant de personnes".
 - L'allemand:** "La majorité de la population vit en Suisse alémanique, la partie du pays où l'on parle allemand. Dans 19 des 26 cantons suisses on parle principalement le dialecte suisse-allemand."
 - Le français:** "Dans la partie ouest du pays, en Suisse romande, on parle français. Quatre cantons sont uniquement francophones: Genève, Vaud, Neuchâtel et le Jura. Trois cantons sont bilingues (allemand et français): Berne, Fribourg et le Valais."
 - L'italien:** "Au Tessin et dans quatre vallées du sud des Grisons, on parle italien."
 - Le romanche:** "Le canton des Grisons est trilingue. On y parle allemand, italien et romanche. Le romanche (ou rhéto-roman) est une langue à racines latines. Les Romanches, 0,5 % de la population suisse, forment le plus petit groupe linguistique."
 - Autres langues:** "Les nombreux étrangers résidant en Suisse y ont amené leurs propres langues. La pratique de toutes ces langues étrangères dépasse maintenant celle du romanche et de l'italien."
- Right Sidebar:** "Langues" section with a list of topics: "Répartition des langues", "Suisse allemand", "Autres dialectes", "Minorités et bilinguisme", "Statut juridique", "Problèmes de communication", "Communauté de cultures ou de voisinage?", "Langues et cultures", "La traduction: une tradition nationale".
- Images:**
 - A bilingual bus stop sign: "Rebenweg oder Alfermée, Ch. des Vignes ou Alfermée".
 - A quadrilingual warning sign for a logging site: "Holschlag, Coupe de bois, Tagli abeni, Tagli de laha".

Figura 1 Adaptada de

www.swissworld.org/fr/population/langues/repartition_des_langues/.

Links:

Population → Langues → Répartition des Langues

Enunciados:

I. La Suisse possède quatre langues nationales, mais toutes ne sont pas parlées par de nombreuses personnes.

II. L'allemand

La majorité de la population vit en Suisse alémanique, la partie du pays où l'on parle allemand.

II'. Dans 19 des 26 cantons suisses on parle principalement le dialecte suisse-allemand.

III. Le français

Dans la partie ouest du pays, en Suisse romande, on parle français. Quatre cantons sont uniquement francophones: Genève, Vaud, Neuchâtel et le Jura.

III'. Trois cantons sont bilingues (allemand et français): Berne, Fribourg et le Valais.

IV. L'italien

Au Tessin et dans les quatre vallées du sud des Grisons, on parle italien.

V. Le Romanche

Le canton de Grisons est trilingue. On y parle allemand, italien et romanche. Le romanche (ou rhéto-roman) est une langue à racines latines. Les romanches, 0,5% de la population Suisse, forment le plus petit groupe linguistique.

VI. Autres langues

Les nombreux étrangers resident en Suisse y ont amené leurs propres langues. La pratique de toutes ces langues étrangères dépasse maintenant celle du romanche et de l'italien.

Site da Suíça. Página 2. Suisse Alemãnd

http://www.swissworld.org/fr/population/langues/suisse_allemand/

Département fédéral des affaires étrangères
 Présence Suisse

www.swissworld.org
 Your Gateway to Switzerland

English | Deutsch | Français | Italiano | Español | 中文 | Русский | 日本語

Chercher

Accueil > Population > Langues > Suisse allemand

POPULATION

La population de la Suisse
 Les femmes
 La famille
 Drogues et alcool
Langues
 Religions
 Les Suisses de l'étranger
 Portraits de femmes célèbres
 Portraits d'hommes célèbres
 Portraits de chocolatiers

CULTURE
LOISIRS
GÉOGRAPHIE
ENVIRONNEMENT
SCIENCE
ÉDUCATION
ÉCONOMIE
POLITIQUE
HISTOIRE

La vie en Suisse

POPULATION

Suisse allemand

La langue utilisée dans la Suisse germanophone se différencie entièrement de l'allemand classique - ou «hochdeutsch» (haut allemand) - tel qu'il existe en Allemagne. Les Suisses allemands parlent le suisse allemand qui, lui-même, se subdivise en de nombreux dialectes locaux. Ces derniers sont suffisamment différents pour qu'il soit possible de déterminer l'origine de l'interlocuteur, mais pas assez pour être incompris d'autres Suisses allemands. Les dialectes les plus difficiles sont ceux de certaines vallées reculées du canton du Valais, mais avec quelques efforts des deux côtés, ils peuvent être compris par ceux qui parlent d'autres dialectes suisses allemands.

En Suisse, le «hochdeutsch» est avant tout et surtout une langue écrite que les enfants suisses allemands doivent apprendre à l'école. Tous les cours sont donnés dans cette langue qui est, du reste, celle des journaux et des magazines, mais aussi de la plupart des livres et, dans une large mesure, celle des médias.

Pour les gens qui ne savent que le «hochdeutsch», le suisse allemand est très difficile à comprendre. Et cela n'est pas simplement dû à l'accent, mais aussi à la grammaire et au vocabulaire qui sont également différents. Ce décalage est un vrai problème en Suisse: les francophones et les italophones qui apprennent l'allemand à l'école se voient enseigner la langue traditionnelle, et découvrent qu'ils ne peuvent toujours pas communiquer avec leurs compatriotes. Les enseignants de la partie germanique déplorent que la plupart de leurs élèves trouvent difficile de maîtriser l'allemand classique, et que leurs études en subissent les conséquences.

Langues

- Répartition des langues
- Suisse allemand
- Autres dialectes
- Minorités et bilinguisme
- Statut juridique
- Problèmes de communication
- Communauté de cultures ou de voisinage?
- Langues et cultures
- La traduction: une tradition nationale

J'aime 8

Figura 1 Adaptada de http://www.swissworld.org/fr/population/langues/suisse_allemand/.

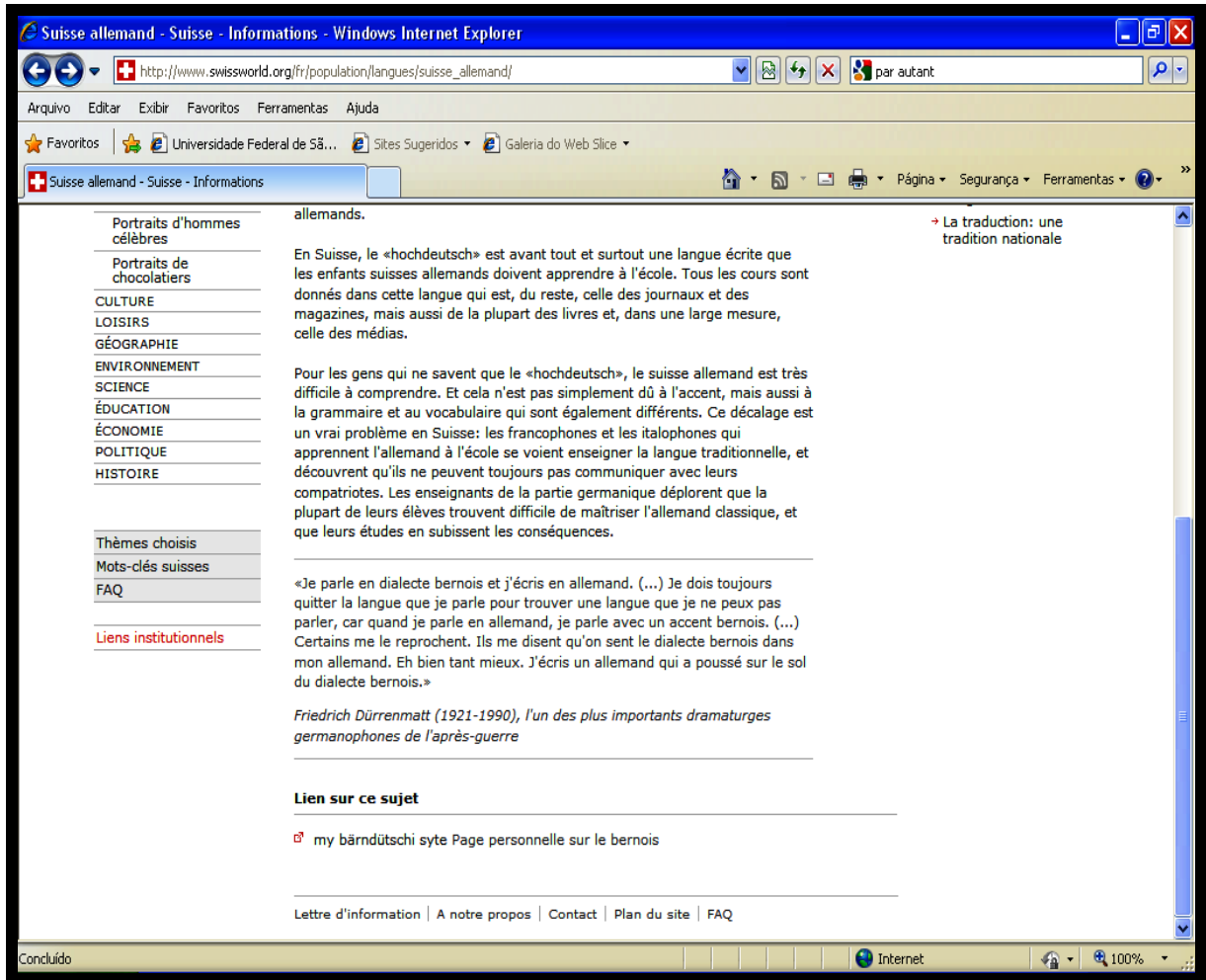


Figura 2 Adaptada de http://www.swissworld.org/fr/population/langues/suisse_allemand/. Links:

Population → Langues → Suisse Alemãnd

- I. La langue utilisée dans la Suisse germanophone se différencie entièrement de l'allemand classique - ou «hochdeutsch» (haut allemand) - tel qu'il existe en Allemagne.
- I'. Les Suisses allemands parlent le suisse allemand qui, lui-même, se subdivise en de nombreux dialectes locaux. Ces derniers sont suffisamment différents pour qu'il soit possible de déterminer l'origine de l'interlocuteur, mais pas assez pour être incompris d'autres Suisses allemands. Les dialectes les plus difficiles sont ceux de certaines vallées reculées du canton du Valais, mais avec quelques efforts des deux côtés, ils peuvent être compris par ceux qui parlent d'autres dialectes suisses allemands.
- II. En Suisse, le «hochdeutsch» est avant tout et surtout une langue écrite que les enfants suisses allemands doivent apprendre à l'école. Tous les cours sont donnés dans cette langue

qui est, du reste, celle des journaux et des magazines, mais aussi de la plupart des livres et, dans une large mesure, celle des médias.

III. Pour les gens qui ne savent que le «hochdeutsch», le suisse allemand est très difficile à comprendre. Et cela n'est pas simplement dû à l'accent, mais aussi à la grammaire et au vocabulaire qui sont également différents.

III'. Ce décalage est un vrai problème en Suisse: les francophones et les italophones qui apprennent l'allemand à l'école se voient enseigner la langue traditionnelle, et découvrent qu'ils ne peuvent toujours pas communiquer avec leurs compatriotes. Les enseignants de la partie germanique déplorent que la plupart de leurs élèves trouvent difficile de maîtriser l'allemand classique, et que leurs études en subissent les conséquences.

III''. «Je parle en dialecte bernois et j'écris en allemand. (...) Je dois toujours quitter la langue que je parle pour trouver une langue que je ne peux pas parler, car quand je parle en allemand, je parle avec un accent bernois. (...) Certains me le reprochent. Ils me disent qu'on sent le dialecte bernois dans mon allemand. Eh bien tant mieux. J'écris un allemand qui a poussé sur le sol du dialecte bernois.»

Friedrich Dürrenmatt (1921-1990), l'un des plus importants dramaturges germanophones de l'après-guerre.

Hiperlink:

Lien sur ce sujet → my bärndütschi syte Page personnelle sur le bernois

Site da Suíça. Página 3. Autres Dialectes.

(http://www.swissworld.org/fr/population/langues/autres_dialectes/)

Figura 1 Adaptada de

http://www.swissworld.org/fr/population/langues/autres_dialectes/

POPULATION

La population de la Suisse

Les femmes

La famille

Drogues et alcool

Langues

Religions

Les Suisses de l'étranger

Portraits de femmes célèbres

Portraits d'hommes célèbres

Portraits de chocolatiers

CULTURE

LOISIRS

GÉOGRAPHIE

ENVIRONNEMENT

SCIENCE

ÉDUCATION

ÉCONOMIE

POLITIQUE

HISTOIRE

Thèmes choisis

Mots-clés suisses

FAQ

Liens institutionnels

POPULATION

Autres dialectes

La situation des dialectes diffère considérablement entre les trois régions latines de Suisse.

Le français

En Suisse romande, les dialectes (ou patois) ont pour l'essentiel disparu. Les Suisses francophones ne font pas qu'écrire le français comme les Français, ils le parlent comme eux, bien que quelques expressions et termes régionaux aient survécu. L'emploi des mots septante et nonante pour 70 et 90 fait partie des helvétismes les plus connus, même si dans de nombreuses régions francophones quatre-vingts l'a largement emporté sur huitante pour 80.

L'italien

En Suisse italienne, par contre, les dialectes font partie intégrante du répertoire linguistique des Tessinois. L'italien est utilisé comme langue écrite et dans la vie publique, alors que le dialecte relève plutôt de la vie privée.

Le rhéto-romanche

Bien qu'il ne soit parlé que par très peu de Suissesses et de Suisses, le rhéto-romanche se présente sous cinq formes distinctes ou «idiomes», chacun ayant sa propre tradition écrite - et chacun étant composé de plusieurs dialectes. Afin de rassembler les variantes linguistiques rhéto-romanes et de les étayer face aux autres langues nationales, une langue standard artificielle a été créée en 1982, le Rumantsch Grischun, qui est un compromis entre les idiomes actuels. Il est utilisé essentiellement à des fins administratives. Dans les médias et dans les œuvres littéraires toutefois la plupart des auteurs préfèrent recourir à leur propre idiome. Les intérêts de la langue dans son ensemble sont défendus par l'organisation faitière, la Lia Rumantscha (Ligue romanche).

Langues

- Répartition des langues
- Suisse allemand
- Autres dialectes
- Minorités et bilinguisme
- Statut juridique
- Problèmes de communication
- Communauté de cultures ou de voisinage?
- Langues et cultures
- La traduction: une tradition nationale

Panneau signalant une barrière à bétail. Le mot «bovi-stop» est un néologisme typiquement suisse qui n'existe dans aucun dictionnaire.

© swissworld.org

attenziun uffants

LINKS:

POPULATION → AUTRES DIALECTES

I. Autres dialectes

I'. La situation des dialectes diffère considérablement entre les trois régions latines de Suisse.

II. *Le français*

II'. En Suisse romande, les dialectes (ou patois) ont pour l'essentiel disparu.

II''. Les Suisses francophones ne font pas qu'écrire le français comme les Français, ils le parlent comme eux, bien que quelques expressions et termes régionaux aient survécu.

II'''. L'emploi des mots septante et nonante pour 70 et 90 fait partie des helvétismes les plus connus, même si dans de nombreuses régions francophones quatre-vingts l'a largement emporté sur huitante pour 80.

III. L'italien

III'. En Suisse italienne, par contre, les dialectes font partie intégrante du répertoire linguistique des Tessinois.

III.'' L'italien est utilisé comme langue écrite et dans la vie publique, alors que le dialecte relève plutôt de la vie privée.

IV. Le rhéto-romanche

IV'. Bien qu'il ne soit parlé que par très peu de Suissesses et de Suisses, le rhéto-romanche se présente sous cinq formes distinctes ou «idiomes», chacun ayant sa propre tradition écrite - et chacun étant composé de plusieurs dialectes.

V. Afin de rassembler les variantes linguistiques rhéto-romanes et de les étayer face aux autres langues nationales, une langue standard artificielle a été créée en 1982, le Rumantsch Grischun, qui est un compromis entre les idiomes actuels.

V'. Il est utilisé essentiellement à des fins administratives. Dans les médias et dans les oeuvres littéraires toutefois la plupart des auteurs préfèrent recourir à leur propre idiome. Les intérêts de la langue dans son ensemble sont défendus par l'organisation faîtière, la Lia Rumantscha (Ligue romanche).

Hiperlinks:

→ Liens sur ce sujet → [Atlas linguistique audiovisuel du Valais romand](#) Université de Neuchâtel

→ Liens sur ce sujet → [Bainvegni](#) Lia Rumantscha

Site da Suíça. Página 4. Minorités et bilinguisme

(http://www.swissworld.org/fr/population/langues/minorites_et_bilinguisme/?type=target%25D_self).

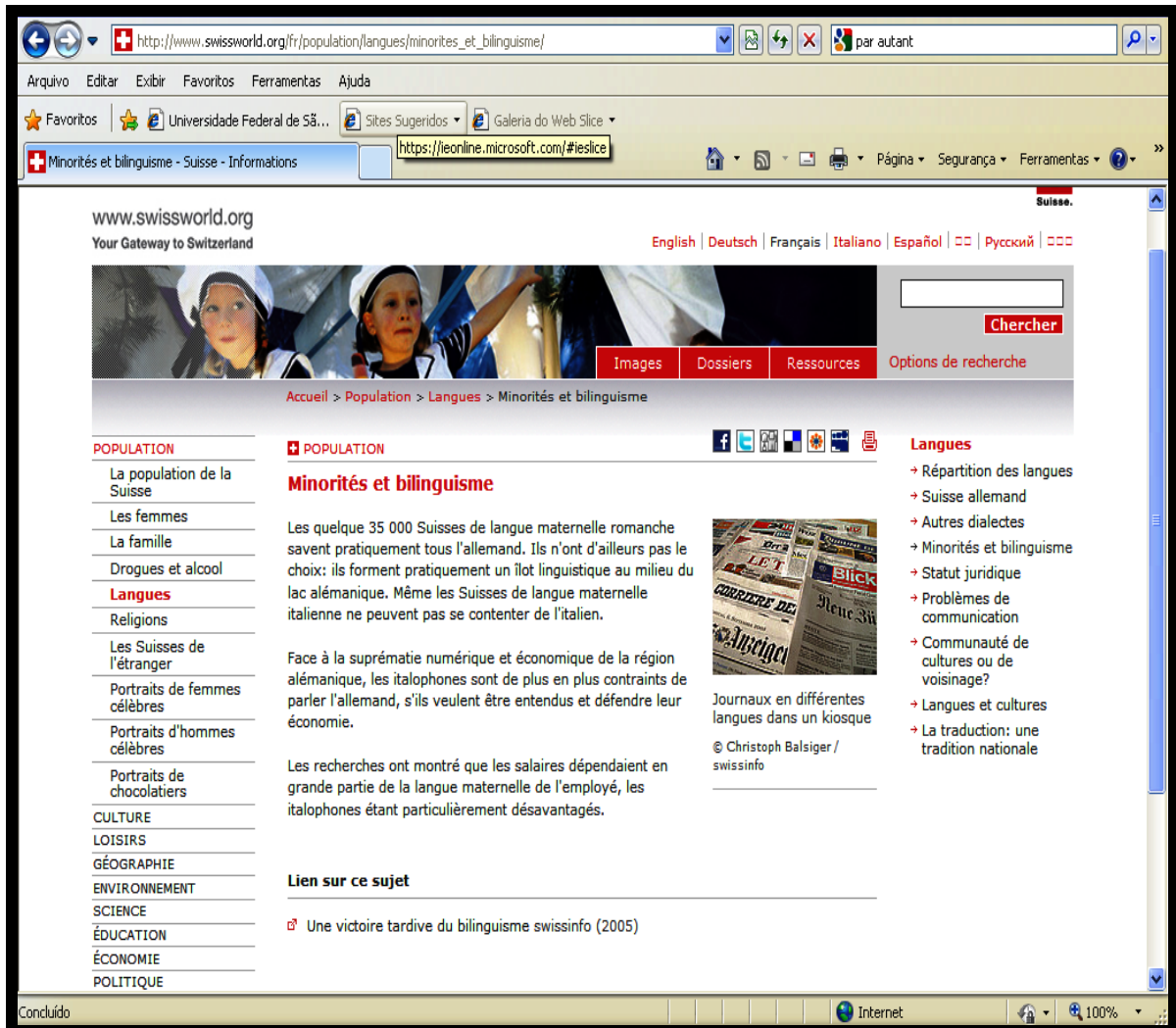


Figura 1 Adaptada de

http://www.swissworld.org/fr/population/langues/minorites_et_bilinguisme/?type=target%25D_self

Links:

POPULATION → Langues → Minorités et Bilinguisme

Enunciados:

I. Minorités et bilinguisme

I'. Les quelque 35 000 Suisses de langue maternelle romanche savent pratiquement tous l'allemand. Ils n'ont d'ailleurs pas le choix: ils forment pratiquement un îlot linguistique au milieu du lac alémanique.

I''. Même les Suisses de langue maternelle italienne ne peuvent pas se contenter de l'italien.

II. Face à la suprématie numérique et économique de la région alémanique, les italophones sont de plus en plus contraints de parler l'allemand, s'ils veulent être entendus et défendre leur économie.

II'. Les recherches ont montré que les salaires dépendaient en grande partie de la langue maternelle de l'employé, les italophones étant particulièrement désavantagés.

Hiperlinks:

Lien sur ce sujet → [Une victoire tardive du bilinguisme swissinfo \(2005\)](#)

The screenshot shows a web browser window displaying the website http://www.swissworld.org/fr/population/langues/statut_juridique/. The page is in French and features a navigation menu with categories like POPULATION, CULTURE, LOISIRS, GÉOGRAPHIE, ENVIRONNEMENT, SCIENCE, and ÉDUCATION. The main content area is titled 'Statut juridique' and contains the following text:

Statut juridique

Le statut juridique des langues est défini par la Constitution suisse. L'allemand, le français, l'italien et le romanche y sont considérés comme langues nationales, mais seules les trois premières sont des langues officielles. Cependant, le romanche est utilisé dans les communications officielles avec des personnes parlant cette langue. Ces dernières ont à leur tour le droit d'utiliser leur propre langue pour s'adresser aux autorités fédérales.

La Constitution contient également des dispositions permettant aux autorités fédérales d'aider le Tessin et les Grisons à soutenir l'italien et le romanche.

On the right side, there is a 'Langues' section with a list of links: Répartition des langues, Suisse allemand, Autres dialectes, Minorités et bilinguisme, Statut juridique, Problèmes de communication, Communauté de cultures ou de voisinage?, Langues et cultures, and La traduction: une tradition nationale.

Figura 1 Adaptada de http://www.swissworld.org/fr/population/langues/statut_juridique/?type=target%253d_self.

Links:

Population → Langues → Status juridique

Enunciados:

I. Statut juridique

I'. Le statut juridique des langues est défini par la Constitution suisse.

II. L'allemand, le français, l'italien et le romanche y sont considérés comme langues nationales, mais seules les trois premières sont des langues officielles.

II'. Cependant, le romanche est utilisé dans les communications officielles avec des personnes parlant cette langue. Ces dernières ont à leur tour le droit d'utiliser leur propre langue pour s'adresser aux autorités fédérales.

III. La Constitution contient également des dispositions permettant aux autorités fédérales d'aider le Tessin et les Grisons à soutenir l'italien et le romanche.

Site da Suíça. Página 6. Problèmes de communication.

(http://www.swissworld.org/fr/population/langues/problemes_de_communication/?type=target%253d_self).

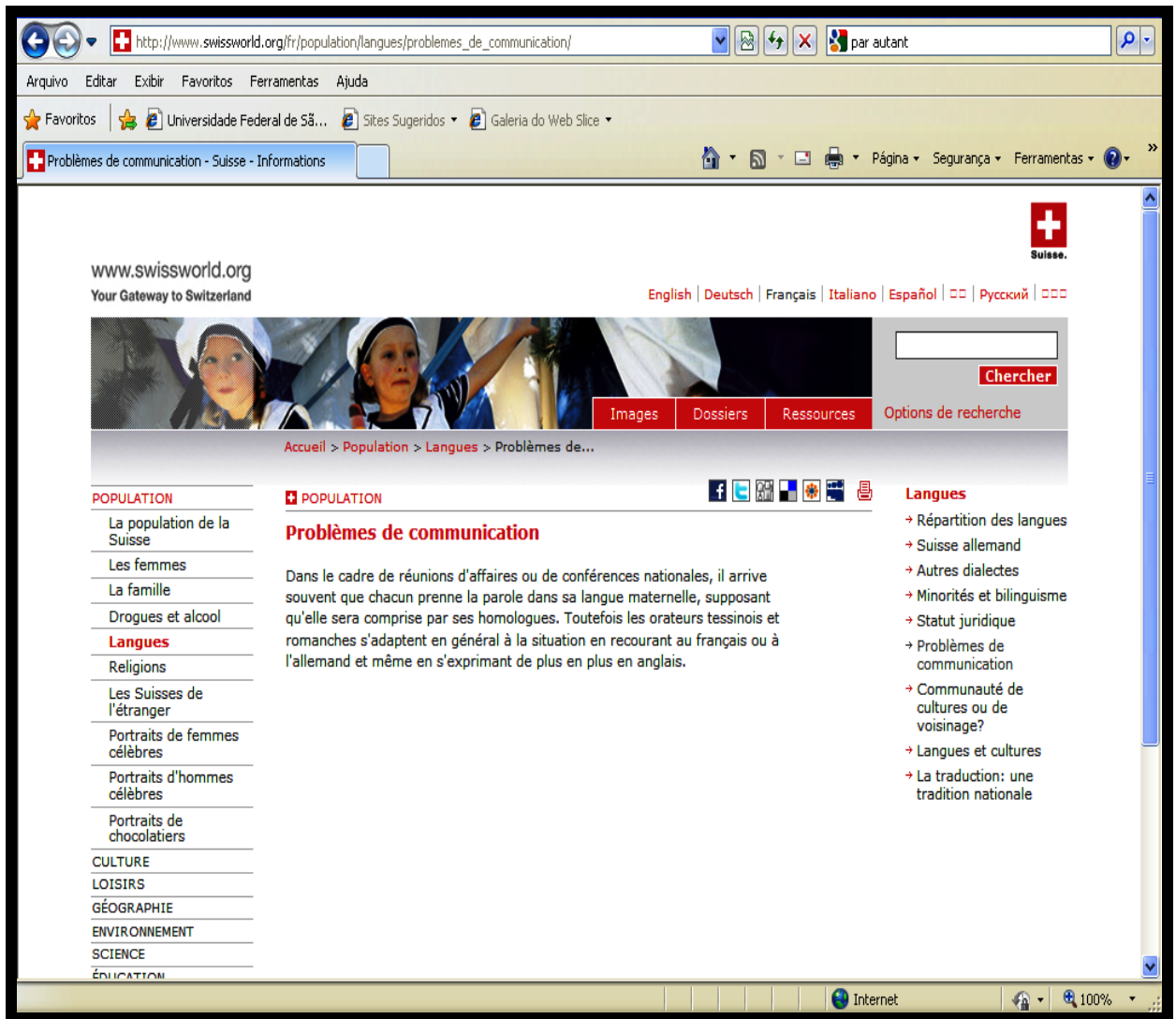


Figura 1 Adaptada de http://www.swissworld.org/fr/population/langues/problemes_de_communication/?type=target%253d_self.

Links:

Population → Langues → Problèmes de communication

I. Problèmes de communication

I'. Dans le cadre de réunions d'affaires ou de conférences nationales, il arrive souvent que chacun prenne la parole dans sa langue maternelle, supposant qu'elle sera comprise par ses homologues.

II. Toutefois les orateurs tessinois et romanches s'adaptent en général à la situation en recourant au français ou à l'allemand et même en s'exprimant de plus en plus en anglais.

(http://www.swissworld.org/fr/population/langues/communaute_de_cultures_ou_de_voisinage/?type=target%25d_self)



Figura

1

Adaptada

de

http://www.swissworld.org/fr/population/langues/communaute_de_cultures_ou_de_voisinage/?type=target%25d_self.

Links:

Population → Langues → Communauté de cultures ou de voisinage?

Enunciados:

I. Communauté de cultures ou de voisinage?

I'. La Suisse se situe au carrefour de trois grandes cultures linguistiques européennes, et chaque région linguistique s'oriente culturellement vers son voisin : la Suisse romande vers la France, la Suisse alémanique vers l'Allemagne, et le Tessin vers l'Italie.

II. Mais, en même temps, chacune a accès à la culture d'autres régions de Suisse. Les programmes radio et télévision de toutes les communautés linguistiques peuvent être captés dans l'ensemble de la Suisse, ce qui ne signifie pas pour autant que les auditeurs suivent des émissions dans d'autres langues.

III. Et même dans les librairies des plus grandes villes, le choix des ouvrages dans une autre langue nationale est limité.

III'. En 2002, la Suisse a publié trois fois plus de livres en anglais qu'en italien. Bien que la moitié des livres publiés cette année aient été écrits par des Suisses ou par des écrivains résidant en Suisse, les auteurs déplorent que très peu d'entre eux aient des lecteurs hors de leur propre région linguistique.

Site da Suíça. Página 8. Langues et cultures.

The screenshot shows a web browser window with the URL http://www.swissworld.org/fr/population/langues/langues_et_cultures/. The browser interface includes a menu bar with 'Arquivo', 'Editar', 'Exibir', 'Favoritos', 'Ferramentas', and 'Ajuda'. The address bar shows the URL and the search engine 'par autant'. The page content is in French and features a header with navigation links in multiple languages: English, Deutsch, Français, Italiano, Español, and Русский. A search bar with a 'Chercher' button is present. The main content area is titled 'Langues et cultures' and includes a paragraph about linguistic boundaries in Switzerland. A sidebar on the left lists various categories like POPULATION, CULTURE, LOISIRS, GÉOGRAPHIE, ENVIRONNEMENT, SCIENCE, ÉDUCATION, ÉCONOMIE, POLITIQUE, and HISTOIRE. A right sidebar lists 'Langues' with sub-topics like 'Répartition des langues', 'Suisse allemand', and 'Autres dialectes'.

(http://www.swissworld.org/fr/population/langues/langues_et_cultures/?type=target%25d_self)

Figura

1

Adaptada

de

http://www.swissworld.org/fr/population/langues/langues_et_cultures/?type=target%25d_self.

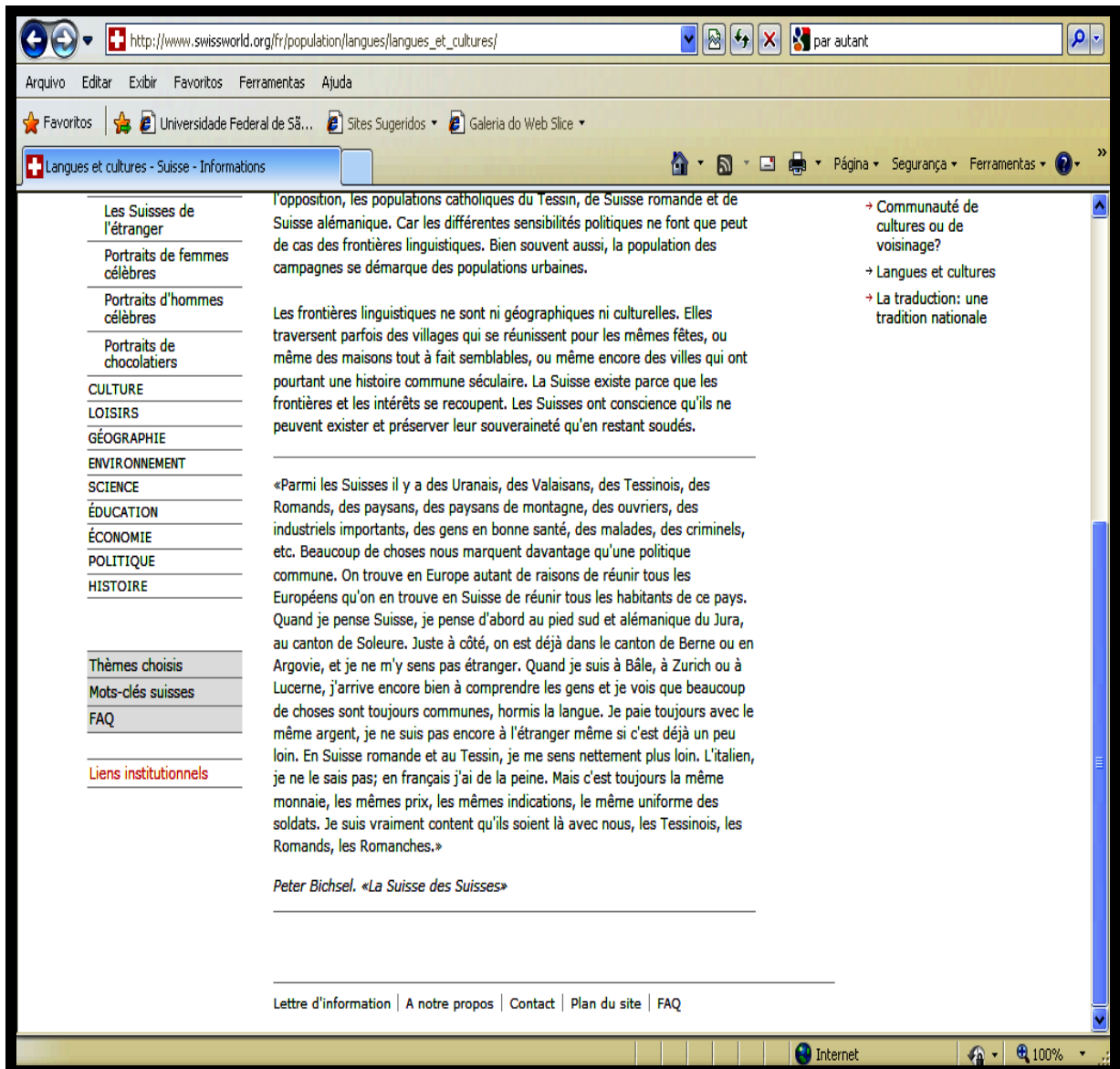


Figura 2 Adaptada de http://www.swissworld.org/fr/population/langues/langues_et_cultures/?type=target%25d_self.

Links:

Population → Langues → Langues et cultures

Enunciados:

I. Langues et cultures

I. En Suisse, les frontières des communautés linguistiques ne coïncident pas avec les frontières politiques ou religieuses.

II. Certains débats politiques épineux tels qu'une nouvelle loi sur l'avortement divisent les citoyens en fronts très disparates. On voit, rassemblées dans l'opposition, les populations catholiques du Tessin, de Suisse romande et de Suisse alémanique. Car les différentes sensibilités politiques ne font que peu de cas des frontières linguistiques. Bien souvent aussi, la population des campagnes se démarque des populations urbaines.

III. Les frontières linguistiques ne sont ni géographiques ni culturelles. Elles traversent parfois des villages qui se réunissent pour les mêmes fêtes, ou même des maisons tout à fait semblables, ou même encore des villes qui ont pourtant une histoire commune séculaire.

IV. La Suisse existe parce que les frontières et les intérêts se recoupent. Les Suisses ont conscience qu'ils ne peuvent exister et préserver leur souveraineté qu'en restant soudés.

V. «Parmi les Suisses il y a des Uranais, des Valaisans, des Tessinois, des Romands, des paysans, des paysans de montagne, des ouvriers, des industriels importants, des gens en bonne santé, des malades, des criminels, etc. Beaucoup de choses nous marquent davantage qu'une politique commune. On trouve en Europe autant de raisons de réunir tous les Européens qu'on en trouve en Suisse de réunir tous les habitants de ce pays. Quand je pense Suisse, je pense d'abord au pied sud et alémanique du Jura, au canton de Soleure. Juste à côté, on est déjà dans le canton de Berne ou en Argovie, et je ne m'y sens pas étranger. Quand je suis à Bâle, à Zurich ou à Lucerne, j'arrive encore bien à comprendre les gens et je vois que beaucoup de choses sont toujours communes, hormis la langue. Je paie toujours avec le même argent, je ne suis pas encore à l'étranger même si c'est déjà un peu loin. En Suisse romande et au Tessin, je me sens nettement plus loin. L'italien, je ne le sais pas; en français j'ai de la peine. Mais c'est toujours la même monnaie, les mêmes prix, les mêmes indications, le même uniforme des soldats. Je suis vraiment content qu'ils soient là avec nous, les Tessinois, les Romands, les Romanches.»

Peter Bichsel. «La Suisse des Suisses»

Site da Suíça. Página 9. La traduction: Une tradition nationale

(http://www.swissworld.org/fr/population/langues/la_traduction_une_tradition_nationale/?type=target%25d_self)

La traduction: une tradition nationale - Suisse - Infor...

Chercher

Images Dossiers Ressources Options de recherche

Accueil > Population > Langues > La traduction: une...

POPULATION

- La population de la Suisse
- Les femmes
- La famille
- Drogues et alcool
- Langues**
- Religions
- Les Suisses de l'étranger
- Portraits de femmes célèbres
- Portraits d'hommes célèbres
- Portraits de chocolatiers

POPULATION

La traduction: une tradition nationale

Dans les magasins, la plupart des produits sont étiquetés en français, en allemand et en italien, ou tout au moins en français et en allemand. Tous les documents officiels sont publiés dans les langues maternelles des personnes concernées. Les secteurs public et privé dépensent beaucoup d'argent pour les traductions.

L'anglais s'insinue dans des situations moins formelles. Les visiteurs sont frappés par le nombre de publicités en anglais ce qui, pour les publicitaires, offre un avantage certain. En effet, l'anglais n'est pas seulement une langue de prestige, pleine d'attraits pour les jeunes, mais les mêmes posters peuvent être utilisés sur le plan national.

Les timbres suisses ont surmonté le problème de la langue en appelant le pays Helvetia. Et c'est peut-être justement parce que ses créateurs vivent dans un pays polyglotte que Pingu, personnage du dessin animé suisse le plus célèbre au monde, est parfaitement intelligible et ce, en dépit de l'originalité de son langage.

Langues

- Répartition des langues
- Suisse allemand
- Autres dialectes
- Minorités et bilinguisme
- Statut juridique
- Problèmes de communication
- Communauté de cultures ou de voisinage?
- Langues et cultures
- La traduction: une tradition nationale

Le facteur Pingu
© swisspost

Figura 1 Adaptada de [http://www.swissworld.org/fr/population/langues/la traduction une tradition nationale/?type=target%25d self](http://www.swissworld.org/fr/population/langues/la%20traduction%20une%20tradition%20nationale/?type=target%25d%20self).

Links:

Population → Langues → La traduction: une tradition nationale

Enunciados:

IV. La traduction: une tradition nationale

I'. Dans les magasins, la plupart des produits sont étiquetés en français, en allemand et en italien, ou tout au moins en français et en allemand.

V. Tous les documents officiels sont publiés dans les langues maternelles des personnes concernées. Les secteurs public et privé dépensent beaucoup d'argent pour les traductions.

VI. L'anglais s'insinue dans des situations moins formelles.

III'. Les visiteurs sont frappés par le nombre de publicités en anglais ce qui, pour les publicitaires, offre un avantage certain.

III''. En effet, l'anglais n'est pas seulement une langue de prestige, pleine d'attraits pour les jeunes, mais les mêmes posters peuvent être utilisés sur le plan national.

IV. Les timbres suisses ont surmonté le problème de la langue en appelant le pays Helvetia.

IV'. Et c'est peut-être justement parce que ses créateurs vivent dans un pays polyglotte que Pingu, personnage du dessin animé suisse le plus célèbre au monde, est parfaitement intelligible et ce, en dépit de l'originalité de son langage.
